

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. D I B O A — TELEX. 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 43 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

NIXON CANDIDATO REPUBLICANO À PRESIDÊNCIA

MIAMI BEACH, — (R.) — O Partido Republicano escolheu, hoje, Richard Nixon como seu candidato à próxima eleição presidencial de Novembro, em que defrontará, segundo se julga, Hubert Humphrey, indicado como o favorito da Convenção do Partido Democrático que começa no próximo dia 26 em Chicago.

A vitória de Nixon sobre os seus rivais — Rockefeller e Reagan — surgiu logo no primeiro escrutínio como muitos observadores políticos previam. Foi a delegação do Wisconsin que deu a Nixon os votos necessários para atingir a maioria absoluta de 667 votos.

Nixon conseguiu 692 votos, ou seja, mais 25 do que era necessário. Ao terminar a votação, o candidato derrotado Ronald Reagan subiu à tribuna e propôs aos delegados um

voto unânime a favor de Nixon. Uma trovada de aplausos sancionou este pedido e a Convenção declarou-se, por unanimidade, a favor do candidato vencedor.

Nixon deverá anunciar ainda hoje qual o candidato que escolhe para a vice-presidência. O nome mais indicado nos meios da Convenção é o do senador Mark Hatfield, do Oregon.

No entanto, círculos bem informados dizem que o senador Howard Baker também poderá ser escolhido. Embora relativamente novo na política à escala nacional, Baker é genro do chefe republicano senador Everett Dirksen.

Antes de ser confirmada a sua nomeação como candidato à presidência, Nixon tinha declarado hoje que anunciaria, no sábado, se partirá ou não para Moscovo a fim de se avistar com os dirigentes soviéticos.

Nixon, falando numa conferência de imprensa, na terça-feira, tinha dito existir a possibilidade de fazer uma visita a Moscovo mas salientou que ainda nada estava combinado ou decidido.

Nixon declarou que a sua visita a Moscovo, no caso de se realizar, será antes da Convenção do Partido Democrático.

Entre os republicanos verifica-se grande optimismo quanto à vitória do seu Partido e a firme convicção de que Nixon poderá derrotar nas urnas o vice-presidente Humphrey. Os republicanos, que nos últimos 35 anos só ocuparam a Casa Branca durante dois mandatos presidenciais, consideram que 1968 é o ano da sua oportunidade.



Richard Nixon, candidato, pela segunda vez, do Partido Republicano à eleição presidencial de Novembro. Nixon defrontará, segundo tudo leva a crer, Hubert Humphrey, indicado como o favorito da Convenção do Partido Democrático a realizar em Chicago no dia 26 deste mês

INVASÃO DO VALE DE A SHAU PARA AFASTAR A AMEAÇA SOBRE A BASE DE DA NANG

SAIGÃO, 8 — (A. N. I.) — Quatro mil soldados aliados invadiram o vale de A Shau para afastar a ameaça das forças adversárias sobre a base de Da Nang — anunciam hoje informadores militares.

De acordo com as informações do

correspondente de guerra Raymond Wilkinson, as forças aliadas têm encontrado pouca resistência no vale, embora o inimigo tenha abatido dois helicópteros da Armada no domingo e danificado mais dois.

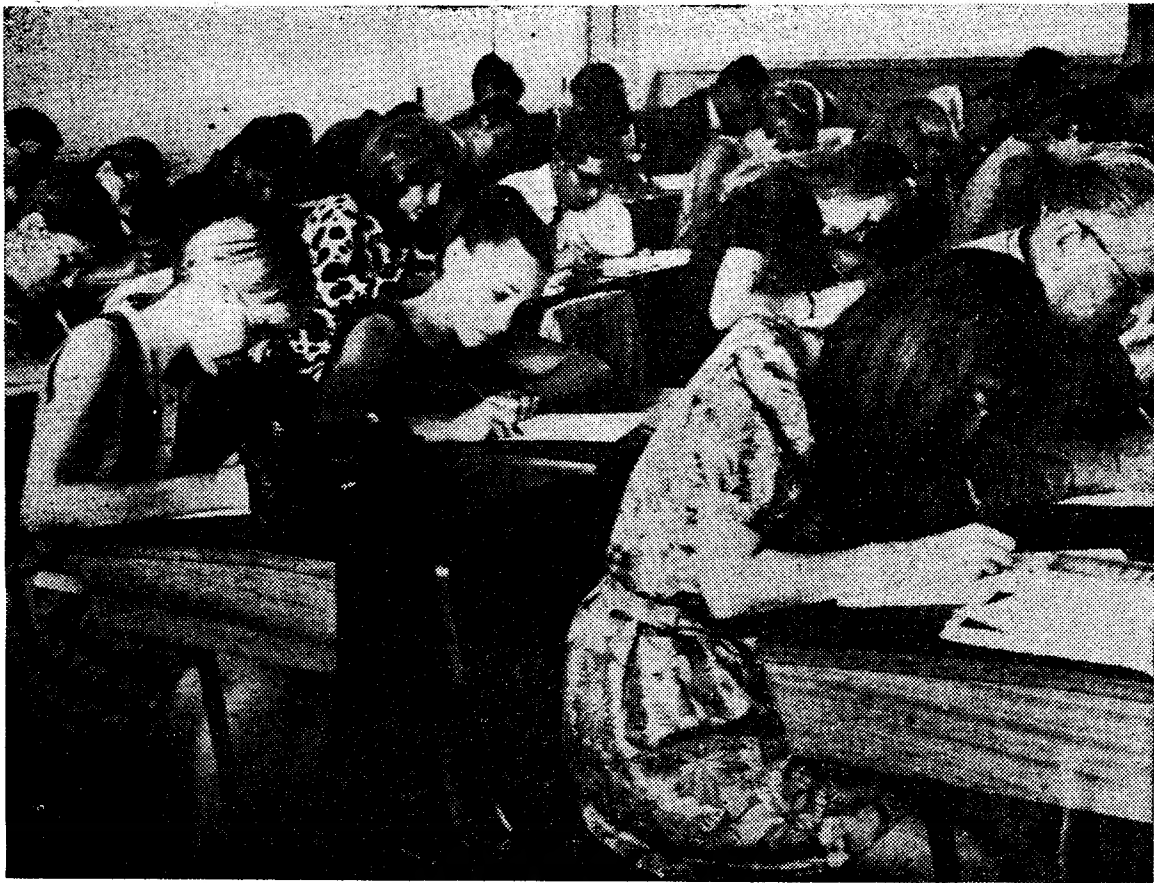
Nos quatro primeiros dias de luta — a operação, designada «Planície Somerset», que só hoje foi anunciada por medida de segurança — as forças adversárias tiveram 15 mortos e os norte-americanos seis mortos e 12 feridos.

O general Melvin Zais, comandante da operação, declarou que os guerrilheiros «reabasteceram substancialmente o vale» com camiões e munições desde à operação ali realizada pelas tropas norte-americanas em Abril, que durou 29 dias. As forças governamentais encontraram um esconderijo de armas.

A invasão do vale, que tem 40 quilómetros de comprimento e fica

(Continua na última página)

É DIFÍCIL APRENDER PORTUGUÊS



Rapazes e raparigas (a juventude predomina, embora ela não se afira só pela idade, como se provou uma vez) vindos das Sete Partidas começaram hoje os exames de Português do Curso de Férias da Faculdade de Letras (Ler reportagem na central)

LUANDA EM CAMISA
REPORTAGEM (Pág. 9)
DE SILVA PINTO

Nota do dia

TOMAR O BANHO E REFRESCAR AS IDEIAS

Talvez que do que mais valha falar seja daquilo que já toda a gente sabe. Em primeiro lugar estabeleça-se a presunção de que se é entendido. Em segundo lugar fica-se ao abrigo de ser suposto impertinente e empertigado por falar do que ninguém entende. Em terceiro lugar talvez até haja o mérito de falar de coisas sabidas, mas esquecidas. A preguiça mental também é o diabo: que maçada ter uma pessoa que pensar... Mas depois, com o exercício, as pessoas desenterram, habitam-se e até lhe podem tomar o gosto. Já não seria mau de todo. Pois com isto o tema de hoje é a notícia de que vai haver uma piscina na Amadora. Ótimo. A Amadora, que foi lugar de saloio das cercanias de Lisboa, ao tempo em que se chamava Porcalhota, sacudi-se de tradições vetustas e boémias para se converter, a quinze minutos de comboio, numa espécie de grande bairro satélite da capital: muitas casas novas, o seu tanto amontoadas, no estilo mela bola e força de que tam-

bém há abundância intramuros lisboetas, logradouro ou dormitório principalmente de gente modesta que trabalha e ganha pouco, mas tem os seus direitos. Não temos dúvida em inscrever o direito à piscina como uma das suas justas aspirações, agora prometida para próxima realização. A experiência das piscinas em Lisboa, mesmo nos bairros aplocaados, veio a revelar-se menos feliz, não por culpa de quem as fez, mas culpa de quem as usa e mostrou usá-las mal. É pena, mas é verdade. Ora, a piscina exemplifica: não basta proclamar um direito, é preciso ganhar direito a merecê-lo e a reclamá-lo. As pessoas tiveram a sua piscina, algumas pessoas mostraram-se incapazes de a usar por falta de várias coisas que todas juntas se podem resumir num total a que poderá chamar-se educação cívica. Quando cada um, cioso do seu direito, for capaz de entender e respeitar o direito dos outros, ah, então, sim, então cada um terá ganho autoridade para reclamar o direito de todos.

De ontem para hoje

O AUTOR CHAMA-SE EURÍPEDES

Chama-se Eurípedes o dramaturgo que o Pirraion Theatron, de Atenas, vai apresentar ao público de Lisboa onde já esteve há cinco anos. Principia esta noite no Tivoli e a «Ifigénia», que os grandes autores dramáticos de todos os povos têm vindo a adaptar aos seus tempos e gentes, representada em grego e escrita há 2300 anos (dois mil e trezentos anos) poderá servir de demonstração que a verdadeira arte não envelhece nem tão pouco se cam os ideais de harmonia e humanidade se forem traçados por um artista de génio e interpretados com fidelidade e respeito. O génio ultrapassa os milénios de anos. E não apenas o génio que concebeu e executou o Partenon ou a Vitoria de Samotracia porque nem só as linhas materializadas e as pedras modeladas fazem a sensibilidade e a inteligência. Para além de arquitectos e escultores, os filósofos e os dramaturgos não resistem menos ao desgaste do tempo e a «Ifigénia» que hoje sobe à cena no Tivoli, não vale menos do que a Vénus de Milo ou a «República», de Platão, no património da humanidade. Resistem aos séculos e até resistem a uma língua estranha, as grandes obras dramáticas. Para assinalar essa presença da arte grega entre nós ofereceu o embaixador da Grécia ontem uma recepção que teve a presença de diplomatas, escritores e artistas. E na troca de saudações entre o embaixador Demétrios Rondiris e o dr. Azeredo Perdigão, este deu a grata notícia de que em breve Lisboa terá no Parque de Santa Gertrudes um teatro ao ar livre. Disse ainda que a Fundação estuda a possibilidade de levar à Grécia o teatro vicentino, uraiz do teatro português, como o teatro grego e é do teatro do Mundo».

FOGO NO MATO

A beira de Lisboa registaram-se ontem

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. general Gomes de Araújo, ministro da Defesa Nacional; drs. Cardoso Pereira, Constantino de Góis e Glória Pacheco, respectivamente governador civil substituto de Setúbal e presidentes dos Municípios daquela cidade e de Almada, acompanhados do presidente da comissão das festas de Setúbal; brigadeiro Armando Girão, presidente da Junta Autónoma de Estradas; eng. Luís de Azevedo Coutinho e o jornalista Urbano Rodrigues.

diversos focos de incêndio que felizmente não foram além de causadores de sustos, mas que atestam como é necessário estar prevenido nestas secas estivais. Na serra de Alferragide arderam muitos arbustos e mato, restolho e pinheiros. Em Rio de Mouro, bem perto do quartel general da Iberlant, também arderam arbustos e mato, restolhos e uns pinheiros. No Alto da Bela Vista, perto do Cacém, houve também chamadas devoradoras. E ali bem perto do forte de S. Julião da Barra, mesmo á beirinha da Marginal, houve também lume ace-

NA RECTA DO CASAL DO MARCO

Na estrada de Setúbal, a seguir ao Casal do Marco, onde tantos desastres se têm verificado, plantou-se ontem mais uma cruz. O furriel mecânico-aviador da Base do Montijo, José Maria Belo Falcão, de 27 anos, do Crato e morador na Venda Nova, ia por essa recta, com boa velocidade. Ia a ultrapassar, mas verificou ser impossível por surgir outro veículo. Ao travar, o veículo desistiu-se e foi chocar de frente com um eucalipto. Despenhou-se numa ravina no fundo da qual se imobilizou. Ao hospital de Almada chegou sem vida o condutor. Um soldado que viajava no mesmo carro encontra-se em estado grave no Hospital Militar Principal.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Passava em Sabugosa um carro guiado pelo sr. Américo Ferreira Alexandre, funcionário bancário de Viseu. Surgiu inesperadamente a pequena Maria Teresa Sousa Baptista, de 5 anos, que tinha sido chamada por outro peiz. Foi chamamento de morte porque o carro foi a ceifeira para a vida da pequena Maria Teresa...

ESTÁ EM CONSTRUÇÃO A PISTA DO CAMPO DE AVIAÇÃO DE COIMBRA

COIMBRA, 8 — Na reunião da Camara Municipal, o presidente, sr. eng. Araujo Vieira, fez uma importante comunicação. Depois de afirmar que uma das maiores actividades do Serviço de Obras tem sido a construção de pavimentos das vias rodoviárias da cidade e da zona rural, falou das obras concluídas, de outras em curso ou projectadas.

Referiu-se á conclusão da primeira fase das ruas junto ao Liceu Infanta D. Maria e a ligação dos bairros Marechal Carmona e Fonte do Castanheiro, que mereceram — disse — o aplauso da reitoria do Liceu Feminino e do seu conselho e dos moradores dos blocos residenciais da Lomba da Arregaça. Acrescentou que, dentro de dias, ficará concluído o tapete betuminoso da Alameda Julio Henriques e que está em curso a primeira parte da Rua de Santa Teresa, a qual deve ficar concluída no fim do corrente mês, seguindo-se a obra do tapete betuminoso daquela artéria e da Rua Infanta n.º 23, até os Arcos do Jardim, prevendo-se que essa construção não prossiga este ano, pela necessidade de deixar consolidar as fundações dos arruamentos feitos.

Será de admitir, também — disse o orador — que por dificuldades surgidas na instalação do saneamento, a segunda fase de construção do pavimento da Rua Dr. António José de Almeida não esteja em condições de ser iniciada depois de concluída a obra da Rua de Santa Teresa. Se assim for — assinalou — dar-se-á início á construção da marginal de acesso ao Choupal, cuja autorização foi concedida pelo sr. ministro das Obras Publicas.

O sr. eng. Araujo Vieira acentuou o interesse que tem a construção da referida estrada para o descongestionamento do trânsito da Avenida Fernão de Magalhães, como, oportunamente, foi apontado pelos órgãos da informação, e assim se insistira com o anterior ministro das Obras Publicas, que, como o actual, deu todas as facilidades, embora a estrada pertença á Hidráulica do Mondego.

Proseguindo, disse que, dadas as dificuldades financeiras do momento, não foi possível estimar qualquer verba, embora o ministro veja com todo o interesse a ajuda que possa ser dada pela Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos. Com a disposição do ministro e com a colaboração do vereador sr. eng. Azevedo Sobral, director da Hidráulica do Mondego — afirmou — será possível realizar essa obra e vencer as dificuldades técnicas e financeiras que não-de surgir. Acentuou, ainda, que essa obra terá de ser feita sem prejuizo da que está em curso na Rua Dr. António José de Almeida, pelo que poderá ser interrompida logo que se possa ali trabalhar.

Disse, depois, o orador que continuam os trabalhos de abertura da nova Avenida do Tovim e da passagem superior da Arregaça, mas que essas foram interrompidas devido á falta de compreensão de alguns proprietários, esperando-se, porém, que tudo se resolva

sem se recorrer aos tribunais e referindo-se a atitude dos proprietários do Tovim, alguns bem modestos, que bem acolheram a importante obra na qual desejaram colaborar.

Comunicou, ainda, o presidente, que os Serviços de Obras deram já início á construção da pista do campo de aviação cujo valor enalteceu; e por fim, referindo-se á Central de Camionagem, leu um officio do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres em que acusa a recepção das plantas com os locais á escolha para a construção da Central, cujos estudos vão começar, não estando por isso dependente da Camara qualquer elemento de escolha do local.

O sr. eng. Azevedo Sobral tratou também de outros assuntos, entre os quais o da variante para a saída para o Norte, e solicitou que fosse requisitado o material destinado á sinalização da Praça 8 de Maio e do Arnado e congratulou-se com as obras de conservação no Parque de Santa Cruz. Falou, ainda sobre as casas para pobres em Lordemão, cujos estudos — disse — estão feitos e os projectos elaborados, e até propostas para a construção de blocos que faltavam, portanto, só iniciar. O sr. presidente deu esclarecimentos; e, depois, o sr. dr. Viriato Namora informou que só na próxima sessão podia tratar do caso do Convento de Santa Clara-a-Velha, por lhe faltarem ainda alguns elementos.

O ÊXITO FAZ
A POPULARIDADE

ANTÓNIO
MOURATO

A POPULARIDADE
FAZ O ÊXITO

OUVE LÁ
O PÁ

(do mesmo autor de «Vou dar de beber á dor»)

DISCO DECCA PEP 1253

A venda nos revendedores habituais e em

VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L.



ARMANDA PERFUMES

Informa as suas Ex.^{mas} Clientes que durante os meses de Agosto e Setembro, para descanso do seu pessoal, ENCERRARÁ AOS SÁBADOS ÀS 13 HORAS.

AUTOCARROS DE DOIS PISOS PARA AS CARREIRAS DA TRANSUL ENTRE LISBOA E A COSTA DE CAPARICA



partir do próximo domingo, 11, a TRANSUL põe ao serviço do público estes cinco modernos e confortáveis autocarros de dois pisos, os quais se destinam, principalmente, às carreiras entre Alcântara e a Costa de Caparica.

Ora diga-nos...

— Gosta de boxe?

A luta desenfreada de dois homens, distribuindo generosamente murros entre as cordas de um ringue, não agrada a todos, embora essa modalidade ainda consiga arrastar muitos adeptos (principalmente nos Estados Unidos, o que aliás se compreende).

● — Quanto a mim — declarou-nos o terceiro-escriturário José Carlos Pereira da Mota, de 19 anos

— acho esse desporto estúpido, não tem razão de ser. Os seres humanos não devem competir para ver quem é fisicamente mais forte, ao ponto de ferir ou, até, matar, o adversário. Ainda seria aceitável tal prática se os «bo-



do sol da praia. Ros. to simpático. Chama-se Miguelina Lopes. Torce o nariz (arrebido).

— É um desporto rude que não traz vantagens a ninguém. Considero que a actividade desportiva, como a ginástica que pratico na escola, deve ter uma função educativa, valorativa.

— Já assistiu a algum encontro de boxe?

— Só através da TV!

— E, na TV, não encontra violência? Acha que o «Santos

pode dar murros à vontade?

— Eu sei que aquilo é fúta «Eles» não dão para aleijar...

● Rapaz desempenhado e bem parecido. Fernando Jorge (18 anos), é impressor tipográfico e concorda com a existência do boxe.

— Acho que é uma modalidade boa para quem a pratica. — É prática-o? — Bem, eu não



Não tenho esse gosto.

— Está então de acordo com os desportos violentos?

— No boxe, quanto mais violência mais emoção.

O CONTRA-RELÓGIO

No emprego de uma amiga minha, as pessoas andam como nos filmes dos anos 30. Quero dizer, a correr, a correr... Vocês viram «Os Tempos Modernos», não viram? Então sabem como é.

Isto acontece ali, naquela grande fábrica da periferia, porque os administradores são verdadeiramente homens práticos. Nada de conversa. Vão de pôr circunspectos senhores de cronómetro na mão, em cada secção. Vão de alugar um computador para o cálculo final. Aquilo é que são administradores! É preciso mais gente? Admita-se mais gente! Há gente a mais naquela secção? Despeça-se

gente! Aquilo é que são administradores!

Entretanto a minha amiga anda com câibras nas pernas e o marido queixa-se que ela está a criar massa muscular em excesso.

Por outro lado, ela afirma que está quase em forma e que lá para o fim da época... perdão, do ano, se sentirá O. K.

Os circunspectos senhores lá continuam, de cronómetro em punho e papel branco ao lado: «Tantos minutos para o «toilette». 10 segundos para acender o cigarro, tantos cigarros por dia, 15 segundos para ver a malha da meia, 40 segundos para se coçar.»

A minha amiga e as suas simpáticas colegas lá continuam a correr, a correr, e os maridos das casadas, ouvi dizer, estão a preparar um abaixo-assinado a protestar contra o «rush-rush» declarado, ao qual os economistas e administradores da empresa dão importância fundamental nos seus planos de produtividade.

Mas a verdade é que as raparigas andam entusiasmadas. Elas não sabem se a empresa vai progredir com isto e, consequentemente, aumentar-lhes o ordenado, mas andam realmente satisfeitas. Já fazem os seus «footings» nos fins-de-semana e só dizem entre elas: «Que pena os «nacionais» de Atletismo feminino serem já no domingo, no Porto!...»

JOAQUIM LETRIA

Um pai aflito (trabalhador em Espanha) procura a filha que não vê há 16 anos

Como muitos outros portugueses, o sr. Garcia Ferreira Arsénio escolheu a vizinha Espanha para exercer a sua actividade. E por lá anda, há anos, tendo residência em San Sebastian, na Calle Mira Cruz, 36-3.

Actualmente, está em Lisboa, em gozo de férias que se prolongam até ao dia 19, na Rua Padre Manuel Bernardes, 29-1, com o telefone 661379.

Pois o sr. Garcia Ferreira Arsénio pretende entrar em contacto com a filha Maria Luísa Ferreira Paixão, actualmente com 20 anos, natural de Vendas Novas.

Pai e filha não se vêm há 16 anos. E o sr. Garcia Arsénio, já sem outras possibilidades e à vista do fim das férias, dirigiu-se ao nosso jornal, na esperança de que a publicação de uma pequena notícia lhe provoque o encontro que procura.

A notícia aqui fica, com votos de que a Maria Luísa entre em contacto com seu pai, o mais depressa possível.

Em CANTANHEDE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ CENTRAL, LARGO DOS COMBATES DA GRANDE GUERRA

CORTEJO DE OFERENDAS EM BEJA

BEJA, 8. — Inaugurando a grande feira desta cidade efectuou-se esta tarde um cortejo de oferendas a favor do hospital da Misericórdia, tendo o desfile percorrido a principais ruas da cidade com grande interesse da população local. No cortejo incorporaram-se representações de todas as freguesias do concelho algumas acompanhadas de ranchos corais. O bom ano agrícola que se verificou favoreceu grandemente o êxito, esperando-se que o cortejo renda mais de quatrocentos mil escudos.

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA-ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO ALGARVE)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8% garantido, que poderá actualizar cada ano

* PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m²

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000\$	2.500\$	250.000\$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000\$	4.000\$	400.000\$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000\$	6.000\$	600.000\$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000\$	7.500\$	750.000\$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000\$	9.000\$	900.000\$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENCARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANÇAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÊNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES

AV. DA LIBERDADE, 258-9º-Esq. LISBOA



OU NO LOCAL

ALDEIA TURÍSTICA DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher» com lotações esgotadas

Dentro das grandes realizações de Vasco Morgado, uma delas se destacou, nesta temporada, pois constituiu, sem dúvida, um acontecimento artístico de nível. Assim o afirmou a crítica e o público tem confirmado, esgotando o solo todos os dias nas duas sessões.

«Lisboa é sempre mulher» constitui, na verdade, um espectáculo fora de série, desde o enredo ao texto e à música. A interpretação do seu elenco e vistosos bailados o cargo de um grupo de «ballet» internacional Camilo, Florbela e Breyner nas figuras principais são, juntamente com Maria Adalina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, Célia de Sousa, Hélder de Oliveira, Luís Mascarenhas e as atrações Maria Teresa Quinto e Vum-Vum, os responsáveis pela magnífica interpretação. A encenação pertence a Camilo de Oliveira e a direcção

«AMOR 68» - NOVA COMÉDIA

DE HENRIQUE SANTANA

Na inauguração da nova temporada o empresário Vasco Morgado vai apresentar o novo original de Henrique Santana. «Amor 68».

Esta comédia que será estreada no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, seguirá depois para Lisboa.

A interpretação estará a cargo da Companhia Teatro Alegre, e mais uma vez se fica a dever uma comédia àquele popular autor, pois está ainda na memória do grande público os seus últimos êxitos: «O Gato», que atingiu mais de um milhão de representações e «Mora agora e pague depois».

musica de Carlos Dias. Hoje e todas as noites espectáculos às 21 e 45 e 23 horas

VARIEDADES

Carreira triunfal

Esta magnífica comédia que já tem mais de um ano de representações con-

NOS PALCOS DO BRASIL

Embarca para Lisboa num dos próximos dias a cançonetista brasileira Elen de Lima, que vem actuar no Casa Estoril.

Encontra-se na Baía o cantor Morgado Mauricio que (periódicamente) excursiona pelos cartazes do interior.

O pianista Jose Magalhães associou-se a Joaquim Saraiva na gerência do restaurante «Lisboa Antiga», de São Paulo.

Vem aí Chico Buarque de Holanda, que fará a viagem para o Velho Continente em 15 do corrente.

Uma artista portuguesa vai firmando o seu lugar no panorama das casas típicas de Guanabara: a algarvia Cláudia Ferreira, «descoberta» por Oliveira Carvalho.

Saluquia Rentin, (que pertence a uma família de artistas muito ramificada) vai regressar ao teatro brasileiro, pela mão de César de Alencar e ao lado de Renata Frouzi.

secutivas, continua a carreira triunfal agora no Teatro Variedades. Tão grande êxito deve-se à história engraçadíssima e à excepcional interpretação do seu elenco de que fazem parte Laura Alves, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Hoje e todas as noites, espectáculos às 21 e 45.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Aviz

Titulo em português — «O carrasco de Veneza».

Produção — Italiana.

Realização — Luigi Capuano.

Intérpretes — Lex Barker, Sandra Panaro, Guy Madison e Mário Petri.

Género — Aventura

Distribuição — Talma Filmes.

Processo — Eastmancolor — Totalscope.

Classificação — 12 anos.

NOS PALCOS DO MUNDO

A Companhia Lope de Vega começou a preparar-se para a primeira temporada nacional espanhola de teatro. Programa: «Mãe Coragem», «Divinas Palavras», «A Vida é Sonho», «Don Juan Tenório», «Há Uma Luz Sobre a Cama» e «Tango».

A companhia da Ópera de Paris mudou-se para o Palácio Chaillot, pois o seu teatro foi encerrado, para obras, que devem durar seis meses.

Vários teatros de ópera — entre os quais o Scala de Milão, o Covent Garden de Londres, a Ópera de Munique e o Metropolitan House de Nova York — começaram a estudar um plano de cooperação, a fim de reduzirem as somas gastas na montagem dos espectáculos.

A partir de Setembro, a Ópera de

Paris apresenta, para uma temporada de dois meses, a companhia russa de bailado do Teatro Bolshoi.

«Agarra que é milionário» amanhã em Faro

Continua a sua triunfal digressão pelo País a magnífica comédia «Agarra que é milionário», um original de Barillet & Gredy, que nos conta uma história dos nossos dias, muito bem representada por Henrique Santana, Irene Isidro e Artur Semedo, nas figuras principais, muito bem secundados por Anabela e Benjamin Falcão. Hoje estará no cinema-teatro de Portimão; e amanhã, em Faro, na Esplanada S. Luís Parque.

PIRAIKON THEATRON

Director da Companhia e Encenador: Dimitrios RONDIRIS

Música de Dimitrios MITROPOULOS para «Hipólito» e de Konstantinos KYDONIATIS para «Ifigénia em Áulida»

Coreografias de LOUKIA

Interpretação de Elsa VERGI, Miranta ZAFIROPOULOU, Karmen ROUGERI, Krinio PAPPAS, Antonis XENAKIS, Kostis GALANAKIS, Nikos LYKOMITROS, Christos CHRISTOPOULOS, Thanos KANELIS, Christos FRANGOS, Frini ARVANITOU, Kiki ZAKKA, Atki DRINI, Dimitri ZEZA

ESPECTÁCULOS PROMOVIDOS PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELENCIA O EMBAIXADOR DA GRÉCIA

TIVOLI

HOJE, AS 21.30 H.

HIPÓLITO de Eurípedes

Lugares à venda na bilheteira. Preços: plateia, 65\$; 1.º balcão, 65\$ e 50\$; 2.º balcão, 25\$ e 15\$; frisas, 325\$; camarote, 200\$

PARQUE DO ESTORIL

em colaboração com a SOCIEDADE ESTORIL-SOL

SÁBADO, 10 DE AGOSTO, AS 21.30 H.

HIPÓLITO de Eurípedes

2.ª-FEIRA, 12 DE AGOSTO, AS 21.30 H.

IFIGÉNIA EM ÁULIDA de Eurípedes

Lugares à venda na bilheteira do Cinema Tivoli, em Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril; e no Posto de Turismo de Cascais. Nos dias dos espectáculos, nas bilheteiras do recinto. Preços: 50\$, 30\$ e 15\$

Em todos os espectáculos os estudantes beneficiam da redução de 50 %

M/ 17 ANOS

Um grandioso filme com milhares de figurantes

ESTREIA • HOJE, AS 21.45 **AVIS**

TODA A VENEZA TREME SOB UM IMPIEDOSO MACHADO ASSASSINO QUE FERE SEM MISERICÓRDIA!

O CARRASCO DE VENEZA

EASTMANCOLOR

TOTALSCOPE



COM LEX BARKER • SANDRA PANARO
GUY MADISON • MARIO PETRI

Realização de LUIGI CAPUANO

TALMA FILMES

M/ 12 ANOS

TEATRO VILLARET

DIVIRTA-SE COM RAUL SOLNADO

Oh, que delícia de coisas

NO DISPARATE **COMICO**

ANA PAULA BARROSO LOPES
FERNANDA BORSATTI
HENRIQUETA MAYA
LUIZ FILIPE CARLOS QUEIROZ
FIALHO GOUVEIA

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

TV CLUBE COM CATULO DA PAULA — Um homem vi-

vo, habituado por uma longa prática de si mesmo, veio ontem à televisão portuguesa. Perdão: dois foram os homens vivos e não um. Estou a referir-me a Otto Lara Resende, adido cultural do Brasil que foi de propósito aos estúdios para apresentar Catulo da Paula. A naturalidade, a simplicidade, o espírito de Otto Lara Resende (não o chamo de «doutor») para não quebrar o clima de familiaridade que a rubrica ostentou, foram das coisas mais valiosas deste «TV Clube», não programadas embora. Por onde se vê que no Brasil as pessoas valem por si e não pela cor com que oxigenam o cabelo.

Catulo da Paula: chamem-lhe trovador, se o desejarem. Se o desejarem também, não lhe chamem coisa nenhuma. Este vício da nomenclatura que Lino tornou maníaco! Saber se é conto ou novela, romântico ou realista, social-democrata ou liberalzinho... Trovador, ou troveiro, ou cantador em salão dos á-bê-cês, ou isso e também mais do que isso? O Brasil fica longe e é grande e naturalmente essas (e outras...) noções devem estar a esbater-se. Catulo da Paula é um artista da convivência que a necessidade de ganhar o pão levou ao «music-hall».

As suas qualidades de contador de histórias; a sua capacidade de cançonetista; o poder de comunicação e de improviso, a sua arte de ser pessoa viva montada numa viola — tudo isso esteve manifestamente à vista de muitos milhares de telespectadores.

Como eu disse há pouco, Catulo é um artista da convivência. Ele próprio quis dizer isso, quando se referiu à falta que lhe estava ali fazendo o seu uísquezinho. Faltou-lhe uma roda de amigos para que todas as suas qualidades refinadas. O Catulo da Paula vale, humanamente e como artista, muito mais do que aquilo que ontem demonstrou. Assim mesmo, repito, o «TV Clube» foi o mais insólitamente vivo que há meses nos aparece. Repetição seria uma atitude que muitos telespectadores aplaudiriam.

E oxalá Catulo regresse em breve aos estúdios do Lumiar. Já agora não se esqueçam do uísquezinho. Faz falta, sim senhor.

HORIZONTE — Afinal, Afinal é possível a profissionais portugueses organizar um programa de televisão com interesse. Baptista Rosa prova-o com o seu «Horizonte» — que desde a primeira edição tem visto os seus horizontes alargarem-se. Dão-

se as mãos, nesta rubrica, a inteligência, a imaginação, o sentido da reportagem. É muita coisa boa para uma hora só — e de mês a mês, quando não há motivos imprevistos.

Encontro-me na situação do esfomeado que se vê, de súbito, diante do festim do rei e não sabe se há de atirar-me primeiro ao falsão recheado ou à perna assada de javali. Sigamos Cronos, que é bom mestre.

1) A casa de S. Miguel de Seide. A casa de Camilo. Vimos tudo: as bengalas, os chapéus, os fatos, as camas, a biblioteca. E a cadeira. A cadeira de baloiço, onde, às três e um quarto da tarde, Lá fora, a acácia. A acácia de Jorge, que me pareceu agora florida. E a voz de Camilo a falar dela, aos meus ouvidos:

*Quando a acácia de Jorge
[outra vez enflorou]
chamai-me que eu de Abril
[nas auras voltarei]*

A câmara passeia lentamente pela casa toda. A casa onde a tragédia se instalou. A casa que também tem uma história que merecia ser contada. Que a câmara, entretida com Camilo vivo, não pode contar. Mas Camilo morreu a sua tragédia acabara. Ia começar a tragédia de uma casa. Tragédia chamada abandono — e outras coisas mais.

Agora não quero pensar nisto. Dói muito. Quero agarrar-me bem a estes objectos — o tinteiro, o laço, as penas, o relógio. Tocar-lhes. Estão ainda e para sempre vestidos de Camilo.

2) Jacy Campos é homem da TV brasileiro. Veio a Londres ver como funcionava a TV educativa inglesa. Esteve em Portugal, a convite do S. N. L., para o mesmo efeito. «Horizonte» sentou-o numa cadeira e vamos lá conversar.

Conversou. Com aquela facilidade e descontração que só o hábito dá. Sobre vários assuntos. Alguns candentes, como o culto da violência nas séries das televisões.

HOJE PODE VER.

● As 22: Reportagem do Exterior

Numa realização de Helder Mendes, a R. T. P., apresenta, esta noite, em transmissão directa da Praça de Touros do Campo Pequeno, a corrida de touros que ali se realiza e em que actuam os cavaleiros Mestre Baptista e Luís Miguel da Veiga e os matadores Amadeu dos Anjos e Paquirri.

As pegas estão entregues ao Grupo de Forçados Amadores de Santarém.

Pernicioso? Sem dúvida. Acentuou que esse culto existia também na Rádio e na Imprensa e na Literatura. Todos somos responsáveis — acentuou. Mas ao precisar que a Televisão é o mais formidável meio de comunicação inventado pelo homem, estava, sem querer, a distribuir responsabilidades — muito particularmente quando existe um só canal.

Uma televisão não é, apenas, um meio difusor de propaganda da violência gratuita. Na sociedade americana, por exemplo, ela é já um produto da própria violência.

Um dos temas mais curiosos da entrevista foi, porém, a posição definida por Jacy Campos e por José Mensurado, o entrevistador, no que respeita à metodologia televisiva. Enquanto o brasileiro opinava que deve procurar-se sempre o novo, o diferente — Mensurado achava que não, que o público não aceita, que diz «é uma maçada», o povo habituase e depois recusa o vanguardismo, a experiência, a novidade...

Dois pontos de vista. Duas atitudes perante a vida, perante a Televisão. Duas atitudes que explicam muita coisa. Enquanto o mensuradismo vigorar, poderá a televisão portuguesa sair do impasse?

3) Darius Milhaud, o grande compositor francês, a sua «musique pour Lisbonne», a câmara palpitante de Augusto Cabrita a percorrer a cidade para vestir a música de imagens, uma estranha música, difusa, complexa, algo que se procura desesperadamente, música angustiada, nunca disponível, de fio melódico perdido, o caos nunca ordenado ainda, e as imagens também nunca despreocupadas de Augusto Cabrita, uma visão sempre apaixonada de gente — ah, aqueles pés, aquelas botas cambadas e pesadas, aquele arco de menino que não quer andar... Imagem, ou poema, ou meditação. Libertação, também. Acto de consciência. Arte, para dizer tudo.

4) A luta pela velocidade. Os 100 metros. Owens, 10,3 segundos em Berlim, Owens, o negro. Agora, também o «record» de Owens foi pulverizado. Já está em 9,9 segundos. Até quando?

5) Telma, a filipina vestida de branco, frequenta o curso de férias da Faculdade de Letras de Lisboa. E, e, e — vamos lá! Já não ficava entre nós sem comer pão por não saber pedir-lo. Foi pretexto para sorrisos. Que decorativos são os sorrisos, já repararam? Filha Gouveia, descontraindo e dentro do jogo, andou com a ligeireza que o capítulo exigia. Deu boa lenha para os sorrisos de Telma. O entrevistador é, acima de tudo, um foguetiro: compete-lhe alimentar a fagulha da locomotiva. Obrigação que se transforma em prazer, quando a locomotiva ri.

6) Sim senhor. Um documentário sobre a obra de Vieira Lusitano. Trata-se, acima de tudo, de um artista português — e não é boa gente quem a arte dos seus não sente. Certo. Mas cuidado com a literatice. Com a ignorância do amor marcada de palavras. A prosa do capítulo dedicado a Vieira Lusitano: execrável. O pior de tudo quanto houve em «Horizonte». Aquilo não é explicar: é enfiar. Assim não vale. Assim a gente compra uns tampões para os ouvidos.

7) Uma entrevista com os senhores Talhinhos e Jaleco, dos Bonecos de Santo Aleixo, encerrou a rubrica. Maria Aurora não estava nitidamente dentro do assunto. Viu-se, no entanto, que cuidou e lubrificou bem a máquina de perguntar. Em tais condições, não sei quem fizesse melhor do que ela. Interrogou mais do que conversou? Talvez sim. Pense nisto, Maria Aurora: a televisão é estar em casa...

E pense também nisto: a arte dos Bonecos de Santo Aleixo é «simplista e rude», como disse. Ao contrário: é complexa, difícil e delicada. Você já os foi ver?

MARIO CASTRIM

O Teatro Estúdio agradecido ao «Diário de Lisboa»

A Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa atravessou, recentemente, uma grave crise que pôs em causa a sua sobrevivência e a que demos, na altura, o merecido relevo no sentido de chamar a atenção do público.

O resultado da campanha de simpatia e apoio que se gerou à volta do T. E. L. já o leitor o conhece. Apesar de tudo, a represen-

tação de «A Louca de Chailot», de Giraudoux, no Teatro Vasco Santana, na Feira Popular, continuará a sua carreira. E — o que é mais importante — o Teatro Estúdio de Lisboa continuará também a obra que se propôs: dar ao público um teatro sério.

Assinada por Helena Félix e Lúcia Maria Martins recebemos agora uma carta que é do seguinte teor:

«Vencida a crise grave que a Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa atravessou, na passada semana cumpre-nos, gostosamente, vir agradecer a V. Ex.^a o apoio dado ao nosso trabalho no jornal que V. Ex.^a dirige.

Guardaremos na nossa gratidão todos os que nos ajudaram no sentido de informar o público das nossas dificuldades que, o mesmo é dizer, de o conquistar para a nossa plateia.

Prosseguiremos no rumo iniciado há quatro anos: dar teatro a Lisboa com base numa escolha consciente de originais e formar actores e público como contribuição, embora modesta, de um teatro-estúdio de hoje, para o teatro de amanhã».

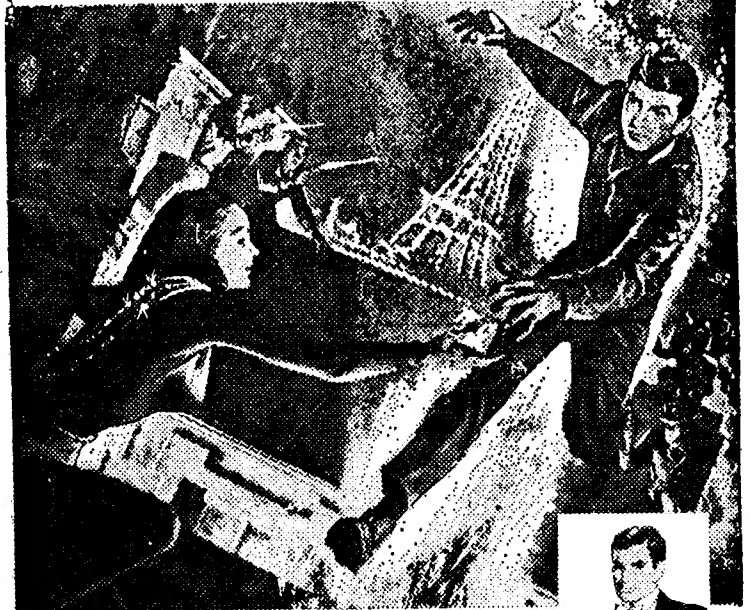
«LOS MISMOS»:

O que sucedeu com o conjunto «Los Mismos» bem pode classificar-se como algo desusado e surpreendente. Numa margem de tempo mínima, o agrupamento triunfou clamorosamente e colocou três das suas interpretações (uma por cada disco editado) na lista das maiores vendagens da temporada.

«Los Mismos»: uma carreira iniciada em Espanha, vai prolongar-se em França e na Alemanha, durante Setembro e Outubro próximos. Mais tarde, em meados de Novembro, visita a Portugal no roteiro de um trio vocal de indelével classe.

FILMES CASTELLO LOPES
apresenta um filme MGM

DE PARIS A NOVA IORQUE ELE
"CAÇA" AS MAIS VALIOSAS JOIAS
E AS MAIS BELAS MULHERES!



GEORGE HAMILTON
JOSEPH COTTEN
MARIE LAFORET
MAURICE EVANS
CARROL BAKER
ZSA ZSA GABOR
LILLI PALMER

O VALETE
DE OUROS

"Jack of Diamonds"

com WOLFGANG PREISS JACK DEWITT e SANDY HOWARD
Realização de DON TAYLOR Produção de SANDY HOWARD Adultos METROCOLOR MGM

AMANHÃ
ESTREIA no

MUNDIAL

A polícia
quer vê-lo
morto...

As mulheres
querem vê-lo vivo!

EUROPA AMANHÃ — ESTREIA

Um filme que recorda
o estranho misticismo
de «Rebecca» e o en-
volvente mistério dra-
mático de «O Monte
dos Vendavais»



QUANDO A
MULHER
ODEIA

BARBARA STEELE
ANTHONY STEFFEN-URSULA DAVIS-ALDO BERTI

Direcção de CAMILO MASTROCINQUE

UMA RAPARIGA TRANSFORMADA NUM INSTRUMENTO
DE ÓDIO E DISCÓRDIA, CIUMES E DESTRUIÇÃO!
INTERNACIONAL FILMES ADULTOS

OS NOSSOS LEITORES TÊM A PALAVRA!

Vamos eleger o «Rei da Rádio Portuguesa»

As mais expressivas manifestações de interesse, verdadeiramente inequívocas sobre o entusiasmo que a eleição do «Rei da Rádio Portuguesa» despertou entre vários sectores dos nossos leitores, têm chegado à redacção do «Diário de Lisboa».

Apresentamos as mais dispareas questões, querendo todos saber já tudo sobre esta sensacional realização da PAC (Publicidade Artística e Comercial) a que o nosso jornal oferece a sua vasta difusão, a sua enorme penetração popular.

Porém, tudo se dirá a seu tempo. De molde a criar, em torno da curiosidade que já lateja nos sectores mais directamente afectados à Rádio portuguesa, um clima especial.

Digamos que este concurso tem como objectivo principal apurar dez candidatos ao título de «Rei da Rádio». Dez artistas que, pelo seu prestígio, pelo seu talento, pelo seu profissionalismo ou popularidade são, de momento, os mais credenciados para a conquista de um símbolo que representa uma projecção pública e, simultaneamente, maior recolha futura de bons «cachets», sempre dependentes do oscilante aplauso que as plateias devotam aos seus «ídolos».

● 1963: O regresso de Calvário

Já aqui falámos das primeiras edições do concurso para «Rei da Rádio Portuguesa», que teve em António Calvário e Fernando Farinha os vencedores iniciais, respectivamente em 1961 e 1962.

Como que a criar um espírito de rotativismo, António Calvário voltou — em 1963 — a assenhorear-se do trono que efemeramente abandonara. O intérprete de «Alta Roda» relegou Fernando Farinha (anterior opositor directo) para quarta posição numa tabela de votação pública que ficou assim estabelecida:

- 1.º António Calvário
- 2.º Artur Garcia
- 3.º João Maria Tudela
- 4.º Fernando Farinha
- 5.º Tony de Matos
- 6.º Artur Ribeiro
- 7.º Rui de Mascarenhas

- 8.º «Zeca do Rock»
- 9.º Helder António
- 10.º Francisco José

Desaparecidos nomes que tinham já atingido uma fase decrescente de popularidade ou se haviam remetido a uma obscuridade que mora distante dos palcos, outras figuras surgiram, aflorando na votação do público a tabela cimeira de uma lista que se estendia a perder de vista: com quase duas centenas e meia de nomes votados. E caso para dizer que ninguém poderia imaginar que existissem tantos artistas em Portugal. Melhor: que tantos fizessem da Rádio uma profissão. Mas, a verdade é que esses nomes existiam...

Em 1963, como já fomos dizendo, Calvário retornou ao título de soberano, à frente de uma lista de outras vedetas consagradas, aqui e além mesclada de figuras até aí praticamente menos conhecidas,

menos admiradas pelas heterogéneas legiões de «fans».

Veja-se, pelo simples enunciado acima, como Artur Garcia, João Maria («Kanimambo») Tudela, Fernando Farinha, Tony de Matos, Artur Ribeiro, Rui de Mascarenhas e Francisco José, tiveram a companhia de dois jovens, um dos quais (Helder António) surge frequentemente em cartazes do continente e do estrangeiro mas nunca logrou a popularidade dos colegas mencionados nesta evocação.

Essa, uma prova de que o concurso de «Rei da Rádio» permite o acesso à grande divulgação de qualquer artista português. Seja ele do Minho ou de Moçambique, dos Açores ou de Timor. O essencial é já ter patenteado, em palcos portugueses, merecimento para atingir a consagração máxima que o público pode oferecer ao seu favorito: um título de «Rei».

REPOSIÇÕES

TÍTULO — «Johnny Guitar».
REALIZADOR — Nicholas Ray, 1953.

INTERPRETES — Joan Crawford, Sterling Hayden, Ernest Borgnine, Scott Brady, Mercedes Mac Bride, etc.

«...e o cinema é Nicholas Ray» (Jean-Luc Godard)

*
Johnny Guitar — Quantos homens esqueceste?
Vienna — E tu? Quantas mulheres recordas?
Johnny — Não, não te vás embora.
Vienna — Nem sequer me mexi.
Johnny — Diz-me qualquer coisa gentil.
Vienna — Que queres que te diga?
Johnny — Diz-me uma mentira, diz-me que me esperaste durante

todos estes anos.
Vienna — Espera-te durante todos estes anos.

Johnny — Que se eu não regressasse, tu morrerias.

Vienna — Se tu não regressasses, morreria.

Johnny — Que não deixaste nunca de me amar.

Vienna — Nunca deixei de te amar.

Johnny — Obrigado.
Este «jogo cruel» (como lhe chama François Truchaud) faz regressar o passado, prolongando-o no presente. Johnny Guitar, afastado de Vienna durante cinco anos, prossegue: «Lembra-te, Vienna, estamos no terraço do hotel X e tu amas-me...». O amor renasce das cinzas e Ray afirma-se um dos mais espantosos cineastas norte-americanos, nessa sequência de antologia que dificilmente se destaca do conjunto de um dos mais clássicos westerns da história do cinema.

*
Johnny Guitar é o homem que veio de longe. Cinco anos depois, o gunfighter, o homem do Oeste, regressa a Vienna. Pretendendo fugir a um passado de violência, Johnny Logau troca o apelido e o revólver pela guitarra. (Nicholas Ray: «A guerra (ou a violência) é precisamente uma situação limite em que o homem se revela integralmente a si próprio. Como? Como contradição permanente, de tal forma que não é possível, a quem o queira julgar desapassionadamente, decidir se é um herói ou um fraco»).

Mas, no Oeste (e não só...), a guitarra não chega para fazer valer os direitos. E Johnny voltará a ser Logau, esquecendo a guitarra no saloon envolto em chamas.

*
Poema de um lirismo violento e brutal, Johnny Guitar é ainda uma meditação sobre o homem e a sua condição. Para além das relações que se estabelecem entre os protagonistas, uma ameaça mais profunda abate-se sobre todos: a de um colorido opressivo, entre o castanho e azul cinzento. Uma tragédia pressagiada desde início, desde essa longa sequência no interior (Johnny Guitar é um western predominantemente de interiores) do saloon, onde se esboçam claramente os dados que o filme irá manipular: o amor de Johnny por Vienna; o amor (frustrado) de Emma por Dancing Kid; o amor de Dancing Kid por Vienna; o amor de Vienna por Johnny Guitar. Ou, invertendo a ordem: o ódio de Emma por Vienna; o ódio de Dancing Kid por Johnny Guitar, e assim sucessivamente.

*
Mas, Johnny Guitar foi dirigido nos E. U. A. em 1953, o mesmo é dizer que sob a ameaça maccarthista, Disse Rienpeyront: «Além das achegas próprias da mitologia do realizador, já conhecidas de filmes anteriores, o que se pode, quanto muito, ver nele, como em Brooks ou em Aldrich, é uma tomada de posição pessoal sobre questões de

NUM BREVE ENCONTRO COM O CINEMA FRANCÊS



VOLTA A APRESENTAR A PARTIR DE HOJE

ÀS 21.30

A DISCUTIDA REALIZAÇÃO DE CLAUDE LELOUCH



um homem e uma mulher

(un homme et une femme)
ADULTOS

anouk aimee
jean-louis trintignant
pierre barouh

«...É O FILME DE UMA VIDA, A OBRA QUE IRROMPE, NA HORA SUPREMA DA INSPIRAÇÃO DO ARTISTA...»

N. R. — «D.º Popular»

«...NÃO HESITAMOS, POIS EM CONSIDERAR O FILME DE CLAUDE LELOUCH COMO UMA DAS MAIS BELAS E MAIS SENSÍVEIS OBRAS DO NOSSO TEMPO...»

F. — «Século»

«...TÉCNICAMENTE, O FILME É EXCELENTE; COMO ESPECTÁCULO, UM ACHADO...»

«D.º Lisboa»

«...«UM HOMEM E UMA MULHER» É UM FILME DE UMA RIQUEZA INESGOTÁVEL...»

V. GRANJA — «República»

EM COMPLEMENTO: «POR UMA CAMISOLA AMARELA»
PRÉMIO DE CANNES PARA CLAUDE LELOUCH

POR MAIS EXIGENTE QUE SE SEJA QUANTO A DIVERSÃO POPULAR E BOM AMBIENTE DE CONVÍVIO, É FORA DE DÚVIDA QUE

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
A TODOS SATISFAZ AMPLAMENTE

TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
UM MUNDO DE COISAS LINDAS — UMA FEIRA PARA TODOS
BOA COZINHA E PETISCOS VARIADOS — CERVEJARIAS, MARISCOS E GULOSEIMAS — FARTURAS E SONHOS — VINHOS DE TODAS AS REGIÕES — SORTEIOS, ETC.

ABERTURA ÀS 19 HORAS

Todos os dias provas dos conhecidos vinhos «ROSAL» e «VERCOOP», oferta de JOÃO CAMILO ALVES e da UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

Aos sábados: um sortelo de dez prémios

MONUMENTAL

VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»

com
Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA * OCTAVIO DE MATOS * YOLA * LINDA SILVA * CELIA DE SOUSA

AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUM

UM EXCEPCIONAL
BALLET INTERNACIONAL
de 25 figuras

Graça! Ritmo! e Lindas Mulheres!

9.ª SEMANA

HOJE
2 SESSÕES:
20.45 e 23 horas
AOS DOMINGOS,
A TARDE, ÀS 16 H.
(ADULTOS)



NESTA COMÉDIA O RISO NÃO TEM LEI! 2.º ANO de representações.

AGORA em
PLENO ÊXITO
no TEATRO

VARIEDADES



HOJE
À NOITE
AS
21.45 H.
(ADULTOS)

LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO * CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ * ANGELA RIBEIRO * ALEXANDRE VIEIRA * ALDA PINTO * NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

T. 32 60 37

(Continua na página seguinte)

REPOSIÇÕES

(Continuação da página anterior)

natureza política que não surgiram exclusivamente no século passado e num lugar perdido no Oeste».

A ameaça das tonalidades que vão do castanho ao azul cinzento (favorecidas pelo tricolor da República Pictures), torna-se assim, integradas no tempo e no espaço, algo de real e vivo. O linchamento de Turkey e o de Vienna adquirem um significado novo. Bem assim como o interrogatório de Turkey, depois de apanhado meribundo. Os métodos revelam-se, subitamente modernos, actuais. Por aqui passou McCarthy (o dos anos 50).

Rui Nogueira: «Como em todos os autores verdadeiros encontra-se em Nicholas Ray constantes posições. Os seus heróis são anticonformistas que recusam deixar-se corromper pelo poder social (o dinheiro, a política, e o que querem conservar a todo o preço a força e a generosidade da sua juventude, refugiando-se numa revolta gratuita e impotente em consequência da sua própria solidão e que se agarram aos objectos pelo desespero de não poder renunciar à sua integração no tempo que passa. Os heróis dos seus westerns são vencidos que creem ainda na incandescência dos seus sentimentos e que procuram, no amor, uma razão de ser e de viver.»

Extraído de um (ao que dizem) mau romance de Roy Chanslor, Johnny Guitar viu o seu argumento totalmente reinventado pelo

NICHOLAS RAY

Nicholas Ray nasceu no Estado do Wisconsin a 7 de Agosto de 1911. Estudante de arquitectura, torna-se amigo de Frank Lloyd Wright e após terminados os seus estudos, é como actor em companhias itinerantes e depois na Broadway que inicia a sua carreira artística. Em 1944, é assistente de Elia Kagan (A Tree Grows in Brooklyn). 1946: assistente de Houseman para as peças «Lute Song» e «Beggars Holiday». 1947: Houseman manda-o a Hollywood para dirigir «They Live by Night». No período entre 1948 e 1952 termina vários filmes começados por outros realizadores. Por outro lado não é o responsável de «On Dangerous Ground», «The Lusty Men» e «55 Days at Peking» terminados, respectivamente, por Ida Lupino, Robert Parrish e Andrew Marton.

próprio Nicholas Ray e por Philip Yordan que é, indiscutivelmente, um dos grandes argumentistas da cinematografia norte-americana. O próprio Philip Yordan acrescenta alguns elementos ao debate: (Johnny Guitar teve muitos aborrecimentos com a censura e depois com a crítica dos E. U. A. Financieiramente foi um sucesso que salvou os estudos Republic... As alusões antimecarthistas estiveram na origem do nossos problemas com a censura... Havia ainda outra coisa: um violento ataque ao puritanismo, na pessoa da velha rapariga recalcada, interpretada por Mercedes MacBride.»

Johnny Guitar é um filme absorvente, um poema feito balada, onde a violência e o amor se interpenetram numa dialéctica profunda entre a realidade e a utopia. Para quem nunca o tinha visto (como era o nosso caso), Johnny Guitar emudece. Se é normalmente difícil começar a falar de um filme, mais agora depois de o ter visto, mais difícil se torna a tarefa quando se trata de determinados filmes, como é o caso desta obra-prima do western moderno, assinada por Nick Ray. Nesta nota apressada e incompleta, convém terminar em jeito de alerta: leitor, não perca «Johnny Guitar». Pelo que nos toca a nós, lá estaremos de novo, agora que, finalmente, o descobrimos.

LAURO ANTÓNIO

VULCAIN

RELÓGIO SUÍÇO DE
PRESTÍGIO MUNDIAL

O Piraikon Theatron estreia-se hoje com o «Hipólito» de Eurípedes

Pode afirmar-se que a apresentação da Companhia do Piraikon Theatron em Lisboa e no Estoril tem despertado um interesse excepcional.

A Companhia estreia-se hoje no Tivoli, com a peça «Hipólito» de Eurípedes. A lotação deste teatro encontra-se praticamente esgotada mas os espectadores que não obtiveram lugar poderão assistir ao mesmo espectáculo que se repete no próximo sábado, no Parque do Estoril, em anfiteatro ao ar livre, construído especialmente para o efeito.

A estreia de «Ifigénia em Aulida» terá lugar na segunda-feira, no mesmo local, estando os bilhetes à disposição do público na bilheteira do Cinema Tivoli, em Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril; e no Posto de Turismo de Cascais.



António Xenakis no papel de «Agamemnon» da peça «Ifigénia em Aulida», de Eurípedes

S O R E F A M E

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S.A.R.L.

Capital realizado: 160 000 000\$00

Rua Vice-Almirante Azevedo Coutinho — AMADORA

1.º EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES
PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da emissão, vence-se no próximo dia 15 do corrente o juro correspondente ao cupão n.º 16 que se encontra a pagamento, a partir daquela data, na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Augustine Reis & C.
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral do Crédito Predial Português

O valor dos juros relativos a cada obrigação, depois de deduzidos os impostos é o seguinte:

Obrigações ao portador	16\$95,8
Obrigações ao portador — Registadas	21\$51
Obrigações averbadas a Instituições de	
Previdência	24\$75

O pagamento dos juros das obrigações, pertencentes às Instituições de Previdência, é realizado na sede da empresa.

Amadora, 2 de Agosto de 1968.

Pelo Conselho de Administração

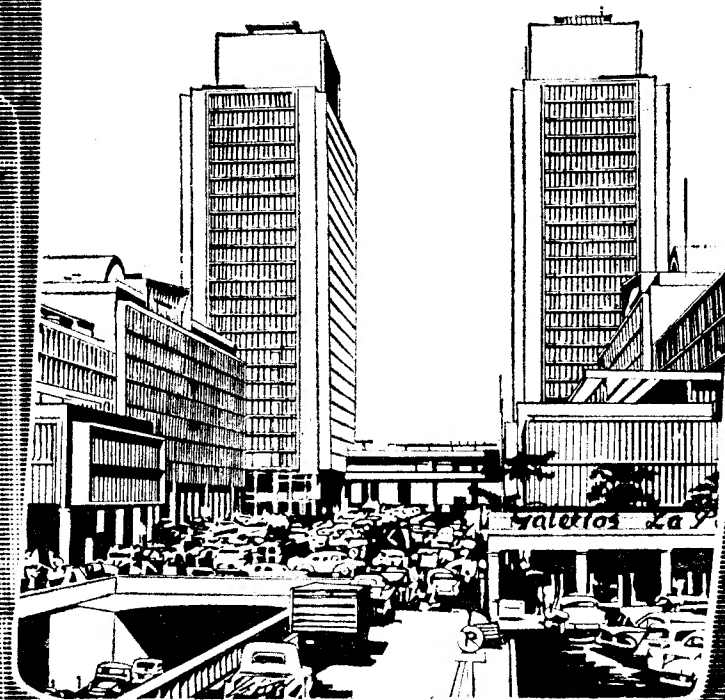
O Presidente

Francisco Xavier de Moraes Pinto Malheiro

a Venezuela começa nos jactos da

VIASA

mas Você só deixa Portugal
no aeroporto de Caracas



Voe directamente para Caracas

nos jactos DC-8 da Viasa.

Partidas todas as Sextas-feiras e Domingos.

Serviço admirável, cozinha magnífica e pessoal de bordo e de terra que fala português-tornam a sua viagem um prazer.

Viajar com a Viasa é *Viasa*-sentirmo-nos em casa.

Dirija-se ao seu Agente de Viagens ou à KLM, Agente Geral

VIASA, Praça Marquês de Pombal, Telef. 530969 562240 561742

Na *VIASA* o tempo passa voando

VENEZOLANA INTERNACIONAL DE AVIACION, S.A.

O TEMPO QUE FAZ

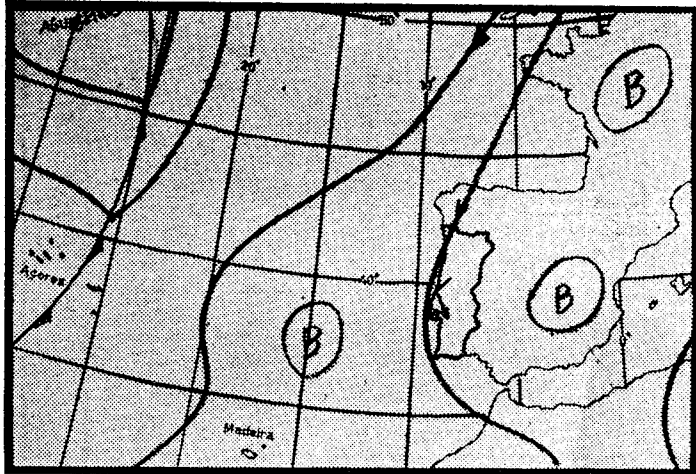
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS: Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo e havia neblina em alguns locais. O vento era fraco e moderado e predominava de norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 37,5°; mínima: Viseu, 8,5°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Coimbra, 18°; Faro, 23°; Lisboa, 20°; Penhas Douradas, 13°; Portalegre, 21°; Porto, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar, 18,3°; na atmosfera, 23,4°.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 9 — Uma massa de ar transportada na circulação conjunta de um anticiclone a oeste das Ilhas Britânicas e de uma depressão centrada sobre Espanha deverá influenciar o estado do tempo no continente.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CEU LIMPO OU POUCO NUBLADO. VENTO FRACO PREDOMINANDO DO NORTE. NORTADA MODERADA DURANTE A TARDE E PRINCÍPIO DA NOITE. NO LITORAL OESTE. POSSIBILIDADE DE NEVOeiro DURANTE A MADRUGADA NA ORLA COSTEIRA.

SOL Amanhã: Nascer às 6 e 45 Ocaso às 20 e 39

PREIA-MAR: Dia 8 — 4 e 8 (3,9 m); 16 e 26 (4,3 m); Dia 9 — 4 e 50 (4 m); 17 e 7 (4,4 m); Dia 10 — 5 e 28 (4 m); 17 e 46 (4,4 m).
BAIXA-MAR: Dia 8 — 9 e 44 (1 m); 22 e 20 (0,8 m); Dia 9 — 10 e 27 (0,9 m); 23 e 2 (0,7 m); Dia 10 — 11 e 5 (0,9 m); 23 e 39 (0,8 m).

Hoje Dia 16 Dia 23 Dia 30

A Central Telefónica Automática de São Mamede de Infesta (Porto) será inaugurada amanhã

PORTO, 8 — Na noite de amanhã para depois, entrará em funcionamento a nova Central Telefónica de São Mamede de Infesta.

Para comunicar aos representantes da imprensa alguns dados estatísticos sobre a nova central, o conselho de administração dos T. L. P. proporcionou, esta tarde, uma visita às instalações que vão ser inauguradas.

A Central de São Mamede, com e entrarão em serviço mais 205 linhas, está instalada em edifício próprio, que permitirá a eventual ampliação até um limite de dez mil linhas. Com a sua abertura ao serviço, serão transferidas para ali as 1314 linhas de assinantes, presentemente ligadas à central manual; e entrarão em serviço mais 2855 novas linhas já montadas. Após a abertura ao serviço, far-se-á uma redistribuição e a ampliação da rede de cabos, o que, pela montagem de mais de 250 linhas pedidas por novos assinantes, permitirá eliminar a lista de espera nessa zona.

O equipamento de selecção auto-

mática, instalado na nova central é constituído por selectores do tipo de coordenadas de moderna concepção e fabrico, os quais utilizam-se pela primeira vez no grupo de redes do Porto.

A nova central ficará ligada à Central Principal da Picaria por 138 circuitos troncais, e os seus assinantes passarão a fazer automaticamente todas as chamadas locais e regionais e, também, interurbanas para grande numero de zonas do País, tais sejam: Lisboa, Aveiro, Coimbra, Braga, Viseu, Viana do Castelo, etc.

Quarenta anos de desenvolvimento telefónico

A central que vai entrar em serviço serve uma zona que tem tido notável desenvolvimento telefónico, o qual se traduz pelos seguintes numeros: em Dezembro de 1928, 38 assinantes; nos mesmos meses de 1948, e 1958, 148 e 629, respectivamente; e em Junho ultimo era de 1314 o numero de assinantes.

O empreendimento de automatização de São Mamede importou em cerca de 13 700 contos.

A unidade que agora se inaugura faz parte de um plano de automatização do serviço telefónico de várias zonas que circundam a cidade do Porto e foi iniciado pela sua antecessora e a que os T. L. P. tentam dar o necessário impulso.

Assim, a curto prazo, ou seja, nos anos de 1968 e 1969, além de São Mamede — e para isso já estão encomendados os necessários equipamentos, automatizar-se-ão as zonas de Santo Ovidio, Ermesinde e Senhora da Hora.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram na provincia da Guiné os seguintes militares: em combate, o soldado 10309767, Manuel Roxo Coelho, natural de Castelo Branco e filho do sr. José Lourenço Coelho e da sr.ª D. Ana Esteves Roxo Coelho; em virtude de ferimentos recebidos em combate, o soldado 09671067, António Barbosa Moreira, filho do sr. Alfredo Pinto Moreira e da sr.ª D. Alcina Barbosa Moreira e casado com a sr.ª D. Alcina Ferreira Rodrigues Barbosa.

O mesmo serviço informa que desapareceram em combate, também na Guiné, o furiel miliciano Abel Gomes Simões, natural de Montemor-o-Velho e filho do sr. Benjamim Simões e da sr.ª D. Maria da Nazaré Gomes de Oliveira; o soldado 09664167, Eduardo Costa Pacheco, natural de Paços de Ferreira e filho do sr. Amaro Moreira Pacheco e da sr.ª D. Joaquina Nunes da Costa Vilela, e o soldado do recrutamento provincial 2063066, Indala Siqueta, natural da Mansoa e filho do sr. B. Siqueta e da sr.ª D. A. Dangui.

Representantes de 10 países reunidos em Alcoitão para discutir problemas da reabilitação de incapacitados

Médicos proeminentes representando 10 países reuniram-se hoje durante todo o dia no Centro de Medicina de Alcoitão na primeira sessão de trabalhos da II Reunião Europeia dos Secretários Nacionais da International Society for Rehabilitation of the Disabled (I.S.R.D.). Nas reuniões hoje iniciadas discutir-se-ão importantes assuntos, como os que dizem respeito ao intercâmbio de pessoal de reabilitação entre os diferentes países, com o objectivo da sua actualização ou aperfeiçoamento e ainda a organização, a escala europeia, de uma relação de hotéis e motéis acessíveis a grandes incapacitados e também será alvo de discussão o problema das cartas internacionais de condução que facilitem a deslocação de deficientes físicos.

A reunião é de secretários nacionais daquela grande organização internacional e Portugal é representado pelo dr. Santana Carlos, director clínico daquele Centro de Reabilitação e secretário nacional em Portugal da I.S.R.D. Entre os re-

presentantes estrangeiros há figuras notáveis da Medicina, como, por exemplo, Robert Pringent, antigo ministro da França, o polaco A. Huilek, que dirigiu o sector de Reabilitação na sede das Nações Unidas, e Jean Reigniers, da Bélgica, que preside a esta reunião. A primeira reunião deste tipo, que junta os representantes da área europeia, realizou-se em Praga.

A reunião continua amanhã, devendo igualmente prolongar-se durante todo o dia.

BONS RESULTADOS ALCANÇOU PORTUGAL

NO IV CONCURSO IBÉRICO DE GADOS SELECTOS

Em competição com 23 países representados no IV Concurso Ibérico de Gados Selectos, integrado na XIII Feira Internacional del Campo, em Madrid, Portugal conquistou o mais importante troféu — a Taça Generalissimo — e os criadores portugueses chamaram a si, pela excelência dos animais que apresentaram, 58 primeiros prémios, 36 segundos e 2 terceiros, 46 medalhas de ouro, 59 medalhas de prata e 29 medalhas de bronze, 52 menções honrosas, 11 taças de campeonato, 7 taças de prata e ainda um troféu especial pelo conjunto de passáros exóticos.

Os 25 expositores portugueses enviaram a Madrid 334 animais das espécies equina, bovina e passáros exóticos, que viajaram em 40 vagões, 3 camionetas e um avião, acompanhados por 76 tratadores e assistidos clinicamente por um médico veterinário e um enfermeiro.

Uma exposição de 70 hectares

A Feira del Campo, que continua as tradições dos célebres Concursos da Casa de Campo patrocinadas por D. Afonso III, é hoje uma realização das mais luzidas da Europa. O certame ocupa uma área de 70 hectares, margeando a Avenida de Portugal, pela qual se entra em Madrid quando se procede da Estremadura. Aquela área dá uma ideia da sua importância e o facto de se terem representado 23 países — Alemanha, Argentina, Austria, Bélgica, Brasil, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Dinamarca, Equador, Estados Unidos da América, França, Grã-Bretanha, Holanda, Índia, Itália, Marrocos, México, Polónia, Portugal, Roménia, Suécia e Suíça — completa a ideia da sua magnitude.

Foi neste enquadramento, valorizado pelos pavilhões de 29 pro-

víncias espanholas, cada um deles com a sua arquitectura, sua cozinha, seus trajes, suas músicas, enfim com o seu tipismo especial, que se processou o IV Concurso Ibérico de Gados Selectos.

A Direcção da Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas, acompanhada do ministro da Economia, manifestou ao sr. Presidente do Conselho a expressão do reconhecimento dos criadores portugueses pelo auxílio do Governo á representação nacional no IV Concurso Ibérico de Gados Selectos, integrado na XIII Feira Internacional del Campo, em Madrid.

Comunicado da Corporação da Lavoura sobre a batata de consumo

Da Corporação da Lavoura recebemos, hoje, o seguinte comunicado:

«Na continuação da nota sobre a «batata de consumo» na região da Beira Litoral, publicada em 1 do corrente, e para melhor esclarecimento informa a Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral que continua a receber a batata que lhe for entregue para colocação, nos mercados de Lisboa e Porto, nas condições então referidas, como garantia de preço.

Esta intervenção, destinada a assegurar ao lavrador o preço em cada momento possível, não exclui, nem limita, a transacção da batata a preço livre, ficando ao produtor sempre garantida a sua defesa pela referida intervenção da Federação, como, aliás, acontece noutras regiões.»

Tomou hoje posse o vice-presidente do Município de Sintra

No salão nobre do Governo Civil de Lisboa tomou hoje posse do cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra o sr. António Pereira Forjaz, que nos últimos anos, fez parte da vereação do referido Município. A cerimónia começou às 12 horas e a posse foi conferida pelo chefe do distrito, sr. dr. Osório Vaz, perante numerosa assistência entre a qual se destacavam o sr. coronel Duarte Pedro, presidente do Município sintrense, e dr. Moreira Baptista, antigo presidente daquela Câmara Municipal; vereadores e representantes das forças vivas e do clero do referido concelho. Depois de lido o auto de posse, pelo adjunto da secretaria do Governo Civil, sr. dr. José Orlando Lopes e assinado pelo empossado, o sr. coronel Duarte Pedro agradeceu a presença de tão elevado numero de individualidades ao acto e a escolha do sr. António Pereira Forjaz para o lugar de vice-presidente da sua vereação, dizendo que o considerava possuidor de altas virtudes e de qualidades para o bom desempenho da nova missão e com quem ia ter o prazer de trabalhar mais intimamente. O sr. dr. Osório Vaz, depois de saudar a assistência, começou por dizer que para a escolha dos vice-presidentes das Câmaras era necessário haver bom entendimento com os respectivos presidentes. O sr. António Pereira Forjaz — disse — tem a aceitação da boa gente de Sintra, que viu nele um bom vereador com pleno conhecimento dos problemas e das actividades de Sintra.

O sr. António Pereira Forjaz agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e manifestou o seu reconhecimento pela grande confiança que a sua nomeação constituía. Dirigiu um cumprimento especial ao conselho municipal, á vereação e a outros órgãos municipais e disse da sua gratidão pelas individualidades presentes. A seguir afirmou:

«Não me cabe fazer um esboço sequer dos problemas, tão grandes e tão complicados, que afligem a administração municipal. Bastará considerar quatro sectores que integram o concelho de Sintra.

«Zonas intensamente populacionais, como Sintra, Queluz, Agualva, Cacém e Belas, Zonas de características rurais tão importantes; zona do litoral sintrense, riqueza imensa que não pode perder-se; zona caracteristicamente turística, como Queluz, o litoral e Sintra — a primeira zona turística do País — todas com exigências incontestavelmente legítimas, nos seus pressupostos educacionais, económicos, urbanísticos, de sanidade, de abastecimento de água e luz, assistenciais, turísticos, associativos e de bem-estar, etc.»

No final o empossado foi cumprimentado pelos presentes.

Director adjunto da O. I. T.

O director-geral adjunto da Organização Internacional do Trabalho, dr. Wilfried Jenke, que se encontra no nosso País em gozo de férias, foi hoje recebido pelos titulares das pastas dos Negócios Estrangeiros, Ultramar e Corporações.

Novo secretário-adjunto da Defesa Nacional

O contra-almirante Eugénio de Sequeira Araújo, foi nomeado para o cargo de secretário-adjunto da Defesa Nacional, em substituição do contra-almirante Jacinto Neto Milhénio que foi exonerado, por ter atingido o limite de idade e passado á reserva.

LIQUIDAÇÃO TOTAL

MALAS DE SENHORA DESDE 5\$00 SACOS E MALAS DE VIAGEM

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO

LOJA DA GROENLÂNDIA

Rua Alexandre Herculano, 1 (a Santa Marta)

Em CASCAIS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na PAPELARIA CABRAL DA SILVA, LDA, RUA FREDERICO AROUCA, 1-3.

LUANDA, CIDADE EM CAMISA

1

CINQUENTA CONTOS de livros vende diariamente uma das principais livrarias de Luanda: Cerca de doze mil contos por ano. Ao contrário do que sucedia há alguns anos atrás, a população evoluída, visivelmente acrescentada, procura, hoje, na leitura, distração para o lazer e, também, resposta para as interrogações eternas do espírito.

No capítulo «livros», pode dizer-se que se assistiu, nos últimos anos, a uma explosão no bom sentido. Uma explosão entravada. É certo, por múltiplos fatores — mas que bastou para que os clientes das quatro ou cinco principais livrarias luandenses comessem a preferir os autores nacionais e estrangeiros de boa cotação à literatura barata, pretensamente sentimental. Em menos de dez anos, a literatura «amarela» viu-se preterida pelas boas produções de autores sérios. Apesar de todos os entraves.

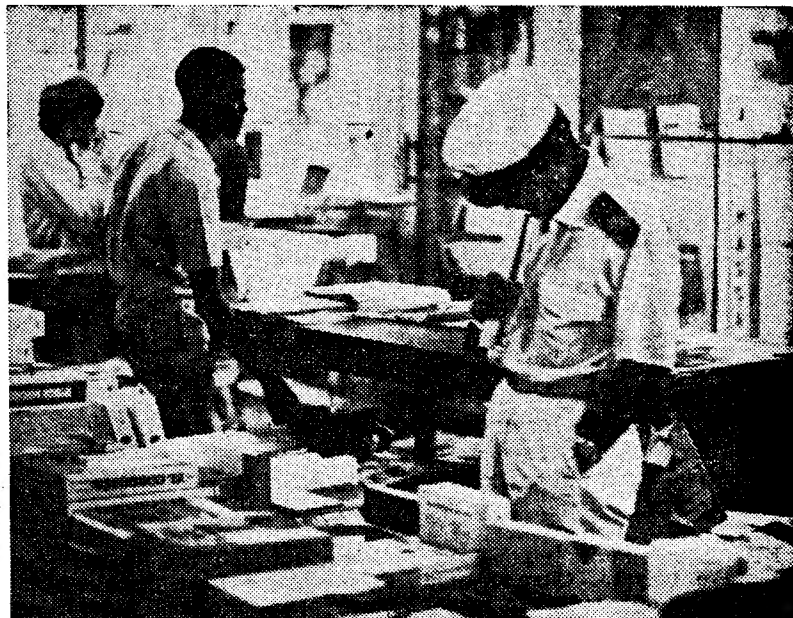
Recém-chegado da metrópole, ainda à descoberta da capital de Angola, em vésperas de partir para o ma-

quê perguntava-se intimamente. Resolveu saber. Atendeu-o o próprio diretor da livraria, que o pôs a par dos porquês de tal agravamento de preços e dos motivos do considerável atraso registado na chegada a Angola do livro metropolitano.

Felizberto Lemos é um homem de 54 anos, tranquilo no modo de falar, que não se abre facilmente ao primeiro contacto, mas que depois se torna fluente e comunicativo. A sua vida são os livros. Começou aos 14 anos, ainda de calção a vendê-los aos balcões da Colmbra Editora. Passou pela Atlantida, também de Colmbra, e resolveu tentar Luanda. Aqui vive desde



Felizberto Lemos, o gerente da Lello



Militares: boa razão para o incremento do comércio livreiro em Luanda

«Explosão» retardada do comércio livreiro



Uma criança interroga o mundo numa estante de revistas. E livros? Que é deles para os olhos infantis?

to, o alferes estacou diante da montra da livraria e escolheu com o olhar: três ou quatro livros e meia dúzia de revistas. No mato, não teria, certamente, oportunidade de comprar livros e era bom munir-se quanto antes, de boas leituras — pensava.

E comprou. Ao pagar, verificou que as revistas custavam, cada uma, mais 7\$50 do que habitualmente por elas pagava na metrópole, poucos dias antes, nas antevésperas de uma nova experiência longa de dois anos. Mais cinco escudos do que «lá em cima». Por-

1954, dirigindo a Livraria Lello, a maior de Angola, com sucursais em Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Lobito e Benguela. Também ele nos explicou e nos colocou a par dos problemas do livro em Angola.

Três meses à espera do «Instinto Supremo»

O «Instinto Supremo», de Ferreira de Castro, foi pedido para Lisboa, pela Lello, em requisições de 19 e 23 de Março e só desde há poucos dias está à venda em Luanda. Acontece que os livros enviados em en-

comendas registadas demoram dois a três meses a chegar ao seu destino, em virtude de os Correios não disporem de pessoal suficiente. Por seu turno, as encomendas não registadas demoram cerca de 20 dias, praticamente nada além do tempo da viagem por barco. Apesar do risco, alguns livreiros preferem esta fórmula para a primeira parte das suas encomendas, procurando bater a concorrência na apresentação da novidade.

As maiores livrarias têm um contrato com as editoras metropolitanas median-

te o qual recebem, por avião, antes do lançamento de um livro no mercado, a capa respectiva com a menção do número de exemplares que a casa receberá, em consequência de um acordo prévio, baseado nas vendas habituais de tal ou tal colecção. A capa fica exposta nas montras e em escaparates da livraria, à disposição dos clientes, que desde logo podem fazer as suas encomendas. Quando chega, a novidade pouco tempo está na montra. Já tem dono. E então, há que esperar mais algum tempo (bastante), até que chegue o resto da encomenda da livraria.

acrescentar 2,5 por cento «ad valorem» (neste caso: 28\$00), pelo que resulta um agravamento geral de 90\$. Por quanto virá a ser vendido o livro? Um engenheiro ou um médico não se importarão de pagar mais (quantas vezes, o dobro!), porque a obra em questão é de necessidade imperiosa.

Também a questão das cobranças se afigura difícil. Os correios dispõem de uma verba mensal limitada para proceder às cobranças e efectuar as transferências respectivas para a metrópole, onde os editores poderão ser reembolsados no prazo de dois ou três meses. Acontece, porém, que a verba

to... Por isso, o «Paris-Match» (2 F em França e 15\$00 em Portugal) custa 25\$50 em Angola. Faltas as contas, quem quisesse receber o «Paris-Match» por avião, na própria semana em que a revista de Raymond Cartier sai em França teria de pagar, por cada uma, a módica quantia de... 62\$50. Um pequeno luxo...

As revistas metropolitanas são aqui vendidas a 7\$50 (preço na metrópole: 5\$00) e chegam também com cerca de um mês de atraso. De jornais diários metropolitanos, nem vale a pena falar — tão fraca é a sua venda em Angola. No entanto, são numerosos os compradores de um conhecido trisemanário desportivo, que, chegado de avião, é vendido a 5\$50 (mais 4\$00 do que na metrópole), no dia seguinte ao da saída em Lisboa. Coisas do desporto. Poderes do futebol...

Neste momento, com os exames já acabados, as livrarias estão já a fazer as suas encomendas para o início do próximo ano lectivo. E em Agosto, com o carimbo a despedir-se, será a vez de fazer encomendas para os ainda longínquos dias festivos do Natal.

E deste modo vêm os livros e revistas parar a Angola, quando conseguem chegar: para uma explosão retardada.

Reportagem de SILVA PINTO

Em relação ao fixado na metrópole, o preço do livro português sofre, em Angola, um aumento de 20 por cento. Quanto ao livro estrangeiro, verifica-se aqui um câmbio livreiro sensivelmente mais alto do que o acordado na metrópole: o franco francês vale 7\$50; o dólar vale entre 35\$00 e 40\$00; a libra anda pelos 100 escudos.

Incompreensivelmente, a situação do livro metropolitano é mais difícil do que a do estrangeiro: beneficiando de acordos internacionais, o livro estrangeiro pode chegar a Angola em pacotes de 25 ou 30 quilos, enquanto que as publicações portuguesas, circulando no espaço económico português, não podem ser reunidas em embalagens do peso superior a cinco quilos. Daí que, multiplicados os volumes a despachar, os correios não consigam dar conta do recado com a rapidez que seria de desejar.

(200 a 300 contos) se esgota frequentemente, o que tem como resultado serem as transferências adiadas para o mês seguinte, para a nova verba. E assim por diante...

Um «Paris-Match» em dia: 62\$50

Uma encomenda de revistas parisienses no valor de 444 francos franceses sofreu a aplicação de 379.91 francos de porte simples. Outra, no valor de 232 francos, pagou de porte 218 francos. Quase outro tan-

Impostos, taxas & cobranças, Lda.

O livro técnico é especialmente sobrecarregado de impostos e taxas. Vejamos um exemplo: numa encomenda no valor de 1120\$00 implica, além dos portes, o pagamento das seguintes alcavalas: 11\$50 de imposto do selo; 2\$00 de imposto de tráfego; 39\$30 de emolumentos gerais aduaneiros; 8\$00 de impressos; e 1\$20 de emolumentos pessoais. Perfaz um total de 62\$00, mas a esta quantia há que



Os bons livros de autores portugueses e estrangeiros já levam a palma à literatura «amarela», pretensamente sentimental

O FESTIVAL DE CANÇÕES COMEÇA AMANHÃ À NOITE

MAS A PROCISSÃO JÁ ESTÁ NO ADRO

ARANDA DE DUERO, 8 — Por telex, do nosso enviado especial Neves de Sousa) — Voltamos a Aranda três anos após o êxito de uma intérprete portuguesa no «Festival luso-espanhol da Canção do Douro». Referimo-nos a Madalena Iglésias, a esbelta criadora de «Sonha» que, com essa melodia de Carlos Canelhas, colocou — com todo o sensacionalismo — uma pausa na hegemonia espanhola nesta mostra de melodias.

Foi (como diremos?) um Festival sobre pólvora. Quando tudo fazia prever que a decisão inicial do júri fosse respeitada, eis que as coisas levaram uma volta: e Maria Clara, só porque alguém (de entre a comitiva portuguesa) a julgou já no zénite da sua carreira e sem mais qualquer aspiração profissional, foi espoliada de um prémio que — por unanimidade — o júri resolvera horas antes que apenas nela poderia assentar. Enfim, andemos para diante...

● Tarefa ingrata? sem dúvida

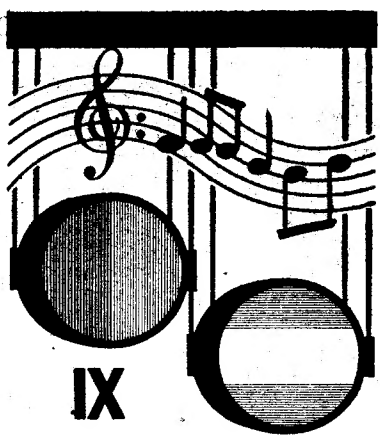
Este ano, um júri de selecção recrutado no Porto aferiu do valor das quarenta e uma canções apresentadas a concurso: todas com o fito de atingirem uma meta que, «à priori», vale cem mil pesetas — desse valor é o galardão destinado pelo «Alcalde» de Aranda de Duero, D. Luís Mateos Martín, a quem melhor souber cativar o trono da luso-hispânica canção sob um tema chamado Douro.

O grupo seleccionador foi heterogéneo mas (cremos) terá ponderado bem sobre os prós e os contras da escolha de determinado tipo melódico como embaixador da inspiração musical portuguesa. Eis a constituição desse jurado prévio: dr. Paulo Pombo (pela Câmara Municipal do Porto), José Lobo Feijó (por delegação do Secretariado Nacional de Informação), Rogério Leal (da Emissora oficial), dr. Mário Taborda (dos Emissores do Norte Reunidos), Adriano Nazaré (funcionário dos estúdios portuenses da Radiotele-

visão), Rui Melo (do Rádio Clube Português) e Luís Ferreira (do nosso prezado colega «Jornal de Notícias»).

Creemos que a tarefa destas individualidades foi bastante espinhosa. Mais (ainda) se salientamos que, não só o montante dos prémios em disputa mas, também, a pequena aura de fama que se pode conquistar, leva os interessados — por vezes — a meterem o seu «empenhinho». Chegada a hora da verdade, os sonhos resvalam por água abaixo: ou fica a nu a coligação momentânea, em que a boa fé de uns tantos é explorada pela tenacidade de outros...

As canções seleccionadas em Portugal foram as seguintes: «Seu amor, seu destino», «Um barco vem no mar» «O sol voltará», «Mulher de cera» «Não me falem de amor», «Não quero dizer adeus», «O rio, meu rio Douro» e «Rio Douro, passa». Títulos inexpressivos. Ou, talvez, bem elo-



IX FESTIVAL Hispano Português da Canção do Douro

quentes: na grande maioria, as etiquetas devem corresponder a produtos do estilo «agite antes de usar». Quer dizer: a puxarem a lágrima ao canto do olho ou, todos folgazões, a chamarem a Maria para a chula e para o vira — que o tempo não vai para tristezas.

Como intérpretes, teremos uma equipa da «Melodia»: António Calvário (que esteve a um passo de mandar o contrato para as urtigas e pretextar doença para não fazer a viagem), mais Gabriel Cardoso, Lenita Gentil a cançonetista portuense Fernanda Gonçalves e o maestro Resende Dias que, por acaso e ao que consta, também tem composições suas na parada sujeita a julgamento. Redundará a festa em simples confraternização familiar? Vamos esperar: para contar.

SÃO AMANHÃ SEPULTADOS OS CORPOS DAS CINCO VÍTIMAS DO NAUFRÁGIO DE ONTEM

Na casa mortuária do cemitério de Setúbal, continuam, aguardando autópsia, os cadáveres dos srs. José Augusto Gomes, de 52 anos, natural de Setúbal, agente da «Kodak», filho de José Gomes dos Santos e de Irene dos Anjos Neto Gomes, residente em Lisboa, na Rua Diogo Bernardes, 3, r/c, dir.; sua mulher, sr.ª D. Maria Ricarda Machado Arroio Gomes, de 48 anos, doméstica, natural do Porto; o filho do casal, sr. Carlos Alberto Jesus Silva Gomes, de 29 anos fotógrafo, natural de Lisboa, casado, morador em Odivelas, na Rua D. Leonor, 12, 1.º, esq.; um filho deste, José Carlos Palma Veiga da Silva Gomes, de dois anos e meio; e D. Maria Judite Rosário de Castro Fernandes, de 40 anos, natural de S. Martinho, Funchal, funcionária da firma Oliva, naquela cidade, mulher do sobrevivente, sr. Carlos da Silva Fernandes, de 38 anos, fotógrafo, natural da Madeira, residente no Funchal, na Rua Nova de S. João, 8.

Todos eles foram protagonistas da tragédia ontem verificada, na foz do rio Sado, quando se voltou, devido a um golpe de mar, uma pequena embarcação, adaptada a gasolina, que ficara à deriva, por

falta de combustível.

Compareceram ali diversos parentes dos mortos, que serão sepultados amanhã no referido cemitério, a hora ainda não determinada, por se aguardarem alguns documentos e formalidades legais.

FÉRIAS EM SETEMBRO

NAS

TERMAS DO VIMEIRO

ONDE ENCONTRARÁ

PISCINAS ABASTECIDAS
COM ÁGUA CORRENTE A 27°
(com instrutores de natação)

MAGNÍFICAS PRAIAS MUITO IODADAS
Santa Rita — Porto Novo — Conelas

EQUITAÇÃO COM MESTRE

CAMPO DE GOLFE
À BEIRA-MAR, 9 buracos, 2350 m
(com instrutores)

HOTEL GOLFE MAR — 1.ª classe
HOTEL DAS TERMAS: Marcações telef. 3 e 6
de A - DOS - CUNHADOS e LISBOA:

68 05 68 - 65 14 45 - 65 12 02 - 68 61 43

É DIFÍCIL APRENDER PORTUGUÊS dos alunos do curso de férias

«O curso é difícil, é difícil estudar e aprender português. Mas é uma língua bela que se gosta de aprender. Por isso vim frequentar o curso, por isso viemos todos, suponho.»

Assim respondeu Michael Evans, estudante inglês da Universidade de Cambridge («não, não remo!...», disse ao lembrarmos-lhe a velha competição anual com Oxford).

— Sim é difícil estudar português, mas é bom estar em Lisboa. A cidade, as praias, a comida (gosto muito de peixe, mas não muito de sardinha...), a simpatia das pessoas, as excursões, festas e a camaradagem, tudo, enfim, é extraordinário. De tal maneira que me apetece empregar um termo do vosso «ca-lão...»

— Qual?

— Bem, não é muito ortodoxo, mas aí vai: É bestial!

(Na Faculdade de Letras, começaram esta manhã, precisamente um mês depois da sua inauguração, as provas escritas do XXXIII Curso de Férias. Foi às 10 horas, nas três secções em que ele se subdivide: Elementar, Complementar e Superior. Apresentaram-se a exame 40 alunos no Curso Elementar, 78 no Complementar e 35 no Superior. Este com maiores exigências abarcou, na prova de hoje, Português Superior, Filologia e Literatura Portuguesas. Isto na parte da manhã, porque, de tarde, os candidatos à obtenção do Diploma Superior terão outra prova, também escrita, versando História de Portugal. A partir de amanhã às 9 horas, seguem-se as provas orais das três secções.)

Chile, Austria e Japão. Com um aluno por cada país temos a Etiópia, Cuba, Austrália, Coreia e Ceilão. A título de curiosidade registre-se a identidade do aluno coreano: trata-se do dr. Shune Joung Chang, de 31 anos, licenciado pela Universidade de Madrid. Frequentou o curso complementar, e foi neste que se apresentou a exame, muito embora se tenha inscrito, também, no elementar e superior. Neste,

numa pen-
ses na Ca-
— E que
— Bem,
mas não
um inglês,
alemão (c
é possível!
Mas acre-
— Contu-
pensado p-
outros al-
cipalmente,



Um alemão, três norte-americanas de origem p (Matos) e duas italianas trocam impressões sobre escrever...). Todos frequentam o Curso Eleme-

o superior, a maioria de inscitos foi de brasileiros. Naturalmente. No complementar a maioria foi espanhola. Compreensivelmente também.

Monumentos e praias
comida e fados

— Tenho estado hospedado

Um incêndio que se supõe originado por ponta de cigarro

ALTER DO CHÃO, 8 — Durante a noite, manifestou-se um incêndio na herdade de Vila Formosa, pertencente à sra. D. Maria Amélia Caldeira de Castelo Branco Salinas de Torres Vaz Freire, situada na freguesia de Seda, deste concelho. Ao que se presume, o fogo, felizmente sem consequências de maior teve a sua origem em qualquer ponta de cigarro atirada, inadvertidamente, para a estrada. E, porque o fogo foi assinalado com prontidão pelos empregados daquela casa agrícola que, imediatamente começaram a combatê-lo, quando os Bombeiros Voluntários prontamente lá chegaram, limitaram-se, praticamente, a assegurar o rescaldo.

Ardeu, entretanto, grande quantidade de bom pasto, havendo que referir tudo ter ocorrido nesta eventualidade de modo favorável. De recriminar, mais uma vez, a condenável atitude dos descuidados fumadores que se desfazem das pontas de cigarros atirando-as com lume para qualquer lado sem procurar atentar nas graves consequências que esse impensado gesto pode acarretar.

ENSINO PRIMÁRIO

Foram hoje publicados na folha oficial despachos que concedem aumento de vencimento, por diuturnidades, a professores do ensino primário de diversos distritos escolares.

portugueses
muitos dos
têm as refe-
ições, vêm
gar ou jan-

Com ele
(Lisbona, o
bella) e tr
Seus nomes
Glória Ama
Afinal, tod
portugueses.
deira, do Co
res. Todas
de Massach
de Boston
monumentos
seu ar, da
queixamo-n
nos States
praias ma
Estoril, Cap
nes, eu sei
(Évora não
a comida, a
o fado, são
brancas des
que todos q
ano, de novo
Há quem
tempo dimi
tância do C
que mais

EMP

seus



CARROS
USADOS

PROVENIENTES DE
TROCAS

Taunus 20 M 1966 s/
averbamento
Taunus 17 M 2 p. s/ aver-
bamento
Taunus 17 M 1965
Taunus 15 M T. S. 4 p.
s/ averbamento
Taunus 15 M T. S. coupé
s/ averbamento 1967
Taunus 12 M P. 4-4 p.
s/ averbamento
Taunus 12 M Super 1960
Cortina 1964
Opel Rekord 4 p. 1961

FURGONETAS

Taunus Transit 1962
Citroën 2 cv 1965
Volkswagen 1961

e outros com facilidade
de troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva,
n.º 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO



PORTUGUÊS — opinião geral

férias da Faculdade de Letras

numa pensão e tomo as refeições na Cantina Universitária. — E que tal? — Bem, a comida é barata, mas não é muito boa, diz-nos um inglês, logo apoiado por um alemão (claro, o entendimento é possível!) e outros. Mas acrescenta: — Contudo, este senão é compensado pelo convívio com os outros alunos do curso e, principalmente, com os estudantes

coar seu português e aproveitar (melhor) o Verão português. — Hei-de regressar «toda queimadinha» ao meu país, frio e distante, diz-nos uma sueca. Uma sueca admirável, obra magnífica da criação.

Um soneto de Florbela

No curso elementar, a prova escrita constou de um ditado, simplesmente, que Maria Dolores Dominguez, espanhola das Caná-



ricanas de origem portuguesa (Glória Amaral, Rose Marie Pedro e Jessica) fazem impressões sobre o seu exame. — Há certas palavras tão difíceis de lembrar o Curso Elementar e tencionam voltar de novo, no próximo ano

portugueses. De tal forma que muitos dos alunos do Curso que têm as refeições nas suas pensões, vêm muitas vezes, almoçar ou jantar ao restaurante.

Com ele estão duas italianas (Lisbona, oh Lisbona é muito bella) e três norte-americanas. Seus nomes: Rosemarie Pedro, Glória Amaral e Jessica Matos. Afinal, todas descendentes de portugueses. Portugueses da Madeira, do Continente e dos Açores. Todas elas universitárias e de Massachussets. De Acushnet, de Boston e de Fall River. Os monumentos da cidade, todo o seu ar, da sua limpeza (nós queixamo-nos, elas dizem que nos States é muito pior), as praias maravilhosas (Cascais, Estoril, Caparica, Sesimbra, Sintra, eu sei lá!). As excursões (Évora não esquecerá tão cedo); a comida, a música moderna e o fado, são as melhores lembranças desta visita a Portugal que todos querem repetir, para o ano, de novo no Curso de Férias. Há quem considere um mês tempo diminuto para a importância do Curso. Há assim quem queira mais tempo para aperfei-

rias, considerou fácil. Aqui, o professor de Português é o dr. José Pina Martins.

No curso complementar (professor o dr. Peral Ribeiro), o ditado foi extraído da obra de Ferreira de Castro. Seguiu-se uma composição, que os alunos podiam apresentar na forma de carta ou artigo, contando suas impressões desta visita a Portugal.

Quanto ao curso superior, os examinandos depois de terem apreciado o soneto «O que tu és» de Florbela Espanca, tiveram que resumir-lo ou comentá-lo, explicar o sentido de dois versos e, por fim, formular uma frase empregando o verbo humilhar no futuro do conjuntivo, na conjugação perifrástica e outra onde o mesmo verbo apareça no pretérito mais que perfeito do indicativo também na conjugação perifrástica.

Entretanto, outros pensam já na partida. E, além doutras e doutros, no «placard», a jovem Hélène Dubois afixou a oferta de dois lugares disponíveis, para viagem de automóvel, de Lisboa a Toulouse, com partida depois de amanhã.

Vamos, leitor?

Torre



de Babel

João Medina

O REGRESSO DE ULISSES

Como a felicidade não tem história (por esse motivo é a Suíça país tão simpático mas desprovido de grandes acontecimentos), pouco nos conta Homero sobre a vida de Ulisses desde que o herói regressou ao recesso doméstico, uma vez punida a cupidez dos pretendentes que lhe ameaçavam o tá-lamo e a fazenda. Salvas ambas, retomadas as rédeas do reino, Ulisses deixa de ocupar o poeta, interessado apenas em tirar partido dos longos anos de sublime vagabundagem pelas sete partidas do estreito mundo de então, o qual, como se sabe, cabia todo naquela lagoa que serve hoje para cruzeiros de Verão e que os romanos, muito egoístas, chamavam «Mare nostrum».

Todos recordam os feitos, as armas e as astúcias do solerte varão desde o momento em que, fechada a tenda da guerra de Tróia, os reis e hoplitas fizeram as malas e voltaram para o tédio de Lisistrata ou para os tumultos da tragédia, em obediência aos fados e às conveniências das normas estéticas depois catalogadas pelo Estagirita, vulgo Aristóteles. Mas, um Agamémnon, acatando a «voz do sangue» (a maldição dos Atridas), voltava orgulhosamente para o lar, doce lar (talvez, a largo, tredo e sangrento, como ninguém ignora), Ulisses entrava no círculo infernal das viagens em ziguezague, peregrinando daqui para ali, dos lotófagos para os ciclopes, destes para os cimerios, passando por Circe (à qual François Mauriac comparou um dia a loira Brigida Bardota) e outras mulheres fatais, «camps» da poesia grega. Uma vez desprendido do amor nada cómodo embora melado de Calipso, ninfa imortal cobigosa do corpo mortal do ilustre heleno, arribado a bom porto graças à ajuda de Alcinoos, rei dos feácios, símbolo da boa hospedagem e da xenofilia (sentimento de todo perdido no mundo de hoje ou, pelo menos, nesta Europa das férias pagas), logrou enfim o herói singrar em linha recta até Itaca, onde encontrou um enxame de madraços a cobijá-lo a mulher e o reino.

Punidos como convinha todos aqueles velhacos, durante a inesquecível cena do massacre na sala do festim, pôde Ulisses reencontrar a esposa, a família, o lar, o mando. Mas que fez ele, — depois? Apesar de tudo, alguma história há-de ter a Felicidade, mesmo que não passe duma história monótona, helvética, ronronante. Tentemos portanto fantasiar o que teriam sido os anos suíços de Ulisses em Itaca, depois da longa odisséia. Como a assistência social da Antiguidade não devia pagar aos reis em exílio os abonos em atraso nem as indemnizações

por acidente devido à raiva de Poseidon, inimigo pessoal do herói, será de calcular que Ulisses encontrasse a fazenda pública de Itaca em péssimo estado, as secretarias atalhadas de funcionários incompetentes e corruptos, os campos abandonados, a instrução confiada a metecos sem elevação moral (já então o meteco era tido como forçosamente mau, subdesenvolvido, inculto, fautor de desordens, subversões, etc.), as ruas por calcetar, os palácios a pedir reparações; enfim, o caos em perspectiva, caos financeiro, administrativo, económico, político. Para remediar a tudo isto, parece que o solerte varão, apelidado «polytropon» pelo bardo, teria instaurado uma estratocracia implacável e que, apesar de nada resolver, teve pelo menos o grande mérito de expulsar da Itaca os metecos, instaurando no reino uma moralidade nova, Telémaco, mais liberal que o pai, foi convidado a fazer estudos de línguas bárbaras na terra dos feácios e todos os descontentes amavelmente metidos num barco e convidados com insistência a irem colonizar as ilhas desertas da Ásia Menor. Uma vez restabelecida a Ordem, dedicou-se o herói a escrever as suas memórias. Parece que teria morrido quando entrava no capítulo V, intitulado «Antinoos, rei dos feácios, acolhe com a devida honra o valente Ulisses».

Apesar da aura que lhe valeram tantos perigos e tribulações em luta contra os elementos, animais fabulosos e povos bárbaros, parece que Ulisses não gozava de inteira admiração dos seus súbditos: a glória passa depressa, os defeitos e os erros dos homens são mais notados do que as suas frágeis virtudes transitórias; assim, depois de ter vivido alguns anos dos dividendos da sua lenda, Ulisses conheceu o desfavor e a ingratidão dos seus. Gorda, envelhecida, Penélope perdeu quanta formosura tinha e passou o resto dos seus dias a tricotar vestuários excêntricos; disseram os esculápios tratar-se de efeitos da menopausa. Quanto ao herói, a calvície e depois as doenças reduziram-no a um triste ancão no qual as gerações mais novas dificilmente logravam ver o guerreiro de Tróia, o amante de Calipso, o atleta que matara o Ciclope e domara a intratável Circe. A insolência dos jovens vieram, por fim, juntar-se as agruras da política, as dificuldades financeiras e a hostilidade geral do reino. Quando um dia correu a notícia da morte do herói, ninguém o chorou, nenhum treno subiu ao céu de Itaca.

Paris, Agosto de 1968

CHOCOLATES TACIDES

BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

É sempre prova de carinho dar uma prendas de gosto às pessoas de amizade

GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

LIBRAS OURO

Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º

JÁ ANUNCIADAS

6.º — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE 7.º — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, dá-lhe a saúde da boca e dos dentes

EMACO

EMPRESA DE ADMINISTRAÇÃO E CONSTRUÇÕES S. A. R. L.

Agradece a todos os interessados o favor de notarem que os seus escritórios foram transferidos para:

Rua Barata Salgueiro n.º 53 - r/c.

Telefones: 539016, 539017, 539018.

CONFIE NA

Ourivesaria da GUIA



COMO O FAZ HA QUASE 100 ANOS. UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D DUARTE 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

NIXON CANDIDATO

Os republicanos consideram 1968 o ano da sua oportunidade

(Continuação da 1.ª página)

O Partido Republicano, ao escolher Nixon, rejeitou a opinião generalizada de que o antigo vice-presidente perdia sistematicamente as eleições e de que para vencerem em Novembro precisavam de um candidato de tendência liberal como o governador Rockefeller.

OITO HORAS DE DISCURSOS E RUÍDOSAS MANIFESTAÇÕES

A escolha do candidato republicano verificou-se após oito horas de discursos e ruidosas manifestações no típico estilo colorido da política americana.

Foram apresentadas, oficialmente, a Convenção as candidaturas de nove políticos além dos três principais concorrentes. Um deles, o antigo governador Harold Stassen, foi proposto pela quinta vez desde 1944 e recebeu apenas dois votos.

Nixon não se encontrava na sala mas acompanhava os acontecimentos do seu hotel através da televisão. Só pouco antes de começar a votação é que saiu do hotel e se dirigiu para a Convenção.

A manifestação mais barulhenta da noite foi, provavelmente, a dos adeptos de Rockefeller, que se mostraram tão exuberantes que foram necessários dez minutos para os convencer a voltarem aos seus lugares e a calarem-se para permitirem o prosseguimento dos trabalhos.

UNANIMIDADE

O resultado da votação, antes dos delegados terem decidido apoiar Nixon por unanimidade, dava a Rockefeller 277 votos e a Reagan 182.

Reagan apareceu sorridente na tribuna recebendo uma entusiástica ovação ao admitir a derrota e propondo um voto unânime a favor de Nixon.

Reagan afirmou que a unidade do Partido em volta do seu candidato era necessária na certeza de que «esta grande nação não poderá sobreviver se continuar durante mais quatro anos com a mesma política que tem seguido por tempo demasiadamente longo».

Quando finalmente Nixon subiu à tribuna para agradecer a nomeação, a maior parte dos delegados já tinha modificado a sua votação passando a apoiá-lo.

A delegação do Minnesota, que tinha votado a favor de Rockefeller, foi a primeira a dar um voto unânime a Nixon.

O governador Romney do Michigan, que foi candidato presidencial

até Novembro e obtivera 44 votos dos delegados do seu Estado, também deu o seu apoio a Nixon.

O CANDIDATO PROMETE UMA CRÍTICA CERRADA À ACTUAL ADMINISTRAÇÃO

Richard Nixon, falando pela televisão pouco depois de ter sido conhecido o resultado, disse que ganhará as eleições presidenciais em Novembro.

Ao perguntarem-lhe se foi submetido a pressões para a escolha do candidato à vice-presidência, respondeu: «Obtive a nomeação sem ter que pagar qualquer preço por ela ou fazer qualquer combinação com outro candidato».

Nixon prometeu anunciar o nome do seu companheiro de lista antes do meio-dia, depois de consultar os dirigentes do Partido. Um dos critérios principais a adoptar na escolha do vice-presidente será o de saber se ele poderá vir a dar um bom presidente.

Nixon prometeu ainda fazer uma campanha eleitoral de crítica cerrada à actual Administração mas salientou que não pretende criar divisões dentro do país.

«Desejo ganhar as eleições da mesma forma que ganhei a nomeação».

ção: de modo a que possa unir a nação.»

Rockefeller felicitou Nixon pela sua vitória, que classificou de «êxito espectacular» e disse aos jornalistas que trabalhará a favor da candidatura de Nixon insistindo, porém, que não está interessado na vice-presidência.

BARNARD CHEGOU A ROMA Treze mineiros PARA EXAMINAR soterrados? CRIANÇAS DOENTES

ROMA, 8 — (R.) — O cirurgião sul-africano dr. Christian Barnard chegou hoje a esta cidade para examinar um grupo de crianças a pedido da actriz Sofia Loren.

Segundo disse aos jornalistas inicialmente apenas tencionava examinar Paolo Fiocca, de 4 anos de idade, cuja família lhe escreveu para a Cidade do Cabo com a recomendação de Sofia Loren.

No entanto, a publicidade feita



Richard Nixon aplaudido por Nikita Kruchichev após ter pronunciado um discurso durante a inauguração de uma exposição norte-americana em Moscovo, há nove anos. Nixon era então vice-presidente

em torno da sua visita a Roma levou numerosas mães italianas a enviarem telegramas à clínica Moscati pedindo que os seus filhos sejam também examinados.

O dr. Barnard disse no aeroporto não saber ao certo quantas crianças aguardam a sua consulta mas afirmou que as examinará todas.

Um informador da clínica tinha dito ontem à noite que já se encontram ali três e que é esperada hoje ainda outra.

O cirurgião partiu ontem de Johannesburg para uma viagem de três semanas à volta do mundo, sendo Roma a sua primeira escala. Segundo explicou, tinha um compromisso para vir a Roma a fim de ser entrevistado para a TV e preparar tudo para poder na mesma ocasião examinar as crianças doentes.

O cirurgião, que saiu directamente do aeroporto para a clínica Moscati, salientou que actuará apenas como consultor técnico no caso de Paolo Fiocca, a criança que inicialmente lhe tinha sido recomendada por Sofia Loren. Segundo afirmou, depois de examinar Paolo, que tem uma deficiência no septo, informará se a operação para o curar é viável ou não e aconselhará sobre o local mais indicado para a sua realização que poderá ser nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na África do Sul ou na Itália.

IDENTIFICADO O HOMEM QUE MATOU MANZANAS

SAN SEBASTIAN, 8 — (F. P.) — O assassino de Meliton Manzanas, chefe da Brigada Espanhola de Investigação Político-Social de Guipuzcoa foi identificado pela viúva da vítima, que o reconheceu entre as fotografias de militantes da organização E. T. A. (Movimento Revolucionário Basco) que lhe foram apresentadas pelos investigadores.

Indica-se, de boa fonte, que o jovem terrorista ainda não foi preso, se bem que se suponha estar escondido numa localidade próxima de San Sebastian.

CENTRAL CITY (Kentucky), 8 — (A. N. I.) — Registou-se ontem um acidente — possivelmente uma explosão — na mina de carvão River Queen, que fica a cerca de cinco quilómetros de Central City, localidade situada a ocidente de Kentucky. Suspeita-se de que treze mineiros, que não responderam à chamada, tenham ficado empalados numa das galerias.

A mina, que pertence à companhia hulheira Peabody, é uma das maiores produtoras de hulha betuminosa.

O hospital Muhlenberg, situado perto de Greenville, recebeu um ferido, afirmando as entidades médicas que está preparado para receber mais.

A administração da mina recusou-se a divulgar informações a respeito do acidente.

Primeira transplantação cardíaca no Japão

SAPPORO (Japão), 8 — (R.) — Médicos anunciaram hoje que realizaram com êxito, no Japão, a primeira operação de enxerto cardiovascular.

O doador e o recipiêdo eram homens, revelava um comunicado da Universidade Médica de Sapporo, situada em Hokkaido, a principal ilha ao norte do Japão.

A operação começou às duas horas da madrugada e o nome do doente foi indicado como sendo apenas Miyazaki.

Novas horas após a operação a sua tensão arterial e o ritmo do pulso eram normais.

O coração transplantado foi mantido a funcionar com o auxílio de uma máquina enquanto era removido do corpo do doador e transferido para o recipiêdo, um jovem de 18 anos que há dez sofria de deficiências cardíacas.

A transplantação, que demorou três horas e meia, foi efectuada pelo professor Juro Wada.



«Farei amigos em Portugal» — declarou Richard Nixon, em 1963, ao «Diário de Lisboa» no momento em que desembarcava no aeroporto da Portela, a fim de passar três dias no nosso País

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

ELCO

ELECTRO COMERCIAL E INDUSTRIAL, LDA.

PORTO - COIMBRA - LISBOA

Por motivo das férias anuais, encerramos todos os nossos serviços de 10 a 25 de Agosto corrente. Agradecemos a benevolência dos nossos clientes, fornecedores e amigos.

A GERÊNCIA

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA SECRETARIADO

A duração depende das habilitações das alunas, sendo mínima para as que têm a frequência do 5.º ano ou maior preparação. Essas frequentam turmas especiais

Escola Lusitânia Feminina

RUA DE D. ESTEFANIA, 126 (à Av. Duque de Avila)
TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO

NIXON É UM «VENCIDO NATO» — AFIRMOU ROCKEFELLER

MIAMI BEACH, 8 — (A. N. I.) — «Estou completamente espantado pelo que tenho visto e pelo que me têm contado acerca das táticas de Richard Nixon para conseguir a nomeação» — afirmou Nelson Rockefeller, em conferência de imprensa dada pouco antes do início da sessão da convenção nacional republicana dedicada à eleição do candidato do Partido para a eleição presidencial.

«Primeiro» — prosseguiu — «Nixon afirmou aos delegados do Sul que não apoiaria qualquer lei que julgasse inaceitável para o Sul e agora prometeu aos mesmos delegados que não escolheria um candidato à vice-presidência que desagradasse ao Sul. Não conseguiremos uma vitória nas eleições nacionais se tivermos um candidato que só favorece o Sul. Penso que assim não conseguiremos unir o Partido. O que Nixon conseguirá com isto é unir o Partido Democrático como ninguém mais neste país conseguirá».

Rockefeller afirmou que Nixon é um «vencido nato», que não conseguirá ganhar uma única eleição em dezoito anos de vida política.

«Não tenho conhecimento de que Nixon tenha ganho alguma coisa, a não ser que tenha sido ao «poker» — acrescentou.



Uma loira norte-americana revestiu-se de «tickets» de propaganda dos três aspirantes à candidatura pelo Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos. Entre Rockefeller, Reagan e Nixon, certa preferência parece ter sido dada a este último, o que saiu certo, pois o antigo vice-presidente obteve hoje, em Miami Beach, a nomeação como candidato pelo «Grand Old Party»

O desejo de paz salientado pelo «New York Times»

NOVA YORK, 8 — (A. N. I.) — «A viragem para pomba», tomada pela convenção republicana quanto ao Vietnam, reflecte a universalidade do desejo de paz entre o nosso povo e abre o caminho ao presidente Johnson para uma nova iniciativa nas conversações de Paris» — escreve, em editorial, o «New York Times».

«Tal iniciativa» — prossegue o jornal — «É claramente viável, a despeito da atitude negativa assumida recentemente pelo presidente e pelo secretário de Estado Dean Rusk. É uma ótima ocasião para pôr à prova as intenções de Hanói, com uma suspensão total dos bombardeamentos e andar para a frente na busca de uma solução política em que estão agora empenhados os dois maiores partidos norte-americanos».

Novamente candidato aos 55 anos de idade

NOVA YORK, 8 — (R.) — Richard Nixon, que é formado em Direito e natural da Califórnia, foi vice-presidente dos Estados Unidos de 1952 a 1960, durante os dois mandatos do presidente Eisenhower.

Nascido em 1913, é o segundo dos cinco filhos de um marceneiro que pertencia à seita Quaker. De robusta complexão física e 1,80 metros de altura, Nixon alistou-se na Marinha durante a Segunda Guerra mundial e alcançou o posto de capitão-tenente.

Era praticamente um desconhecido na política quando ganhou a sua primeira campanha eleitoral e entrou para o Congresso em 1946. Apenas seis anos mais tarde ascendeu à vice-presidência dos Estados Unidos após uma rápida e espectacular carreira nas fileiras do Partido Republicano.

Orador fluente que emprega o seu encanto pessoal para captar as audiências, Richard Nixon tem fama de ser um administrador eficiente e activo. Porém, os seus adversários consideram-no politicamente um oportunista que não hesitou nos seus discursos da campanha de 1952 em apresentar o presidente Truman e os democratas como «o partido da traição» no estilo do falecido senador Joseph McCarthy para quem todos os adversários políticos eram comunistas.

Nixon tem sido extremamente elogiado e extremamente criticado tornando-se uma das figuras mais discutidas da política americana.

Enquanto os seus adversários o alcunham de «Tricky Dicky» (O Richardinho dos truques), Eisenhower chamou-lhe uma vez «o mais valioso elemento da minha equipa» e deu-lhe todo o seu apoio na campanha eleitoral de 1960 contra o falecido John Kennedy.

Quando foi vice-presidente esteve a um passo da presidência, pois, Eisenhower sofreu um ataque cardíaco em 1955 e um ataque cerebral dois anos mais tarde que o poderiam ter afastado da Casa

O mais «jovem»

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — Dos três candidatos que decidiram disputar aos democratas a sucessão de Lyndon Johnson, o Partido Republicano, reunido em convenção em Miami Beach, na Florida, escolheu o mais «jovem», Richard Nixon, de 55 anos, feitos em 9 de Janeiro, defenderá as cores republicanas na eleição presidencial de 5 de Novembro, medindo-se com o homem que o Partido Democrático designa, em Chicago, na última semana deste mês.

Ao confiar esta missão ao antigo «mediato» dop residente Dwight Eisenhower, os delegados republicanos provaram, ao mesmo tempo, que não dão crédito à reputação feita a Nixon, há longos anos. Para eles, o antigo vice-presidente dos Estados Unidos deixou de ser o «eterno derrotado», uma vez que, ao cabo de uma campanha animada, na qual Nelson Rockefeller e Ronald Reagan fizeram tudo para o desviar da investitura republicana, Nixon conseguiu atrair a maioria dos sufrágios dos delegados à convenção.

Branca antes de terminar o seu mandato.

gio entre muitos americanos que passaram a considerá-lo como alguém «capaz de responder à letra aos comunistas».

O seu famoso «debate na cozinha» com Khrushchev quando visitou a exposição americana de Moscovo, em 1959, elevou o seu prestígio.

PREPARATIVOS PARA AS MANOBRAS SUL-AFRICANAS

PRETÓRIA, 8 — (A. N. I.) — Os motoristas foram avisados ontem à noite que um comboio de 700 camiões do Exército sul-africano vai utilizar a «grande estrada do Norte» no próximo fim-de-semana para transportar soldados para a província do Transvaal, onde se realizam as manobras militares anuais.

Congo-Brazzaville — uma crise esperada

A crise ocorrida em Brazzaville prova que o antigo Congo francês não ultrapassou ainda a fase de instabilidade que a maior parte das antigas colónias da África Negra conheceram nos anos que se seguiram à sua ascensão à independência.

A revolução de 1963 originou o aparecimento de problemas, e não se passará muito tempo sem que se compreenda que uma viva luta de influência se opunha à administração e ao Movimento Nacional da Revolução que, no próprio seio deste partido, se chocavam tendências moderadas, realistas, que os adversários do socialismo não se tinham acalmado e, por fim, que o exército, tal como acontece em quase todo o «terceiro mundo», era influente, mas está dividido.

O ano de 1966, em particular, foi assinalado por várias crises, uma das quais deu origem à demissão do primeiro-ministro de então, Lissouba; uma outra teve como resultado um motim militar.

Alguns sinais, às vezes difíceis de interpretar, deixavam prever a crise que acaba de se produzir: a estranha declaração do presidente da República, no mês passado, na qual ele afirmava estar pronto a ceder o lugar a outro «mais dotado que ele» e, sobretudo, a decisão deste de dissolver a Assembleia Nacional (as eleições estavam previstas para o fim do ano), de suspender as actividades do Gabinete político do M. N. R. e de criar um «comité» de defesa da revolução.

Como muitas vezes acontece em África, o conflito do Congo

O PENTÁGONO REDUZ AS SUAS DESPESAS

WASHINGTON, 8 — (A. N. I.) — A secretaria da Defesa dos Estados Unidos, para cortar nos seus gastos três biliões de dólares, anunciou que vai retirar do activo 50 navios e oito esquadrilhas da força aérea da Marinha o que poupará 118 milhões de dólares.

O Pentágono sublinhou que esta medida não afectará a esquadra em operações no Vietnam. A maioria dos navios a retirar do activo são pequenas unidades auxiliares de combate e lanchas anfíbias construídas durante a segunda guerra mundial.

Cerca de 1000 oficiais e 12 000 subalternos das unidades retiradas do activo passarão para outras missões, mas outros 13 000 homens serão abatidos ao efectivo da Marinha de guerra.

não é de agora; assenta em problemas étnicos, políticos e sociais, e encontramos estas clivagens tanto no exército como no partido ou na administração. Fala-se, em Brazzaville, de uma rivalidade entre as tribos do Norte e as do Sul, o que é apenas um dos aspectos do problema. Mas, se é que a situação criada na capital congoleza autoriza uma interpretação, a experiência do passado e os acontecimentos dos últimos dias, tendem a provar que o diferente é essencialmente político e que se baseia em concepções divergentes de socialismo.

Há já muito tempo, e apesar de uma conspiração denunciada em Maio último, Massemba-Debat parecia achar mais possível uma «contra-revolução» do que uma acção de elementos de extrema-esquerda pró-chineses. Estes acusavam o chefe do Estado de pôr em causa a linha do seu regime, de renunciar às nacionalizações, sob pretexto de não comprometer os investimentos estrangeiros.

Como já antes outros chefes do Estado o tinham feito, nomeadamente Modibo Keita, no Mali, ou mesmo Sekou Touré, na Guiné, Massemba-Debat tinha efectivamente, para salvaguardar a economia do país, atrasado o ritmo da experiência socialista, o que lhe valera severas críticas e desconfianças.

Ao que parece, mais uma vez, em terra africana, os militares decidiram arbitrar as divergências políticas.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

PRESAS 40 PESSOAS NAS DESORDENS RACIAIS EM MIAMI BEACH

MIAMI, 8 — (R.) — A Polícia, armada de metralhadoras ligeiras, patrulhava a noite passada a cidade da liberdade, o «ghetto» dos negros em Miami, após grupos de jovens negros, amotinados, apedrejarem automóveis, partirem montanhas, e se dedicarem à pilhagem e provocarem incêndios.

Foram presas mais de 40 pessoas e registaram-se, pelo menos, sete feridos nas desordens, a seguir a um comício do «poder de votação» só para negros, convocado para protestar contra as delegações, virtualmente só constituídas por brancos, à Convenção Nacional Republicana, que se realiza em Miami Beach, nas proximidades.

Negros, armados com carabinas, assaltaram, pelo menos, um bar, levando consigo dinheiro e bebidas alcoólicas e anunciou-se que vários outros estabelecimentos e armazéns foram, também, assaltados. Três repórteres da Televisão foram agredidos a soco, ficando ligeiramente feridos, por jovens negros quando tentavam filmar um acto de pilhagem. Jornalistas brancos foram impedidos de assistir ao comício.

APELO DE ABERNATHY

A Polícia agiu rapidamente para acabar com os motins, que se limitaram principalmente à área do «ghetto», a noroeste de Miami, a cerca de 16 quilómetros do auditório onde se realiza a Convenção republicana.

Foram incendiados dois automóveis e vários outros fogos lavravam em prédios desocupados. Pedras foram arremessadas contra carros que circulavam na área e a Polícia fez um apelo aos moradores locais para permanecerem nos seus lares.

O reverendo Ralph Abernathy,

dirigente da «campanha dos pobres», dirigiu-se à área e apelou para que terminasse a violência. afirmou: «Faço um apelo aos meus irmãos: Por favor não recorram à violência. Essa não é a maneira».

Uma notícia dizia que o incidente principiou quando um automóvel, transportando apaniguados do candidato presidencial do terceiro partido, George Wallace, de Alabama, foi incendiado.

Ao mesmo tempo, as ruas da baixa de Miami, directamente a oeste do centro da Convenção, no outro lado de Biscayne Bay, encheram-se de negros que procuravam apanhar o fresco da noite por causa do calor.

PINTURA PSICADÉLICA PARA UMA MANSÃO

DAVIS (Califórnia), 8 — (R.) — Uma milionária desta cidade, figura da alta sociedade, ficou com o exterior da sua mansão senhorial pintada com distícos radicais como «Amem-se, não façam guerra», a despeito da irritação dos vizinhos, que se opõem à venda da residência a estudantes.

No mês passado, Angelica Hill Dunham, de 45 anos, forneceu à filha e aos amigos pincéis e tintas psicadélicas, dizendo-lhes que pintassem o que quisessem.

Os vizinhos queixaram-se ao município de que a conversão da mansão num lar de fraternidade académica acabaria com o sossego na área.

Os distícos pintados em todo o edifício, desde o chão ao telhado, avisam o município das coisas «abarrueltas» que poderá suportar se não aprovar a venda.

PÍLULAS PARA EVITAR ATAQUES CARDÍACOS

GENEVA, 8 — (A. N. I.) — Cinco mil cobaias humanas, em três países europeus, estão presentemente a tomar pílulas para evitar ataques cardíacos — anunciou a Organização Mundial de Saúde.

A «operação pílula cardíaca», para experimentar um medicamento que reduz o colesterol da corrente sanguínea, começou na Inglaterra, na Hungria e na Checoslováquia — revelou um informador da Organização.

«Cinco mil homens estão já a participar na experiência, que se destina à pesquisa de meios para combater a arteriosclerose» — afirmou o informador. Os médicos têm esperança neste produto, denominado «Clofibrate».

A experiência, patrocinada pela Organização Mundial de Saúde, pela Fundação Cardíaca Inglesa e pelo Conselho de Pesquisas Médicas da Inglaterra, poderá ser alargada até se utilizarem quinze mil doentes como cobaias.

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125\$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA
E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora Centro da Amadora frente à estação do C F Portas de Benfica, Parede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NAO CONFUNDA UMA ORGANIZACAO DE BEM SERVIR COM SIMILARES
INFORMACOES

Lisboa — R. Conde Rendo, 53. 1.º Esq.º — Tel. 478 43 e 458 43

Queluz — R. D. Maria I. 30 — Tels. 95 20 21 e 95 20 22

Amadora — Reboleira — Tel. 93 36 70

AZULEJOS

AZULEJOS
NACIONAIS E
ESTRANGEIROS
DESDE \$60

BANHEIRAS DE FUNDICAO
E CHAPA ESMALTADA
PREÇOS
SEM CONCORRENCIA

A BOA QUALIDADE
A BAIXO PREÇO

A MAIOR GAMA DE MATE-
RIAS DE CONSTRUÇÃO. ES-
PECIALMENTE REVESTI-
MENTOS, TINTAS, DROGAS
FERRAGENS E FERRAMEN-
TAS

J. PIMENTA, LDA

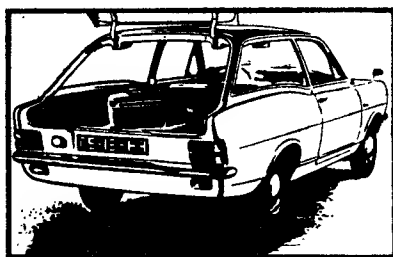
RUA D. MARIA I. 30
QUELUZ

Praça Padre Eduardo Ferreira de
Amaral, 3-A — AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)



DE SUCESSO
EM SUCESSO

o VIVA ESTATE-CAR é "UM CARRO SINGULAR":



VAUXHALL
VIVA
ESTATE-CAR

Cilindrada do motor: 1159 c.c.
Potência do motor: 56,2 c.v.
Capacidade de carga: 1,230 m³
Esc. 64 873\$50 (Taxas incluídas)

Passageiros ou mista



AUTO-INDUSTRIAL GM

LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 95 • TEL. 56 25 51 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 33 96 — CALDAS DA RAINHA

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

26.º SORTEIO TRIMESTRAL

Este sorteio realiza-se na sede da JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO no próximo dia 30 de Setembro, pelas 10 horas.

1 — 1.º prémio	100.000\$00
1 — 2.º prémio	30.000\$00
1 — 3.º prémio	20.000\$00
5 — 4.º prémios	5.000\$00 cada
25 — 5.º prémios	1.000\$00 cada

Estes prémios são constituídos por certificados de aforro cujos valores de aquisição correspondem a 70.000\$00, 21.000\$00, 14.000\$00, 3.500\$00 e 700\$00.

São admitidos a este sorteio os certificados já emitidos e ainda os que vierem a ser criados até 31 do corrente, mas não poderão ser atribuídos prémios aos que tiverem sido amortizados ou cuja amortização venha a ser solicitada até ao dia 29 de Setembro.

O 27.º SORTEIO TRIMESTRAL realizar-se-á em 30 de Dezembro de 1968

Os certificados de aforro gozam agora de novas e mais vantajosas condições beneficiando de uma tabela de amortização mais compensadora, a partir de 1 de Outubro próximo.

Peça na Junta do Crédito Público ou em qualquer estação dos correios os novos folhetos explicativos sobre a matéria.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público,
6 de Agosto de 1968.

PELO DIRECTOR-GERAL
António Noronha

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

PAQUETE «AMÉLIA DE MELLO»

AVISAM-SE OS SRS. PASSAGEIROS QUE O PAQUETE «AMÉLIA DE MELLO», POR MOTIVOS ALHEIOS À NOSSA VONTADE, ALTEROU A SAÍDA PARA O DIA 11 (ONZE) ÀS 12 HORAS, NA GARE MARÍTIMA DE ALCANTARA.

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

MINISTÉRIO DA SAÚDE
E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1968
AVISO

FORNECIMENTO E MONTAGEM
DE UM GERADOR DE VAPOR
CONC. PÚBLICO N.º 77/68

Para conhecimento dos interessados se notifica que, por despacho da Administração, de 6 do corrente o prazo para a entrega das propostas do concurso em epígrafe, foi prorrogado para as 15 horas do dia 16 de Setembro, efectuando-se a abertura das mesmas às 16 horas desse dia no Serviço de Aquisições (Piso 01).

Lisboa, 7 de Agosto de 1968.

Pelo ADMINISTRADOR
Almeida Ribeiro

No CARIAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na CASA PEDRO ALVES SUC. RUA DO BATALHOZ



FURRIEL MILICIANO
**JORGE MANUEL
BAPTISTA DA SILVA**

(Morto ao serviço da Pátria na Guiné)

Sua família participa que o funeral se realiza amanhã dia 9 pelas 12 h, da capela do Hospital Militar da Estrela para o cemitério do Alto de S. João.



LUÍS ANTÓNIO PEREIRA

Lucinda do Céu Pereira e família participam que o funeral do seu filho e parente Luís António Pereira, morto em combate na Província da Guiné, em 16 de Julho passado, se efectua amanhã, pelas 12 horas, para o Cemitério da Ajuda, saindo da Capela do Hospital Militar Principal da Estrela, onde o corpo estará exposto a partir das 23 horas de hoje.



ARTUR ADRIANO AIRES

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que amanhã, dia 9, às 10.30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será celebrada missa pelo eterno descanso de seu saudoso parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Agosto de 1938 publicava: «WASHINGTON, 8 — O Departamento da Marinha anuncia que três mergulhadores do «Usantvy» bateram o «record» de mergulho em profundidade, graças ao aperfeiçoamento da mistura de oxigénio e hélio para abastecimento do ar. Durante o mês de Julho um mergulhador atingiu a profundidade de 122,5 metros e os outros dois atingiram 152,4 metros. «O velho método do ar comprimido raras vezes permitiu ultrapassar 90 metros de profundidade.»

CURIOSIDADES

● Vacas mungidas à moderna

Uma fábrica britânica está a produzir secções de mungição que pouca preparação de terreno requerem, e podem ser instaladas com a maior rapidez e facilidade. Assim não se tornam necessárias estruturas.

Para esses estábulos, em três modelos, a única preparação de terreno necessária é a construção de uma base de cimento, com uma escavação para o fosso do trabalhador. Se, no entanto, não for possível cavar um fosso ou se tal apresentar grandes dificuldades, o gado pode ser colocado em plataformas elevadas, trabalhando ao nível do solo o encarregado da mungição, feita por meio de equipamento especial.

● As ascorosas moscas

É espantosa a capacidade reprodutora das ascorosas e impertinentes moscas, que, resistindo, ao efeito destruidor de poderosos insecticidas, constituem, por toda a parte, ameaça à higiene e à saúde pública.

Imagine-se que duas moscas caseiras acasaladas em Fevereiro deste ano poderão produzir tal quantidade de descendentes directos que, em Maio de 1969, cobriam a superfície da Terra com uma camada de catorze metros de altura!

ANEDOTAS

A mãe, indignada:
— Mas porque não gritaste por socorro quando o Alfredo te beijou?

— Oh, mãe!... Porque ele não precisava de socorro algum!

★

Entre amigos:
— Imagina tu que a minha mulher julga-me um tesouro.
— Tens sorte. A minha, então, pensa que sou uma tesouraria.

★

Um jovem casal foi visitar uns amigos que tinham comprado uma vivenda. Depois de verem a casa, um dos visitantes exclamou:

— É uma maravilha! Mas noto-lhe uma falta...

— Uma falta?! Qual é? — perguntou o proprietário.

— Não tem pára-raios...

— Ah! não faz diferença. Mora comigo a minha sogra!...

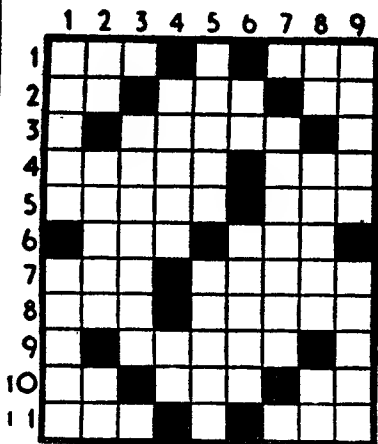


— Este Banco é formidável. E se a gente abrisse conta aqui?

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4903

(COM PROVERBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Duas vezes. Artigo definido. Mil e quatro em romano. 2 — Artigo indefinido. Nome de mulher. Nota musical. 3 — Chama em socorro. 4 — Enfiada. Título de uma das mais belas tragédias de Corneille. 5 — Reza. Reza. 6 — Estava. Vantagem. 7 — Rio de França. Volta. 8 — Pronome pessoal. Desmoronava. 9 — O mesmo que minhoca. 10 — Tempo do verbo haver. Ferro temperado. 11 — Vaso para vinho. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Jumento. Muito idoso. 2 — Prefixo de negação. Praia. Prefixo que designa afastamento. 3 — Acorrentam. 4 — Afia. Seguiu. 5 — Encaracola. Demasia. 6 — O mais. Em pequena quantidade. 7 — Acudia. 8 — Caminhar. Princípio odorífero da raiz da ris. Pata. 9 — Que é da cor das ervas. Deste modo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

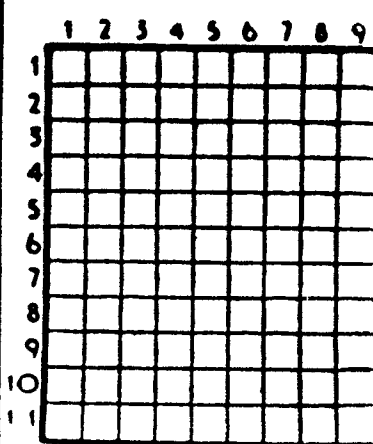
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4902

HORIZONTAIS: 1 — Espalhas. 2 — Sara. FOME. 3 — Piora. To 4 — Erga. Cós 5 — Rea. Dás. E 6 — Am. Pio. Rs 7 — Fão Mac. 8 — Cás. Cobo. 9 — Zás Pânia 10 — Irem. Tear. 11 — Camareira.

VERTICAIS: 1 — ESPERAR. Sic. 2 — Saírem. Cara 3 — Praga FAZEM. 4 — Rara. Pás Má. 5 — Dio. 6 — If. Cão. Cate 7 — Aotos. Morel. 8 — Imos. RABIA. 9 — Sem Escoara. PROVERBIO: Fome e esperar fazem rabião.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8747



HORIZONTAIS: 1 — Prender. Enrubesce. 2 — Nome dum fruto. Icar. 3 — Antepassados. Pesquisa. 4 — Género de plantas santaláceas. Camareiras. 5 — Nota musical. Nessa lugar. 6 — Basta. Claridade. Apellido. 7 — Aqui. Nota musical 8 — Curso de água natural e abundante. Preposição 9 — Batráquio. Nome de vários papas. O mais. 10 — Fêmea do cavalo. Apre. 11 — Parte aquosa que se separa do leite. Gostar muito de.

VERTICAIS: 1 — Estimam. Primeira parte do nome de uma vila e concelho do distrito de Santarém. 2 — Cidade de Portugal. Personagem do «Otel» de Shakespeare. 3 — Socorre. Cobalto (s. q.) Cidade da antiga Caldeia. 4 — Nível. Oferece. Sustento 5 — Letra grega. Li. 6 — Perseguição. O mais. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 7 — Árvore leguminosa. Em partes iguais. Antiga unidade monetária da Alemanha. 8 — Roéis. Falha. 9 — Guinchos. Chamar em testemunho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8746

HORIZONTAIS: 1 — Crepitara. 2 — Rala. Amor. 3 — Usar. Lota. 4 — Ápa. Orar. 5 — As. Ar. 6 — Al. Til. Ad. 7 — Somar. 8 — Oram. Save. 9 — Ul. Má 10 — Pato. Soca 11 — Asou. Isar.

VERTICAIS: 1 — Crua. Aço. Pá. 2 — Raspa. Ruas. 3 — Elais. Salto. 4 — Pará. Tom. Ou. 5 — Fim. 6 — Talo. Lás. Si. 7 — Amora. Ramos. 8 — Rata. Vaca. 9 — Aror. Ave. Ar.

VENTOINHAS

ELÉCTRICAS DE VARIOS MODELOS

- RADIO TRANSISTORES
- GRAVADORES DE SOM
- GIRA-DISCOS
- ELECTRO-DOMÉSTICOS



MADE IN JAPAN

DISTRIBUIDORES NOS DISTRITOS DE:

LISBOA, SANTAREM, LEIRIA, CASTELO BRANCO, GUARDA, VISEU, PORTALEGRE, ÉVORA, BEJA e FARO



SOC. CENTRAL DE VENDAS, LDA.

R. Fanqueiros, 258/262-3.

Telet. 366187/8/9 — LISBOA



SOC. IMP. DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE, LDA.

R. S. Mamede (ao Caldas), 30-G

Telet. 865449 - 866614 — LISBOA

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

MORADIAS

JUNTO AO LICEU

DE S. JOÃO DO ESTORIL

ÓPTIMAS MORADIAS COM 4 QUARTOS; 3 CASAS DE BANHO; 1 LAVABO; COZINHA, COPA, SALA-COMUM, JARDIM E GARAGEM.

TEM AQUECIMENTO ELÉCTRICO E BONS ACABAMENTOS, ESTILO RÚSTICO.

JUNTO DO NOVO LICEU E DA ESTAÇÃO DO C. FERRO E A 800 METROS DA PRAIA.

PREÇO: 770 CONTOS

Prop. Joaquim Baraona

Est. Marginal, Lote JME-2.º C

Cascais

Telefs.: 282345-282388

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

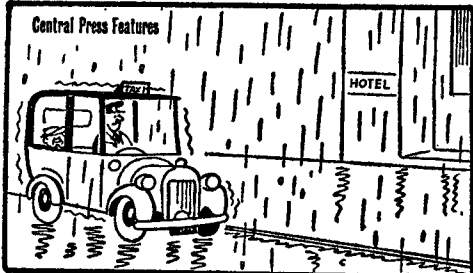
AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2º

TELEF. 369384

AVENTURAS DO TIO CARLOS



DESPORTO

ESTA NOITE, EM BELÉM DO PARÁ

ESTREIAS DE TONI E PRAIA NO JOGO BENFICA-CLUBE REMO

• **HUMBERTO (EX-JUNIOR) ESTREIA-SE
TAMBÉM NA EQUIPA PRINCIPAL**

BELÉM DO PARÁ (Brasil), 8. — (Especial para o «Diário de Lisboa» — No Estádio «Evandro de Almeida» realiza-se, esta noite, um encontro particular de futebol que está a provocar grande interesse nos meios desportivos da região. Deontam-se as equipas do Clube Remo, de

Belém do Pará, e do Benfica, campeão de Portugal.

Os benfiquistas, que aqui chegaram um dia antes da data prevista, tiveram, por isso, de pernoitar em quartos e enfermarias de um hospital, pois os hotéis da cidade apresentavam aquilo que o estádio deve apresentar esta noite: «lotação esgotada». Só na quarta-feira os campeões de Portugal foram transferidos para o hotel que se lhes reservara, mas o episódio foi aceite com alegre disposição e serviu de tema para comentários mais ou menos anedóticos.

Os futebolistas de Lisboa, com o seu técnico, dirigentes e demais pessoal da comitiva, assistiram ao encontro entre o Santos e o Paissandu. O Santos, com Pelé, ganhou por 3-1, mas as exhibições da equipa e do seu famosíssimo

Sabe-se, em Belém do Pará, que Eusébio foi recentemente submetido a uma operação cirúrgica e está ainda em recuperação. No entanto, há a esperança de que o grande jogador português jogue esta noite, ainda que seja por breves minutos. Otto Glória parece admitir, em princípio, esta hipótese, mas também já foi anunciado que o Benfica apresentará inicialmente a seguinte formação:

José Henriques; Jacinto, Humberto, Coluna e Cruz; Toni e Jaime Graça; Praia, José Augusto, Torres e Simões.

...Mas há substituições. E se Eusébio não alinhar de início, todos ficarão à espera de o ver entrar em qualquer altura do jogo.

Eusébio não joga?

Comissão Administrativa no Mouraria

Em recente assembleia geral, o Grupo Desportivo da Mouraria elegeu uma comissão administrativa para gerir os destinos da colectividade e que ficou assim constituída: presidente, Albertino Teixeira Casquilho; vice-presidente, actividades administrativas, Américo Rosa Ferreira; vice-presidente, actividades recreativas, André dos Santos Almeida; vice-presidente, actividades desportivas, Rogério Silva; secretário, Aurélio Gomes Vicente; secretário, Artur Pedro do Silveira; secretário, Henrique José Pereira; secretário, António da Fonseca; secretário, Fernando Garcia de Almeida; tesoureiro, Florindo Duarte Matos.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

Lotes de terreno em Cascais, Rebelva e Amoreira, destinados a prédios de habitação colectiva, estabelecimentos comerciais e moradias

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 10 do próximo mês de Agosto, pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno: um lote de terreno no Bairro da Assunção, em Cascais, com a área de 131,44 m², pelo preço base de licitação de 2500\$00 cada metro quadrado, destinado a um prédio com 3 pisos para 3 fogos; 2 lotes no Bairro das Fontainhas, em Cascais, com as áreas de 320,85 m² e 326,85 m², respectivamente, pelo preço base de licitação de 1000\$00 cada metro quadrado, para prédios com 4 pisos, para 8 fogos; 3 lotes de terreno em Amoreira, com as áreas de 204 m² e 265 m², pelo preço base de licitação de 1.500\$00 cada metro quadrado, destinados a prédios com 3 pisos acima do nível da rua, tendo um deles 4 pisos a nascente do lote; 2 lotes de terreno destinados a estabelecimentos comerciais, situados na Rebelva, com as áreas de 135,60 m², e 107,60 m², com 2 pisos, sendo o preço base de licitação de 800\$00 e 1.000\$00 cada metro quadrado, respectivamente, e dos seguintes lotes destinados a moradias, todos em Cascais, 1 lote no sítio do Cobre, com a área de 360 m², pelo preço base de licitação de 200\$00 cada metro quadrado; 4 lotes na Rua de Santa Joana, com as áreas entre 353 m² e 694 m²; 1 lote na Rua Dr. João de Barros, com a área de 365 m², e 4 lotes nas ruas a sul da Rua Dr. João de Barros, com as áreas entre 338 m² e 542 m², todos pelo preço base de licitação de 300\$00 cada metro quadrado.

Os projectos dos lotes, condições e plantas, encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Cascais, 26 de Julho de 1968.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

O «REGIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

Empate dos benfiquistas no recinto do Parede

Mais uma jornada do «Regional» de hóquei em patins se disputou ontem à noite, sendo os seguintes os resultados que se verificaram:

Oelras-C. U. F.	1-1
Sporting J. Salesiana	4-2
P. Arcos-Liga Algs	3-0
Paredo-Benfica	1-1
Azeitonense-C. Ourique	3-6
Sintra-Cascais	3-2

Nota destacada da «ronda», o encontro do Parede, onde o cinco benfiquista conseguiu uma igualdade. Diga-se porém que a reparição dos pontos situou-se nos domínios da lógica, uma vez que premiou o excelente labor de ambos os conjuntos. Talvez que os visitantes, tivessem criado maior número de oportunidades de gol, mas os «encarnados» muito coesos e eficientes souberam mentalizá-las originando também muitos momentos de apuro para a baliza contrária.

Merecem também referência os sucessos do Sporting e do Campo de Ourique, assim como a igualdade que a Ouf foi alcançar a Oelras.

Saliente-se também o «benefício» que da jornada colheu o Sintra,

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova da Almada, 64 — LISBOA

ocupando agora a terceira posição na pauta classificativa logo a seguir ao Paço de Arcos. O Benfica continua em primeiro com 22 pontos.

QUASE TODOS INSCRITOS — OS 65 DA 31.ª «VOLTA»

Das equipas previstas para a 31.ª Volta a Portugal em bicicleta, apenas o Ginásio de Tavira e a Ambar não inscreveram ainda os seus representantes. Confirmaram, no entanto, que ambos estarão na prova com formações de seis ciclistas.

Estão inscritos:

BENFICA

- 1 — António Acúrsio
- 2 — Francisco Valada
- 3 — Pedro Moreira
- 4 — Fernando Mendes
- 5 — Américo Silva
- 6 — Augusto Cardoso
- 7 — Manuel Luís
- 8 — Wilson Sá
- 9 — Valdemiro Cardoso
- 10 — Daniel Vitorino
- 11 — Manuel Simões

SPORTING

- 21 — João Roque
- 22 — Leonel Miranda
- 23 — Manuel Correia
- 24 — Emiliano Dionísio
- 25 — Sérgio Páscoa
- 26 — Vítor Tenazinha
- 27 — Norberto Timóteo
- 28 — José Vieira
- 29 — Carlos Santos

SANGALHOS

- 41 — Joaquim Andrade
- 42 — Celestino Oliveira
- 43 — António Pereira
- 44 — João Fonseca
- 45 — Herculano Oliveira
- 46 — Lino Santos
- 47 — Norberto Duarte
- 48 — Albino Mariz
- 49 — Joaquim Barreto
- 50 — Álvaro Andrade

F. C. PORTO

- 51 — Mário Silva
- 52 — Joaquim Leão
- 53 — Alberto Carralho
- 54 — Cosme de Oliveira
- 55 — José Azevedo
- 56 — Gabriel Azevedo
- 57 — Manuel de Sousa
- 58 — Manuel Petiz
- 59 — José Luís
- 60 — Custódio Gomes
- 61 — Joaquim Leite
- 62 — Manuel Ribeiro

FLÂNDRIA

- 71 — Noel Van Clooster
- 72 — Ludo Van Dromme
- 73 — Marc De Block
- 74 — Georges Smisact
- 75 — André De Martelcure
- 76 — Romain Furnière
- 77 — Paul Mahieu
- 78 — John Hemeryckx

Sabe-se, ainda, que será a seguinte a equipa do

G. TAVIRA

- António Teixeira
- António Graça
- Francisco Martins
- Rogério Domingos
- José Maria Nunes
- Marcelino dos Santos



Peres Bandeira, um treinador jovem mas já com boas provas dadas, é treinador em quem o Atlético confia para o comando da sua equipa, agora regressada ao principal escalão do futebol português. Ontem à noite, o técnico foi apresentado aos jogadores. Esta imagem mostra-nos Peres Bandeira, entre dirigentes do clube, quando exortava os futebolistas do Atlético a uma aplicação que possa levar ao principal objectivo da colectividade: assegurar a permanência na divisão principal

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

ERNESTO NO SPORTING — TRANSFERÊNCIA QUE SE CONFIRMA

* Confirmou-se o que noticiáramos num dos nossos últimos números: a Académica entregou a Ernesto, o documento de desvinculação e o jogador já pode transferir-se para o Sporting, clube com o qual há muito acordou nas condições financeiras.

* Hoje, ao fim da tarde, Peres Bandeira dirige a primeira sessão de treino do Atlético. Novos jogadores do clube: Canário (ex-Académica), José Luís (ex-Almada), Simões (ex-Belenenses), Murraças (ex-Espinho) e Rosário (ex-S. L.

Aguias). Os alcantarenses estão esperanças, também, em que o Benfica lhes ceda temporariamente o hábil avançado Vieira.

* Ainda não se conhecem as equipas participantes no torneio particular de futebol a promover pelo Sporting. Uma das hipóteses: Spartak Trnava, campeão da Checoslováquia.

* O Belenenses defrontará o C. R. Badajoz em duas partidas: no Restelo, no dia 22; no «Campo del Vivero», em Badajoz, em 31. Prevê-se também a possibilidade de um outro encontro, com o Bétis ou com o Sevilla.

* A equipa do F. C. Porto vai disputar vários jogos em Espanha. Valência, Pontevedra, Gijón, S. Sebastian e Las Palmas figuram no possível «roteiro» dos portuenses.

Gincana Automobilística em Coruche

Integrada nas festas em honra de Nossa Senhora do Castelo, que se efectuam em Coruche, realiza-se no próximo dia 16, no campo de jogos daquela vila ribatejana, uma gincana de pericia automobilística, que está a despertar o mais vivo interesse na região.

Estarão em disputa várias taças e objectos artísticos.

ASSEMBLEIA GERAL DO SPORTING

No Estádio José Alvalade, prosseguem esta noite, às 20 e 45, os trabalhos da assembleia geral do Sporting Clube de Portugal, suspensos na última reunião daquele órgão do clube.

OS JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Foram os seguintes os resultados dos encontros ontem à noite realizados, respeitantes aos V Jogos Juvenis do Barreiro:

MINI-BASQUETEBOL — Rapazes — Escalão B — Ginásio, 6-Ama-dora, 12: Serpa Pinto, 23-1.º de Maio, 6: Casaleense 31-Seixal «B», 10: Real, 24-Seixal «A», 18.
FUTEBOL DE «ONZE» — Escalão C — Leais «A», 21-Amoreirense, 8: Real, 2-Galitos, 2: Seixal, 1-Undos, 2: Serpa Pinto, 0-Quinas, 1.

**GRANDES DESCONTOS
A PRONTO
FRIGORÍFICOS
ÚLTIMOS MODELOS
RÁDIO REPARADORA-Rua da Palma, 179 (frente aos Correios)**

DESPORTO

Dois «records» nacionais batidos nas provas de natação

Além de outras decisões tomadas na primeira reunião que o «comité» directivo da F. I. S. E. C. efectuou no Palácio da Independência, ficou também assente que os próximos jogos se disputem no Líbano. Foram também aprovados os cinco primeiros capítulos dos novos estatutos da organização.

Ontem à tarde, os dirigentes da F. I. S. E. C. estiveram no Palácio Nacional de Belém, onde foram recebidos pelo Chefe do Estado, a quem foram apresentar cumprimentos e oferecer a medalha de honra da F. I. S. E. C. e um distintivo dos jogos.

No sector desportivo, o Pavilhão da Ajuda voltou a ser cenário de algumas competições: a Espanha venceu a França em basquetebol (68-47) e Portugal ganhou à Itália (48-43). Entretanto, nos «courts» do Estádio Nacional disputaram-se as primeiras partidas de ténis, registando-se os seguintes resultados: Singulares: Alberto Martorell (Espanha) venceu Vasco Palmeirim (Portugal), por 2-0 (6-2 e 6-2); Alfredo Coco (Espanha) venceu Conor Sparks (Irlanda), por 2-0 (7-1 e 6-0).

No encontro de pares Vasco Palmeirim-José Benito García (Portu-

gal), venceram Alfredo Coco-Alberto Martorell (Espanha), por 2-0 (7-5 e 7-5).

As provas de natação começaram ontem à noite a disputar-se na piscina dos Olivais e pode dizer-se que começaram da melhor forma para a equipa portuguesa, pois foram batidos dois «records» nacionais: o dos 100 metros costas, juniores, por Carlos Monteiro da Silva com o tempo de 1 m 8,2 s e o dos dois hectómetros, também na categoria de juniores, que Bessone Alves percorreu em 2 m 18 s no primeiro percurso da estafeta 4x200.

Foram os seguintes os resultados das competições efectuadas:

100 M LIVRES — 1.ª eliminatória: 1.ª Culebras (Espanha) 59,1 s; 2.ª Martiner (Irlanda), 1 m 1 s; 3.ª Repas Gonçalves (Portugal), 1 m 1,2 s; 4.ª Gerber (França), 1 m 2,2 s; 5.ª Antoni (Itália), 1 m 3,3 s.

Todos apurados para a final. 2.ª eliminatória: 1.ª Lourenço Fernandes (Portugal), 1 m 10,1 s; 2.ª Navarro (Espanha), 1 m 10,9 s; 3.ª Chaney (Irlanda), 1 m 11,9 s; 4.ª Courtens (Bélgica), 1 m 13 s.

Apurados para a final os três primeiros.

ESTAFETA 4x200 M LIVRES — Final: 1.ª Espanha (Salas, Culebras, Navarro e Prets), 9 m 2,8 s; 2.ª Portugal (Bessone Alves, Rosa

Jorge, Repas Gonçalves e João Ribeiro), 9 m 27,2 s; 3.ª Irlanda (Martiner, Geragham, Chaney e Page), 10 m 10,6 s; 4.ª Bélgica (Humbert, van de Venne, Courtens e Physen), 10 m 31,9 s.

2.ª eliminatória 1.ª Salas (Espanha), 1 m 0,3 s; 2.ª Kand (Luxemburgo), 1 m 2,2 s; 3.ª Page (Irlanda), 1 m 3,6 s; 4.ª Julio Ribeiro (Portugal), 1 m 4,3 s; 5.ª Vandevenne (Bélgica), 1 m 7,5 s.

Apurados para a final os três primeiros.

100 M COSTAS — 1.ª eliminatória: 1.ª Badia (Espanha), 1 m 9,6 s; 2.ª Humbert (Bélgica), 1 m 10,3 s; 3.ª Chaney (Irlanda), 1 m 12,7 s; 4.ª D'Anchald (França), 1 m 14,9 s.

2.ª eliminatória: 1.ª Carlos Monteiro da Silva (Portugal), 1 m 8,2 s, novo «record» nacional de juniores; 2.ª Estany (Espanha), 1 m 8,4 s; 3.ª Kaude (Luxemburgo), 1 m 15 s; 4.ª Page (Irlanda), 1 m 18,7 s; 5.ª Ramaciotti (Itália), 1 m 19,6 s.

Apurados para a final os três primeiros.

100 M MARIPOSA — 1.ª eliminatória: 1.ª Les (Espanha), 1 m 5,7 s; 2.ª Ravelinghem (França), 1 m 7,6 s; 3.ª Trysem (Bélgica), 1 m 8,7 s; 4.ª Frigieri (Itália), 1 m 9,1 s; 5.ª Geraghamy (Irlanda), 1 m 9,7 s.



CARLOS MONTEIRO DA SILVA

Brito da Cruz — O melhor português no Concurso Hípico da Corunha

CORUNHA, 8. — (A. N. I.) — Com um segundo e um quarto lugares, o cavaleiro Brito da Cruz foi o melhor dos portugueses que participam no Concurso Hípico Internacional da Corunha nas duas provas de ontem.

No prémio «Metal Mazda» (prova á americana, com 39 concorrentes) a classificação foi a seguinte:

1.º, Segovia, na «Ouvreuse», 40 pontos; 2.º, Brito da Cruz, Portugal, «Capim», 38; 3.º, Maestre, no «Begónia», 37; 4.º, Docal, no «Camurada», 34; 5.º, Queralt, 23.

«Grande Prémio da Corunha» (dez concorrentes):

1.º, Segovia, no «Roquelo», 0 pontos; 2.º, Figueiroa, no «Huantay», 4; 3.º, Nunes de Carvalho, no «Domino», 4; 4.º, Brito da Cruz, no «Fox Glove», 10; 5.º, Elmano Costa, no «Ali Kan», 13.

O MANCHESTER PREPARA-SE PARA A «INTERCONTINENTAL»

Matt Busby e Louis Edwards, respectivamente director técnico e presidente do Manchester U., estiveram há dias em Buenos Aires, acompanhados por Robert Houssey, gerente de uma companhia de aviação que escala Manchester e representante dos Estudantes de La Plata, a fim de tratar de todos os pormenores relacionados com a deslocação dos campeões da Europa àquela cidade no próximo mês de Setembro, para disputarem com os platenses o primeiro encontro da «Taça Intercontinental».

Assim inspecionaram as instalações do Hindu Country Club, onde a delegação inglesa deverá ficar concentrada, e visitaram o Estádio do Boca Juniors, onde se disputará o encontro.

Numa conferência de imprensa Busby declarou que «o Manchester não é o protótipo da equipa europeia», acrescentando que no conjunto há outros elementos como, por exemplo, «o individualismo que existe em vários jogadores e que pode comparar-se com o que sempre tem caracterizado os sul-americanos», casos de Bobby Charlton, Georg Best e Denis Law. E acrescentou: «Mas no aspecto colectivo, além da disciplina, ordem e força, a equipa conta com uma boa dose de habilidade, de virtuosismo».

CONCURSO DE PESCA

DO COIMBRA CLUBE

O Coimbra Clube promove no próximo dia 11 do corrente, o 2.º Grande Concurso Popular de Pesca Desportiva do Rio, que se realiza na concessão do C. R. C. em Pereira do Campo, estando em disputa diversas taças e medalhas.

Assembleia Geral no Oriental

O Clube Oriental de Lisboa, reuniu-se em assembleia geral ordinária, no próximo dia 14, pelas 20 e 30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Relatório de contas da direcção do ano de 1967; relatório e parecer do conselho fiscal; eleição dos corpos gerentes para 1968.

Pugilismo

Uma vitória de Emile Griffith

FILADÉLFIA, 8. — (A. N. I.) — O pugilista norte-americano Emile Griffith, antigo campeão dos meios-médios e dos médios, venceu aos pontos por unanimidade o seu compatriota Joe Harris, num combate de 12 assaltos, disputado no Palácio dos Desportos de Filadélfia. É a primeira derrota sofrida por Joe Harris, que conta 23 anos, ao longo da sua carreira de pugilista.

BRASIL, 4 — ARGENTINA, 1

RIO DE JANEIRO, 8. — (A. N. I.) — A selecção de futebol do Brasil venceu a da Argentina por 4-1, num encontro disputado no Estádio do Maracanã, ontem à noite, perante 45 000 espectadores, que aclamaram debrantemente a actuação dos antigos campeões do mundo.

Ao intervalo os brasileiros ganhavam por 1-0, tento obtido por Valtencir. Roberto marcou duas vezes, aos 48 e 75 minutos, elevando o resultado para 3-0. Jairzinho aos 87 minutos fez o quarto golo dos brasileiros. Um minuto depois Rendo obteve o ponto de honra para a Argentina.

As equipas alinharam: BRASIL — Félix; Moreira, Brito, Leonidas e Valtencir; Carlos Roberto e Gerson; Nado, Roberto, Jairzinho e Paulo César.

ARGENTINA — Sanchez; Ostua, Perfumo, Basile e Malberat; Aguirre e Rendo; Solari, Yazaldi, Veello e Mas.

A selecção brasileira vai agora fazer uma digressão pela Europa.

S O R E F A M E

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L.

Capital Realizado: 160 000 000\$00

Rua Vice-Almirante João António Azevedo Coutinho — AMADORA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme foi oportunamente anunciado, procedeu-se no dia 30 de Julho próximo passado ao 7.º sorteio, para efeito da amortização de 793 obrigações do 1.º empréstimo de 5 por cento, 1960-1980, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

Títulos de 100 obrigações: 12001, 23501, 24201, 26401, 27601

Títulos de 20 obrigações: 10551

Títulos de 10 obrigações: 6651, 7191, 7261, 8241, 8261, 8391, 8481, 9301, 9451, 9941

Títulos de 5 obrigações: 2296, 2351, 2491, 2516, 2606, 2706, 2846, 2886, 3266, 3301, 3311, 3331, 3691, 4591, 4641, 4676, 4896, 5011, 5266, 5561, 5581, 6091, 6141

Títulos de 1 obrigação: 68, 78, 142, 152, 173, 189, 196, 263, 331, 335, 435, 481, 487, 509, 517, 538, 563, 637, 643, 720, 729, 749, 881, 943, 969, 1013, 1042, 1132, 1145, 1195, 1226, 1236, 1278, 1347, 1354, 1443, 1467, 1474, 1536, 1551, 1568, 1590, 1786, 1830, 1869, 1878, 1929, 1937, 2008, 2031, 2044, 2054, 2067, 2080, 2105, 2120, 2163, 2186

Ultimo cupão a pagar n.º 16

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números:

N. B. — Restam a reembolsar:

6.º SORTEIO

Títulos de 10 obrigações: 8061

Títulos de 5 obrigações: 2236, 2466

Títulos de 1 obrigação: 33, 69, 107, 416, 569, 708, 774, 1535, 1982, 1988

Ultimo cupão a pagar o n.º 15

5.º SORTEIO

Títulos de 5 obrigações: 5761, 6026

Títulos de 1 obrigação: 1549

Ultimo cupão a pagar o n.º 14

4.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 513, 572

Ultimo cupão a pagar o n.º 13

3.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 1470

Ultimo cupão a pagar o n.º 12

2.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 164

Ultimo cupão a pagar o n.º 11

1.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 568

Ultimo cupão a pagar o n.º 10

O pagamento das obrigações sorteadas, pelo seu valor nominal, será efectuado a partir do dia 15 do corrente mês de Agosto na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Augustine, Reis & C.
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional

Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral de Crédito Predial

Amadora, 3 de Agosto de 1968

Pelo Conselho de Administração

O presidente,

Francisco Xavier de Moraes Pinto Malheiro

NAVEGAÇÃO MARITIMA CARGA AÉREA TRANSITOS

Passagens Aéreas e Freteamentos Secções especializadas

AGENCIA ABREU

LISBOA — Av. da Liberdade, 160

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES
DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

As 9 e 30: Abertura, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Junta da Acção Social; 20 e 0: A grande Aventura; 20 e 40: Movimento e Saúde; 20 e 50: Notícia do espectáculo; 21 e 20: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Reportagem do exterior; 23 e 55: Telejornal Meditação e fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — As 19 e 30: Abertura, telejornal e agenda da praça; 19 e 50: Programa da Agência-Geral do Ultramar; 20 e 10: Nos bastidores da aventura; 20 e 35: Sangue na estrada; 20 e 45: Cortaz TV e «Nós e o público»; 21 e 5: Barreira de sombra; 21 e 20: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e boletim meteorológico; 21 e 55: Noite de cinema («Mulheres em acção» com George Baker, Belinda Lee e Dolph Lawrence); 23 e 40: Telejornal meditação e fecho



Programa do Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 6: Noticiário; 16 e 5: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que Quer Ouvir?; 17: Programa da Tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 5: Sucessos Franceses; 8 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emilia Candeia de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Música só Música; 20: Diário Sonoro; 22 e 20: Solistas Ligeiros; 20 e 40: 20.º episódio do folhetim «Onde está a Felicidade»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas Ligeiros; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Góis; 22 e 50: Música de Filmes; 23 e 5: Programa da Noite; 1.º Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 6 e 30: 3.º e 4.º actos da ópera

«Carmen» (Bizet); 11 e 20: Cinco Novelas ao 15 (Gazunoff) — Quarteto de Hollywood; 8: Música do Século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore Português — Música Regional da Beira Baixa recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 9 e 45: Música de Piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música Instrumental — Concerto em ré maior para trompete, cordas e continuo; 20 e 30: Missa de Requiem (Bazzetti); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 22: Andante em fá maior K 66 (Mozart); 21 e 30: Panoramas da História, pelo Dr. João Ameal; 21 e 50: Música de Arco; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 5: Fecho

3.º Programa (Cultural em MF 2) — 94.3 m/s — As 23: Música de Piano — Peças de Fantasia opus 12 (Schumann), por Artur Rubinstein; 23 e 30: Parte de um Concerto pela Orq. Sinf. da Rádio de Hesse sob a direcção de K. Ancher; 1 e 10: Música de Câmara; 1.º Fecho

RADIO CLUBE — 290.13 m — 034 kc/s — As 6: Programa C. D. C.; 8: Ela e o Seu Mundo; 8 e 5: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa à Tarde; 9 e 5: No Mundo Aconteceu; 9 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 5: Grandes do Ritmo; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Canções Ibéricas; 21 e 3: Diapaseão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o Telefone Toca; 23 e 8: Grande Roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é Nossa; 6 e 2: Diário Rural; 7 e 3: Talismã

RADIO RENASCENÇA — 233.2 m — 286 kc/s — As 6: Radiograma; 8: Canções portuguesas; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página; 20 e 55: Meditação; 21: O 3.º acampamento do C. N. E.; 21 e 15: Orquestras da Europa; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho

Serviços Públicos

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhia Reunidas, 537011 * Gazelada, 538821 * Gasclida (dom e feirados), 532069 * BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários, 538524 * POLÍCIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Mari-

ma, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito 42205 * G. N. R. (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (Informativo), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 * Camião de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de Ferro (Estoril), 361121 * Estação Fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Mar. de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação Fluvial (Belém), 638531

Serviços de Serviço

Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sonex, Av. da Igreja, 31-C (775905) * Aeroporto, Av. Gago Coutinho, lote 101-D (Av. D. Rodrigo do Cunha) (722384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (Av. Estados Unidos da América) (721409) * ALCANTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 14 (660 87) * ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 16-A (44373) * ALTO DO PINA — Ibarra, R. Barão de Sabrosa, 235-A (Alameda) (728271) * AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, (col. Av. da República, 58-D-E, (71166)) * Figueiras, Av. Marques de Fátima, 20 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (4 845) * Navais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324) * ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Ro. visco Paes, 32, A-B (534027) * AREIRO — Algarve, Av. de Roma, 1-t (771418) * ARROIOS — Bastos e Moraes Soares, 91-4 (844350) * BAIRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, A 4 (31126) * BAIXA — Silva Carvalho — R. das Figueiras, 126 (36575) * BELEM — Bom Sucesso e Bartolomeu Dias, 63-A (61 454) * BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704888) * Vitec, Est. de Benfica 373-B (780548) * J. Ribeiro, Estrada da Luz, 99-A (780969) * CAMOES — Sanitas, R. de S. João, 24 (322198) * CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 3-33 (686640) * Elma, R. D. Maria Pia, 35-A (686 16) * Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 4 (66638) * CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 28 (42829) * ENTRECAMPUS — São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469) * ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta de R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) * Mata Calçada, R. de S. Felix, 45-A (560720) * CAMPO GRANDE — Cabrita, Lote Grande, 220-221 (112397) * CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiros (790969) * CAMPOLIDE — Jucide de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424) * GRAÇA — Silva, Calçada de St. André, 6 (862074) * Branquinho, Rua dos Sapadores, 81 (842725) * ESTEFANIA — Pancada, R. Rebelo de Silva, 9 (43340) * JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (662327) * LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 71 (790480) * MARQUES DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641) * OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 15 (311237) * Fernandes Borges, R. C., 3 lote 300 — Olivais Sul (31 091) * PICHELEIRA — Lázaro, R. João do Nascimento Costa, 6-A (Teia P. P. C. 128395-120703) * RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947) * REGO — Laranjeiras, R. Filipe do Mata, 60-162 (76 035)

RESTELO — delem, R. Inst. da Voz U-A (6 Encosto do Restelo) (612248), SANTO AMARO — Gomes, Suc., R. da Junqueira, 326 (638 93) * Costa, R. das Lusadas, 32 (636704) * Dilema, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620), DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32 (381279), S. BENTO — Fenix R. do Cruz dos Paços, 5 (678531).

Linha de Cascais

ALGES — Branco — Av. Comb. e Guerra, 29 — (Tel. 212081) * CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Reis, 1-A (Telefone 242839). * PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039). * DEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058) * PAREDE — Almir — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas (Tel. 2472948). * ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260 91) * CASCAIS — Corderio — Av. Comb. e Guerra, 40 (Tel. 280170) * Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 2801044)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) * Flame — R. Elias Garcia, 18-B (Tel. 932485). * Casimiro — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5 (Tel. 938 49) * DAMAIA — Confiança — Est. Militar (Tel. 971023) * QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905), Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950043) * CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 — (Tel. 2940034) * MEM MARTINS — Quimio — Est. Mem Martins, 285 — (Tel. 290012). * S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456) * SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque — (Tel. 980058) * COLARES — Colares — Abreja — (Tel. 299088)

Outra banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 0 — (Tel. 234 37) * ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250). * ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271). * BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 22-B (Tel. 224 41). * BARREIRO — Avenida — Av. Alameda da Silva, 16 (Tel. 2273035) * COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 — (Tel. 274365). * MOITA — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025) * MONTIJO — Higienic — R. José Joaquim Marques, 42 — (Tel. 230370). * SESIMBRA — Leão — Av. Valazar (Tel. 229471) * SETUBAL — Normal do Sul — P. do Bocal (Tel. 222 6) * SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 — (Tel. 22 8560)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGENCIA SANTA MARTA
INJECCOES. TRATAMENTOS E VELAS. OXIGENIO. SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2. Telef. 43738

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex. vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias. Consulte os serviços técnicos da **FABRICA DE TAPÉÇARIAS SULTAO**. Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º Dir. — Tel. 59288. Orçamentos grátis

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO			
Consolidado 2 3/4%	530\$00	—	530\$00
Consolidado 3%	545\$00	544\$00	547\$00
Consolidado 3 1/2%	—	—	650\$00
Centenários 4%	1.480\$00	1.475\$00	1.485\$00
Obrigações Tesouro 5%	1.003\$00	1.002\$00	1.003\$00
Externo 1.ª Série	—	—	850\$00
Externo 2.ª Série	—	—	865\$00
Externo 3.ª Série	880\$00	—	—
Externo 4.ª Série	890\$00	—	—
Cautelas 3.ª Série	—	205\$00	—

OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	495\$00
A. P. 1.ª 5% 56	925\$00	920\$00	930\$00
A. P. 1.ª 5% 58	925\$00	920\$00	930\$00
A. P. 4 1/2% 65	905\$00	900\$00	—
A. P. 5 1/2% 67	905\$00	900\$00	910\$00
U. F. 6%	—	1.002\$00	—
U. F. 6%	1.000\$00	999\$00	1.000\$00
Gás Elect. 4% 48	—	—	865\$00
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	—	885\$00
Gás Elect. 5% 52	—	880\$00	890\$00
Gás Elect. 5% 58	840\$00	830\$00	—
Gás Elect. 5% 59	—	830\$00	—
Gás Elect. 5% 62	—	915\$00	—
Gás Elect. 5% 63	—	915\$00	—
Gás Elect. 5% 65	—	920\$00	—
Gás Elect. 5% 67	—	—	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	—	—
H. E. Cávado 5%	860\$00	850\$00	860\$00
H. E. Cávado 6%	—	995\$00	1.000\$00
H. E. Douro 5%	830\$00	825\$00	840\$00
H. E. Douro 6%	—	996\$00	1.000\$00
H. E. Norte Portugal 5%	—	—	860\$00
H. E. S. Estrela 6%	—	993\$00	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	820\$00	865\$00
H. E. Zêzere 5% 57	—	820\$00	860\$00
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	905\$00	910\$00
Metropolitano 5 3/4%	1.005\$00	1.004\$00	1.006\$00
Moçambique 5%	—	720\$00	760\$00
Nac. Eléctrica 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	830\$00	—
Nitratos 5% 60	—	830\$00	—
Petroquímica 5%	—	835\$00	—
Port. Celul. 5%	—	950\$00	—
Sacar 5% 54	—	911\$00	—
Sacar 5% 60	—	850\$00	—
Siderurgia 5% 2.ª	820\$00	820\$00	830\$00
Siderurgia 5% 3.ª	820\$00	820\$00	830\$00
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	805\$00	800\$00	805\$00
T. A. P. 4%	—	930\$00	930\$00
Termoelect. Port. 5%	830\$00	830\$00	835\$00
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	81\$00	83\$00
U. E. P. 5% 60	—	850\$00	—
U. E. P. 5% 63	—	850\$00	—

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	955\$00	950\$00	955\$00
Alentejo	610\$00	609\$00	610\$00
Angola	1.470\$00	1.470\$00	1.475\$00
Burnay	—	—	2.800\$00
Créd. Predial	—	—	1.890\$00
E. Santo	—	13.300\$00	13.480\$00
E. Santo n.	—	—	—
Fonseca S. p.	—	—	14.000\$00
L. & Agóres p.	—	—	—
L. & Agóres n.	—	—	—

ACÇÕES			
Bancos			
P. Atlântico p.	—	5.100\$00	5.400\$00
Portugal n.	—	2.200\$00	—
Portugal p.	—	2.430\$00	2.500\$00
Totta Aliança	—	4.200\$00	—
Ultramarino n.	1.245\$00	1.243\$00	1.248\$00
Ultramarino p.	1.450\$00	1.445\$00	1.455\$00
Seguros			
Alentejo	—	76\$00	80\$00
Douro	—	780\$00	—
Mundial	375\$00	370\$00	380\$00
Sagres	—	—	1.190\$00
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	8.500\$00	—
C.ª Ultramarinas			
Agúcar de Angola	640\$00	635\$00	640\$00
Ag. Casseque	—	510\$00	540\$00
Ag. Incomati	—	990\$00	—
Ag. Neves	—	100\$00	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	110\$00	115\$00
Boror	—	105\$00	115\$00
Buz	62\$00	61\$00	62\$00
Cabinda	—	91\$00	94\$00
Diamante Angola	1.139\$00	1.138\$00	1.139\$00
H. E. Revuá	610\$00	610\$00	620\$00
Ilha do Príncipe	—	430\$00	—
Moçambique	—	48\$00	49\$00
Sonete n.	—	246\$00	—
Sonete p.	—	260\$00	265\$00
Zambézia	—	43\$00	44\$00

Diversas			
Cidra	—	7.100\$00	7.200\$00
Cim. Leiria	1.630\$00	1.630\$00	1.640\$00
Cim. Tejo	—	2.200\$00	2.450\$00
Col. Navegação	605\$00	600\$00	610\$00
C. U. F.	—	—	1.000\$00
Ind. Aliança	—	—	700\$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	1.215\$00	1.220\$00
Port. e Colónias	—	3.000\$00	3.100\$00
Port. Celulose	3.050\$00	3.000\$00	3.070\$00
Port. Pesca	—	650\$00	670\$00
Port. Tabacos	435\$00	435\$00	436\$00
Sacar	—	4.600\$00	4.700\$00
Siderurgia Nac.	1.050\$00	1.045\$00	1.050\$00
Socel	2.070\$00	2.060\$00	2.100\$00
Tabacos de Portugal	770\$00	770\$00	790\$00
Tabaqueira	—	6.600\$00	6.650\$00
U. F. Azoto	—	688\$00	700\$00

Águas, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa p.	—	380\$00	390\$00
Águas Lisboa 34	—	390\$00	410\$00
Águas Lisboa 36	—	380\$00	—
Eléct. Beiras	—	—	1.520\$00
Gás Electr.	375\$00	374\$00	375\$00
H. E. Alto Alentejo	1.55\$00	1.54\$00	1.55\$00
H. E. Cávado	1.225\$00	1.225\$00	1.230\$00
H. E. Douro	1.200\$00	1.210\$00	1.200\$00
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.292\$00	1.292\$00	1.295\$00
Nac. Electricidade	—	1.320\$00	1.340\$00
Termoelectrica Portuguesa	—	1.340\$00	1.350\$00
União Eléctrica Portuguesa	184\$00	183\$00	185\$00
F. DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	145\$40	149\$00
F. I. D. E. S.	—	102\$10	105\$20

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCOES (Base Dez. 65=100)

GERAL	1-8-68	7-8-68	8-8-68
-------	--------	--------	--------

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE / O carrasco de Veneza / AVIZ

AVIS
Tel. 47163
Hoje, às 21.45
ESTREIA
(M. 12 anos)
Um espectacular filme de aventuras
O CARRASCO DE VENEZA
com Lex Barker e Sandra Panaro
EASTMANCOLOR — SCOPE
As 15.30 — ÚLTIMA EXIBIÇÃO
DANÇANDO O SIRTAKY
(M. 12 anos)

ALVALADE
Tel. 76 30 80
Hoje não há es-
pectáculos cine-
matográficos
Amanhã, às 3 da
tarde (p. r.) e 9.30
da noite
Um filme de Blake Edwards
(Adultos) — COLOR
**PETER GUNN, DETECTIVE
ESPECIAL**
com Graig Stevens, Laura Devon
e Helen Traubel

TIVOLI
Tel. 50595
As 3 da tarde
(p. r.) e 9.30
da noite
(M. 12 anos)
54.ª SEMANA
Continuação do exclusivo
deste cinema

MUSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher
Plummer

SÃO JORGE
Tel. 54153-54154
Hoje, às 21.30
(M. 17 anos)
Num breve en-
contro com o ci-
nema francês re-
parece

UM HOMEM E UMA MULHER
As 18.15 — ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
O REI DOS DOIDOS
(M. 17 anos)

ROMA
As 15.30 e 21.30
(Adultos)
Elizabeth Taylor,
Rex Harrison
e Richard Burton
na obra-prima ga-
lardoada com 4 «Oscars» da Academia
Americana

CLEÓPATRA
Um colossal e espectacular filme
em 70 mm e Technicolor
AR CONDICIONADO

MUNDIAL
Tel. 63 87 43
As 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O filme mais belo
de sempre

Colorido — Scope
A MINHA GUEIXA
Shirley Mac Laine, Yves Montand,
Edward Robinson e Bob Cummings

RESTELO
Tel. 61 03 75
As 21.30
(Adultos)

OS DEVASSOS
com Anthony Quinn, Michael Parks,
George Maharis e Maria Hyer

LI2
Tel. 485 60
As 14.45 e 21 h.
(Adultos)
POR MAIS ALGUNS DOLARES
SINFONIA DA VIDA

ODEON
Tel. 32 62 83
As 15.15 e 18.15
(p. r.) e 21.30
EM 3.ª SEMANA
E ÚLTIMA!
A melhor comédia de sempre do cinema
português

ALDEIA DA ROUPA BRANCA
A história de uma ladina lavadeira
com BEATRIZ COSTA
Toda a graça típica da vida salaia,
com maravilhosas canções
FADOS POR HERMINIA SILVA
(M. 12 anos)

CINE-TEATRO
As 21.30
LIDO
(M. 17 anos)

Tel. 93 75 93
Um filme alegre,
cheio de graça e
optimismo!
AMADORA
CORAÇÃO CHEIO...
BOLSOS VAZIOS

CINEMA IDEAL
Tel. 32 41 94
As 21 horas
(M. 12 anos)
CINDERELA EM PARIS
ROBINSON CRUSOE EM MARTE

IMPERIAL
As 15 e às 21 h.
(M. 12 anos)
Tel. 4 59 33
A PRESA HUMANA
O BOBO DA CORTE

IMPERIO
Tel. 55 51 34
As 15.15 e 21.30
(Adultos)
Um filme de
Nicholas Ray
JOHNNY GUITAR
com Sterling Hayden Joan Crawford
e Ernest Borgnine

estudio
Tel. 55 51 34
As 15.30, 18.30
e 21.45 (Adultos)
4.ª SEMANA
Techniscope
e Technicolor
LADRAO QUE ROUBA
A LADRAO
com James Coburn e Carol O'Connor
AR CONDICIONADO

MONUMENTAL
Tel. 55 51 31
As 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
TECHNICOLOR
O VISCONDE NÃO PERDOA
com Kerwin Mathews e Sylvia Sorrente

CONDES
Tel. 32 25 23
e 32 67 10
As 15.15, 18.15
e 21.30 (Adultos)
EASTMANCOLOR
Franco Nero em
DIJANGO

Um nome misterioso para um homem
implacável
No programa: o documentário colorido
«O funeral de Kennedy»
(Ar condicionado)

EUROPA
Tel. 66 10 16
As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Um filme alegre onde se brinca
com o amor

**CHAMPANHE, MULHERES
E MÚSICA**
com Poul Reichardt e Lily Broberg

EDEN
Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30
e 21.45
(M. 12 anos)

ELVIS PRESLEY
em
ENCRENCA DUPLA
PANAVISION — METROCOLOR

estudio 444
(Adultos)
Sophia Loren —
Renato Salvatori
— Eleonora Brown
— no inesquecível
filme de Vittorio
de Sica

DUAS MULHERES
Mãe e filha vítimas de uma guerra
cruel...

AVISO AO PÚBLICO: Devido ao
enorme êxito registado, a partir de
hoje efectua-se 3 SESSÕES
— À TARDE: As 15.30 e 18.30 —
— À NOITE: As 21.45 —

TERRASSE
As 15 e às 21 h.
(M. 17 anos)
Tel. 32 09 17
**O COMISSÁRIO MAIGRET EM
FIGALE**
O ASSASSINO DE NICE

CASINO
As 17 e 21.30
(M. 12 anos)
ESTORIL
TELEFONE: 26 07 29

**UM MORDOMO
NO FAR-WEST**
(The Adventures of Bullwhip
Griffin)
com Roddy McDowall, Suzanne
Pleshette, Karl Malden, Harry
Guardino e Richard Haydn

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
VARIEDADES — As 21 e 45: «A flor do
cacto» (17 anos).
VILLARET — As 21 e às 23: «Oh, que
delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — As 20 e 45 e às 23:
«Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A louca
de Chartiot» (17 anos).
GIL VICENTE — As 21 e 45: «A malu-
quinha de Arroios» (17 anos).

CINEMAS
PARIS — As 21: «4 damas para 1 ás»
(17 anos).
JARDIM — As 21: «Indomável Angé-
liques» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «Guerra e Paz»
(12 anos).
IMPERIAL — As 21: «A presa humana»
(12 anos).
CINEARTE — As 21: «FBI contra Casa
Nostra» (17 anos).
ROYAL — As 21: «7 contra o Mundo»
(12 anos).
OLIMPIA — As 19: «A grande aven-
tura de Marco Pólo» (12 anos).
TERRAÇO DE LISBOA — As 21 e 15:
«Viva Gringo» (12 anos).
CINE-CASTANHEIRA — As 21 e 30:
«Os mosqueteiros do mar» (12 anos).
CINE-ENCARNACÃO — As 21: «O pre-
sidiário» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Mat Helm
não perdoo» (17 anos).
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE LOU-
RES — As 21 e 30: «O leão de São
Marcos» (12 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Nada de
zangas» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — As 21 e
30: «Os 4 agentes secretos» (12 anos).

Linha de Cascais
OIRAS — OIRAS-CINE — As 21 e 15:
«Um estranho em casa» (17 anos).

PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «O
agente diabólico» e «Ulisses contra
Hércules» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e às 21
e 30: «Um mordomo no Far-West»
(12 anos) e CINE-ESPLANADA — As
21 e 30: «Batalha sem regresso» (12
anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30:
«O telefone fatal» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30:
«O comissário X nas garras do Dra-
gão Vermelho» (12 anos).
PONTINHA — CINE UNIAO — As 21
e 15: «O grande massacre» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS
— As 21 e 15: «Assalto em Los An-
geles» e «Os 10 gladiadores» (17
anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e
15: «Beirute 24 horas para matar» e
«A sombra do Zorro» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As
21 e 30: «Ninguém me pode acusar»
(12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21
e 30: «A hora da fúria» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — As 21 e 15:
«Lord Jim» (12 anos).

Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15:
«Kwardan, o abismo da morte» (12
anos) e ACADEMIA — As 21 e 15:
«Naiva por um dia» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO-JARDIM — As
21 e 15: «A batalha das Ardenas»
(12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTIS-
TICA — As 21 e 30: «Guerreiros do
Sahará» (12 anos).

ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE SINTRA

(1.ª SECÇÃO)

Avenida Visconde Monserrate — SINTRA Telef. 980122

1.º SORTEIO REALIZADO NO DIA 6/8/68

LISTA DE PRÉMIOS

1.º Prémio — AUTOMÓVEL FIAT 850	N.º 102425
2.º Prémio — MÁQUINA DE LAVAR ROUPA	N.º 887320
3.º Prémio — FRIGORÍFICO	N.º 247594
4.º Prémio — TELEVISOR	N.º 673841
5.º Prémio — GRAVADOR	N.º 344698
6.º Prémio — RÁDIO DE MESA	N.º 701517
7.º a 10.º Prémio — 4 RÁDIOS PEQUENOS	N.º 073367 N.º 860884 N.º 507121 N.º 861042
11.º a 20.º Prémio — 10 FERROS ELÉCTRICOS	N.º 093412 N.º 504847 N.º 616490 N.º 698934 N.º 251011 N.º 531183 N.º 616632 N.º 802781 N.º 806678 N.º 872571
21.º a 30.º Prémio — 10 SECADORES PARA CABELO	N.º 102565 N.º 243828 N.º 329297 N.º 522484 N.º 223460 N.º 260367 N.º 430605 N.º 576865 N.º 621398 N.º 845003
31.º a 40.º Prémio — 10 TORRADEIRAS ELÉCTRICAS	N.º 242908 N.º 496093 N.º 530539 N.º 683189 N.º 438497 N.º 520789 N.º 621235 N.º 734142 N.º 749892 N.º 879524
41.º a 100.º Prémio — 60 ESFEROGRÁFICAS	N.º 032193 N.º 278229 N.º 422357 N.º 648777 N.º 812872 N.º 044741 N.º 321864 N.º 435830 N.º 650993 N.º 831473 N.º 063888 N.º 324099 N.º 489054 N.º 668752 N.º 837830 N.º 075483 N.º 340844 N.º 518681 N.º 694670 N.º 842377 N.º 128296 N.º 362163 N.º 522206 N.º 736871 N.º 844969 N.º 136263 N.º 374939 N.º 579090 N.º 748594 N.º 848966 N.º 151484 N.º 383701 N.º 585274 N.º 758393 N.º 852345 N.º 152463 N.º 386600 N.º 585548 N.º 761298 N.º 854345 N.º 153031 N.º 397516 N.º 611346 N.º 800045 N.º 860212 N.º 210373 N.º 397599 N.º 619758 N.º 800895 N.º 881074 N.º 233265 N.º 401973 N.º 636160 N.º 804078 N.º 901960 N.º 261640 N.º 407338 N.º 647295 N.º 811774 N.º 913948

N. B. — A entrega dos prémios será feita contra a apresentação do bilhete premiado pelo prazo de 90 dias a contar da data do sorteio.

ESTA LISTA É A ÚNICA E VERDADEIRA

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Amélia da Costa Correia
VISEU, 8 — Faleceu na sua resi-
dência, na Rua 5 de Outubro, a
sr.ª D. Amélia da Costa Correia,
casada com o sr. José Rodrigues
Correia e mãe da sr.ª dr.ª D. Maria
Teresa da Costa Correia, profes-
sora da escola técnica desta cidade.

Luís José Barradas

ALTER DO CHÃO, 8 — Após
missão de corpo presente, realizou-
se para o cemitério local e consti-
tuída sentida manifestação de pe-
sar o funeral do sr. Luís José Bar-
radas viúvo, da sr.ª D. Maria Ger-
trudes Cordeiro Barradas. Natural
da freguesia dos Mártires, do con-
celho de Crato, aqui casou, radi-
cando-se na vila, onde gozava de
gerais simpatias e era considera-
do como se alterense fosse. Con-
tava 68 anos e era pai da sr.ª D.
Ana Maria Cordeiro Barradas, ca-
sada com o conhecido negociante
e lavrador local sr. João Antunes
Mendes Gordo.

O sr. Luís Barradas foi o pró-
típo do castigo lavrador alenteja-
no, tanto na sua maneira de ser,
como, até mesmo, no típico mo-
do de vestir. Homem agarrado à
terra, levou existência muito reti-
rada, passando a maior parte da
sua vida de devotado agricultor
no «monte», tal como já o tinham
feito seus pais e avós. Com o pas-
samento deste alterense por adop-
ção desapareceu do nosso convívio
uma genuína figura do típico
alentejano da média agricultura.

D. Maria Custódia

MONTARGIL, 8 — Realizou-se
com grande acompanhamento, pa-
ra o cemitério local o funeral da
sr.ª D. Maria Custódia, de 81 anos,
viúva, proprietária, natural desta
vila.

SUFRAGIOS

Augusto Gomes da Costa

Comemorando o 12.º aniversário
da sua morte, celebra-se amanhã,
em Salreu, missa de sufrágio por
alma de Augusto Gomes da Costa,
que foi nosso estimado companhe-
ro de trabalho e que é sempre re-
cordado com muita saudade por
quantos trabalham nesta casa

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.ª, Esq.
Telef. 32 06 60
Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª
e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª,
4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodó — Ortopedia (Ossos
e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A. Pita Negro — Clín. cirur. —
Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e
Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest.,
Fígado — Doenças Ano-rectais, Ho-
morróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v.
uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumat.
— 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sifilis —
15.30 h.
Dr. Luís Abecasis — Coração, Electro-
cardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados —
14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos —
17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp.
de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica
— 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral
— Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1968

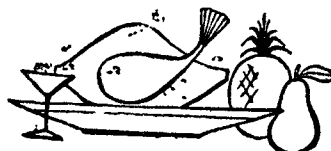
DESTILADOR PARA OS SERVI-
ÇOS FARMACÉUTICOS
CONC. PÚBLICO N.º 80/68

As respectivas condições encon-
tram-se patentes todos os dias úteis
das 9 às 12 e das 14 às 17 horas,
excepto aos Sábados (das 9 às 13.30
horas), na Secretaria dos Abasteci-
mentos.

A abertura das propostas terá lu-
gar no dia e hora indicados nos Ca-
dernos de Encargos.

Lisboa, 7 de Agosto de 1968.
Pel'o ADMINISTRADOR
Almeida Ribeiro

bom apetite



**Restaurante
CASTANHEIRA**
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ENCERRADO ATÉ AO PRÓXIMO
DIA 21 POR MOTIVO DE FÉRIAS
DOS SEUS EMPREGADOS.

ILHOTA

RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef. 49063 (Junto à Estefânia)
AMANHÃ
GRANDE VARIEDADE DE PRATOS
MARISCOS

RESTAURANTE XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE
E FICARÁ CLIENTE

NA SEXTA-FEIRA
O SEU ALMOÇO É NA
Parreirinha do Rato

Especialidades do dia:
CABEÇAS DE PESCADA
A PARREIRINHA
PATO À PORTUGUESA
Todos os dias pratos variados
Largo do Rato, 11 — Tel. 68 59 08
PARQUE PARA AUTOMÓVEIS

TARANTELA

RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

Tamborim

Restaurante - Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

CAMIONETA DESARVORADA PAROU À BEIRA DE UM LAGO DA AVENIDA DA LIBERDADE CAUSANDO QUATRO FERIDOS

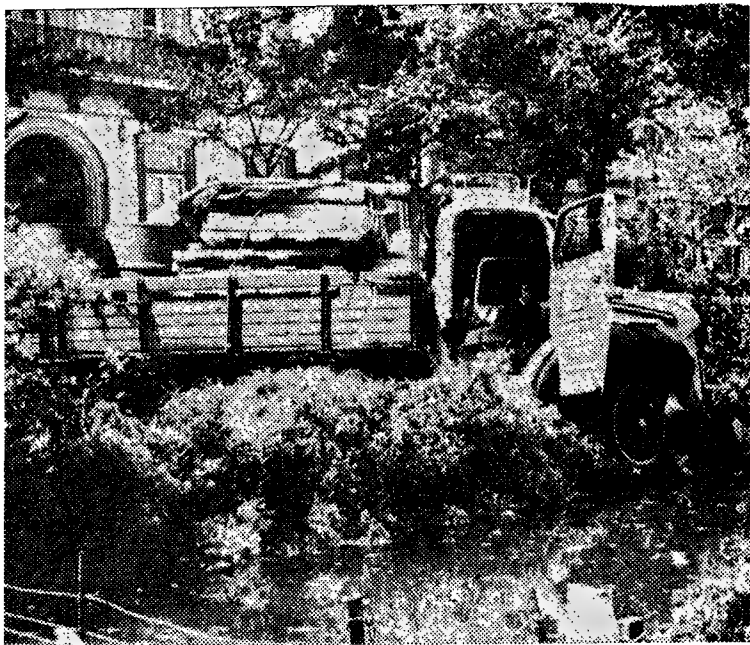
Uma camioneta a uns 80 quilómetros à hora, segundo testemunhas oculares, desceu hoje toda a Rua da Conceição da Glória, com o motorista a gritar, atravessou a faixa oriental da Avenida da Liberdade e foi parar no gradea-

mento do pequeno lago, assustando cisnes e peixes, depois de ter colhido duas pessoas e um veículo, em consequência de se lhe terem partido os tra-

vões. Foi cerca das 13 horas que a camioneta desarvorada, fretada pela Shell para a distribuição de óleos e carregada com bidões desse produto e ainda de «Shelltox», desceu aquela rua, semeando o pânico entre os transeuntes àquela hora numerosos por ser hora de saída dos escritórios da Avenida e da vizinha Praça da Alegria. Era conduzida por Mário Vieira, morador na Rua dos Marcos, em Moscavide, o qual tinha como ajudantes Floriano Duarte de Carvalho, de 46 anos, e um filho deste, Sérgio Fonseca de Carvalho, moradores na Rua do Beato, n.º 14, porta 16. 1.º

Na sua marcha desenfreada, a camioneta colheu uma carrinha de três rodas da firma de drogas J. S. Pires e que era conduzida por Manuel Miguel de Almeida, de 42 anos, residente na Rua Pinheiro Chagas, 28, r/c, dt.º, e atropelou ainda no passeio o cozinheiro António José Gonçalves, de 58 anos, morador na Calçada do Combro, 101, 3.º

Os ajudantes do motorista — que ficou ileso — receberam tratamento no Hospital de S. José, onde o filho ficou internado com ferida perfurante no abdómen, enquanto que o condutor da carrinha foi tratado a ferimentos na cabeça, recolhendo a casa, e o cozinheiro ficou internado com contusões na cabeça. Dado a hora a que ocorreu o acidente, este suscitou curiosidade em público numeroso, a qual foi controlada por um piquete especial da P. S. P.



O aspecto da camioneta sobre o lago da Avenida

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ULTIMATO ISRAELITA

JERUSALEM, 8 — (F. P.) — Se o Governo de Argel não decidir hoje libertar os tripulantes, os passageiros e o «Boeing» da El Al, e se Argel persistir em declarar que «as averiguações continuam», o Governo israelita considerará tal atitude como «recusa de libertar o avião e os 12 israelitas retidos e tirará do facto as consequências que se impõem» — indica uma fonte geralmente bem informada.

CONFIRMADO: ERNESTO NO SPORTING

De posse do documento de desvinculação, Ernesto, o poderoso diantelero que na época finda teve actuações de realce, com a camisola da Académica, firmou esta madrugada um compromisso desportivo com o Sporting, clube com o qual, desde há longo tempo mantinha negociações.

As condições do contrato no entanto não foram tornadas publicas.

O PAQUETE «UÍGE» REGRESSOU DA GUINÉ

O paquete «Uíge» atracou hoje à estação marítima da Rocha do Conde de Óbidos. Eram 10 horas. Nele regressaram da Guiné várias unidades militares que terminaram a sua comissão de serviço naquela

provincia ultramarina. No cais encontravam-se milhares de pessoas que aguardavam o desembarque das tropas, as quais seguiram para as suas respectivas unidades, onde depois os soldados serão licenciados.

Houve a habitual cerimónia oficial de boas-vindas, comparecendo no cais, em representação do sr. ministro do Exército, o sr. brigadeiro Fernando Viotti de Carvalho, 2.º comandante da Academia Militar, a saudar os oficiais, sargentos, cabos e praças, aos quais dirigiu palavras de louvor pela sua acção na Guiné.

Q. G. do Iberlant

O comodoro Alberto Alves Lopes foi nomeado para prestar serviço no Quartel-General do Iberlant, como chefe do estado-maior, em substituição do comodoro Engénio de Sequeira Araújo, promovido a contra-almirante.

de VEZ em quando

Há dias, num matutino de Lisboa, vinha publicado o seguinte anúncio: «Clube da provincia, concorrente ao Campeonato Nacional da II Divisão, precisa dos seguintes jogadores — um médio de ataque, um interior armador, dois pontas de lança e um extremo esquerdo.» Para lá da linguagem pitoresco-futebolística (que é isto de interior armador, pontas de lança e, principalmente, extremo esquerdo, cruzeiro canhoto...) o que nos causou maior satisfação foi saber que uma terra portuguesa procura afanosamente colmatar as brechas (linguagem pseudo-pitoresco-futebolística) da sua equipa de futebol. Isto por estarmos convencidos de que tal só acontece depois da aldeia, vila ou cidade em questão estar já convenientemente servida de médico, professor, farmacêutico, bibliotecário, etc.

V. D.

VIDA POLÍTICA

Presidente do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou hoje o ministro do Ultramar, prof. dr. Silva Cunha.

Ministro da Marinha

O sr. ministro da Marinha recebeu, hoje, em audiência, o governador civil e o presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo, e, ainda, a comissão das Festas de Nossa Senhora da Agonia.

4.ª GRANDE PEREGRINAÇÃO PORTUGUESA À TERRA SANTA

DE 25 DE AGOSTO A 26 DE SETEMBRO DE 1968 (33 dias)
A mais completa visita a todos os lugares santos — 11 DIAS DE ESTADIA NA TERRA SANTA — e ainda uma magnífica viagem de cruzeiro através do Mediterrâneo, visitando Génova, Nápoles, Atenas, Alexandria, Beirute e Limassol

ESPAÑA — FRANÇA — ITÁLIA — GRÉCIA — EGIPTO — LIBANO — ISRAEL — ILHA DE CHIPRE
VIAGEM PROMOVIDA PELO COMISSARIADO NACIONAL DA TERRA SANTA EM PORTUGAL E PELO GRUPO FRANCISCANO «PAX ET BONUM»

ÚLTIMOS LUGARES

Programas, informações e inscrições:

COMISSARIADO NACIONAL DA TERRA SANTA EM PORTUGAL
Largo da Luz, 11 — LISBOA-4 — Tel. 78 05 15

ATLAS — TURISMO E VIAGENS

AV. DUQUE DE AVILA, 203-E — LISBOA-1

TELEFONES 53 37 14 - 55 62 29 - 53 38 58

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
COM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS

RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

CURSO DE CORRESPONDENTES PREPARAÇÃO PARA SECRETÁRIAS

Condições especiais para alunas com a secção de letras do 5.º ano ou Curso Geral de Comércio

ESCOLA LUSITANA DE COMÉRCIO

AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 2-2.º

TELEF. 41696

SILVEIRA & SILVA, LDA.

JUNKERS

JUNKER + RUH

COMUNICA QUE TODAS AS SUAS DEPENDÊNCIAS SE ENCONTRAM ENCERRADAS DE 10 A 20 DO CORRENTE, POR MOTIVO DE FÉRIAS.

CAMPO



PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

M. BAPTISTA
LUIS VEIGA
AMADEU
PAQUIRRI

Toiros de José Lico

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

Telefs.: 30769-321712-761539 e 771819



LATINA

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAB

LITERÁRIO

Diário de Lisboa

SUPLEMENTO

Alexandre Pinheiro Torres
João Gaspar Simões
José Vaz Pereira
Luiz Francisco Rebello
Luz Valente Pereira
Mário Sacramento

N.º 523/8 DE AGOSTO DE 1968



Antígona, de Sófocles, representada pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, no castelo de Montemor-o-Velho em 1961

Sobre Teatro de ar livre

por Luiz Francisco Rebello

AS PRIMEIRAS noites de Verão trazem consigo um céu transparente, uma brisa morna e os festivais de Teatro ao ar livre. Por toda a Europa animam-se, de súbito, velhas ruínas, esplanadas de castelos, jardins de palácios, pórticos de catedrais — e o verbo dos grandes poetas dramáticos atinge uma vez mais o coração dos homens, irmanados no riso e nas lágrimas, reunidos para que de novo, como nos tempos gloriosos da Grécia antiga, da Inglaterra isabelina, do século de ouro espanhol, o teatro cumpra a sua função comunitária, de que a alienação burguesa o destronou.

Por toda a Europa, excepto em Portugal — onde só muito raramente se encenam espectáculos de teatro a céu descoberto, apesar de não faltarem lugares privilegiados para a sua realização, desde o castelo de Silves ao de Guimarães, desde o adro da Sé de Lisboa ao claustro dos Jerónimos, desde o jardim de Queluz ao Templo de Diana em Évora. Mas eis que este ano, felizmente, uma excepção se anuncia: a próxima representação, no parque do Estoril, do *Hipólito*, de Eurípides pela companhia do «Pirakon Theatre» de Atenas, sob a direcção de Dmitri Rondiris. Quem assistiu aos dois espectáculos que, há cerca de cinco anos, e também graças à benemérita acção cultural da Fundação Gulbenkian (a quem se deve, em matéria de teatro, a revelação do «Nô» e do «Kabuki» japoneses e do «Piccolo», de Milão), a mesma companhia entre nós apresen-

tou, ou quem, mais afortunadamente ainda, viu nos anfiteatros de Atenas ou de Epidauro representar a tragédia grega — sabe de antemão que essa vai ser, não poderá deixar de ser, uma noite de esmagadora e moção artística. Uma daquelas noites que não mais se apagam da memória dos que, amando o teatro, são dignos de amá-lo.

Mas uma noite, apenas, é muito pouco. Seria necessário que outras, muitas outras, se lhe seguissem. E não só em Lisboa, mas por todo o País. Que se enraizasse o hábito dos festivais de teatro ao ar livre. Hábito que tem, aliás, tradições longínquas na história do nosso teatro — como talvez não seja despropositado recordar neste momento.

A semelhança do que em toda a parte aconteceu, as primitivas manifestações teatrais de que em Portugal há notícia tiveram lugar predominantemente ao ar livre. Documentos antigos, como algumas constituições sinodais do século XV, ou, no caso específico das procissões do Corpo de Deus, um *Regimento dos Sacristães-Moços do Mosteiro de Alcobuça*, também do século XV, aludem explicitamente a cerimónias religiosas realizadas ao ar livre em que se contêm nítidos embriões dramáticos («jogos ou representações»); e a rubrica inicial de um dos primeiros autos vicentinos, o *Auto de S. Martinho*, diz-nos que ele foi representado «na Igreja das

Estará doente a literatura?

por João Gaspar Simões

A maior preocupação dos escritores dos nossos dias é poderem explicar-se o mais doutrinariamente possível acerca das intenções da sua obra. Tão longe foi levada nos últimos tempos esta deformação da literatura contemporânea que os romances que se escrevem, as peças que se representam e as poesias que se lêem já não são propriamente romances, peças ou poesias, mas ensaios sobre cada um desses géneros literários, ensaios esses que sistematicamente tomam o lugar da criação, como se fossem aquilo que realmente não podem ser.

Numa entrevista há tempos publicada num jornal francês uma das representantes mais apreciadas do chamado *nouveau roman* queixava-se amargamente de que a não deixassem à vontade levar a cabo o propósito fundamental da sua obra, que era, nada mais nada menos, «mostrar o esforço criador de um escritor surpreendendo esse esforço na sua fonte». Em sua opinião os filósofos e os teóricos apoderaram-se desse departamento do trabalho intelectual, não permitindo que os escritores propriamente ditos digam da sua justiça a respeito daquilo de que só eles em verdade sabem, ou seja, o próprio esforço criador. E a este propósito refere a anedota do médico chamado à cabeceira do doente cujo estado observa, declarando-o morto, com o assentimento da mulher, que, ante os protestos do marido realmente vivo, proclama: «Cala-te, o médico sabe mais do que tu!»

Com efeito, na hora presente um debate se trava entre o que o escritor pensa daquilo que faz ou quer fazer e aquilo que do seu trabalho pensam os filósofos e os teóricos da literatura. Eis um sintoma bastante grave do estado da criação literária, a qual, em boa verdade, à força quer que a considerem viva, tanto pelas declarações que prestam os

supostos criadores literários como pelo diagnóstico que dela fazem os médicos, ou seja, os filósofos e os teóricos. Ao invés do que sugere a romancista do *Planétarium*, pensamos que o médico hoje chamado para examinar o doente não profere sentenças de morte. Na opinião dos filósofos e teóricos da literatura dos nossos dias nunca a criação literária — o enfermo — desfrutou de tanta saúde.

A anedota poder-se-ia contar do avesso. Tendo examinado o doente, o médico diria que ele estava vivo, vivo e são, coisa com que concordaria o próprio enfermo, associando-se ao seu assistente clínico, na altura em que a esposa protestasse, convencida de que com efeito o marido, se não estava já morto, pelo menos se encontrava moribundo. Em nosso parecer, Nathalie Sarraute viu o problema ao contrário. Médicos, isto é, teóricos e filósofos da literatura, doentes, isto é, romancistas, dramaturgos, poetas, nunca estiveram tão de acordo. Uns e outros parecem persuadidos de que efectivamente gozam de óptima saúde.

Quem não está muito convencido disso é o público, o leitor, na anedota citada, a esposa do doente.

Pode existir, e existe de facto, desacordo no diagnóstico, uma vez que filósofos e teóricos nem sempre acordam com o parecer dos escritores propriamente ditos. É indiscutível, porém, que todos trabalham no mesmo sentido: o que a todos preocupa não é a vitalidade criadora da literatura, mas a consciência crítico-teórica de que ela está cumprindo aquilo que eles entendem que constitui a sua verdadeira função. Tanto assim é que as lamentações de uma romancista como a Sarraute não visam desacordo com o que filósofos e teóricos entendem pelo trabalho criador em literatura. A sua rejeição da interferência

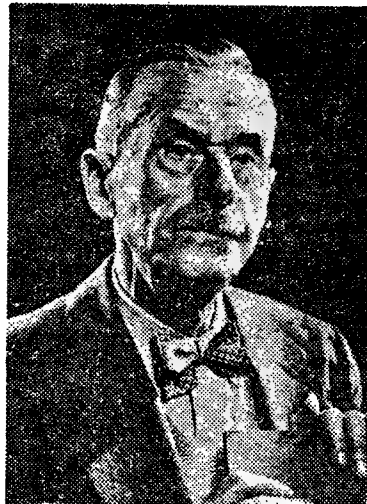


Nathalie Sarraute: contra os filósofos e os teóricos

de tais entidades no trabalho literário reporta-se exclusivamente ao abuso que quanto a ela representa atribuir-se a filosofia e a teoria literária direitos sobre um assunto em que ninguém pode opinar melhor do que os próprios criadores.

Característica indiscutível das letras do nosso tempo, seja qual for o país para que olhemos, não ousamos negar as virtudes desse tipo de literatura encarado do ponto de vista da filosofia e da teoria literária. O certo é, porém, que a grande, a verdadeira criação literária, sempre foi, em todos os tempos, não a teoria, a filosofia, a doutrina, a reflexão do escritor sobre os seus próprios esforços criadores, mas a criação em si, a obra literária, organismo vivo e são. O médico só intervém quando alguém cai doente. E a actividade exercida nos últimos tempos pela filosofia e a teoria da literatura, simil da actividade do médico chamado a observar alguém enfermo, parece sugerir que, de facto, qualquer coisa está funcionando mal no organismo das letras, que um doente, e um doente grave, caiu da cama no sector da criação literária propriamente dita.

Vem de longe já este estado de coisas. Não se compara, todavia o que ocorreu no passado com o que se verifica neste após a segunda grande guerra. Já em Gide e até em Thomas Mann se encontram elementos para um diagnóstico do mal que presentemente alastra por



A. Gide e Thomas Mann: primeiros sintomas da doença

(Continua na 7.ª página)

(Continua na 7.ª página)

O tempo suspenso

por Sheppard de Moraes

OS MELHORES TEMPOS

por John Dos Passos
trad. Maria da Graça Cardoso
Editorial Ibis
Venda Nova 1968

QUANDO há anos John Dos Passos esteve em Portugal o que mais impressionou no seu convívio foi uma singular pretensão em esquecer uma importante parte da sua biografia — aquela justamente que dizia respeito à sua presença na Península Ibérica nos anos de 1937-39. O homem que outrora fora das grandes causas revelava-se aqui como um gigante pacífico, como um monumento de cordialidade em que não figuram legendas de guerra nem inscrições ideológicas.

Os melhores tempos de Dos Passos são então os tempos dos anos vinte, talvez aqueles em que fez a sua aprendizagem de escritor e de cidadão interessado. Mas é legítimo perguntar se os dos anos seguintes — os das derrotas e das vitórias europeias — não deveriam pertencer a esse período. E nessa exclusão é indubitável que está patente uma determinação bem definida de rever o passado ou pelo menos de o não repensar.

É facto, «crescer significa excluir muita coisa» escreve agora (em 1965) John Dos Passos na obra que acaba de ser traduzida para português, *Os Melhores Tempos*. Significa excluir certas zonas do passado? Amizades? Obra? Tudo e um pouco mais. «Numa época em que os «slogans» políticos se viram ao contrário de ano para ano», diz ainda o grande romancista «uma pessoa que tente conservar um espírito interrogador tem de suportar que

velhos amigos se transformem em não amigos e até em inimigos.»

A GERAÇÃO PERDIDA

Hemingway foi uma dessas hgações cortadas. «Era um homem de excepção», como declara John Dos Passos neste seu notável livro de memórias em que desfila toda uma época de inquietação e aventura e onde alguns vultos da «Geração Perdida» se nos deparam com o fulgor genial da sua vida errante. Sim, Ernest Hemingway foi uma excepção e E. E. Cummings outra. Mas o autor de *Por Quem os Sinos Dobram* até ao último instante de vida não «contornou» o passado nem considerou que «crescer é excluir muita coisa» (e que coisa?). Em vez disso, nos *Conselhos aos Jovens Escritores* publicados no *Playboy* cinco anos antes de morrer, afirmou pura e simplesmente que «todos os anos e todos os erros são necessários à vida de um romancista e nisso deve residir um dos seus orgulhos.»

Quais os motivos do rompimento entre os dois romancistas? Dos Passos, que dedica largas páginas de *Os Melhores Tempos* à evocação de Hemingway não sugere sequer um esclarecimento.

Pensar-se que se trata de divergências meramente políticas seria temerário e abusivo. Mas já não o será afirmar-se que a trajetória social de ambos se tornou a certa altura divergente e que até à hora do suicídio, Ernest Hemingway já mais desmentiu uma atitude bem definida em relação à vida.

Sob certos aspectos *Os Melhores Tempos* é uma obra complementar de *Paris é Sempre uma Festa* (ed. Livros do

Brasil, Lda.) de Hemingway. O primeiro livro confirma o segundo nas memórias parisienses com as imagens literárias da época: Sylvia Beach e a Shakespeare & Co, Gertrude Stein, o Harry's Bar, Scott Fitzgerald e a sua estranha mulher, E. E. Cummings e, principalmente, a imagem errante de Hemingway.

Admiravelmente descritas, estas recordações de Dos Passos completam o retrato de uma idade de rebelião e de afirmação. Uma idade rememorada com certa complacência no tocante à extraordinária agitação do clima da sociedade de então e, em contrapartida, com sublinhada crueza no que respeita aos vencidos dessa época. E isto que não invalida — longe disso — o extraordinário valor do livro como documento literário faz meditar sobre o tempo e os anos — sobre Dos Passos, afinal.

PORTUGAL REMEMORADO

«John R. (pai de John Dos Passos) nasceu em Filadélfia em 1844. Seu pai Manuel dos Passos, era um emigrante da vida de Ponta do Sol, uma minúscula povoação enterrada numa fenda profunda da montanha, algumas milhas a leste do Punal, que é a capital da Ilha da Madeira...»

A abrir *Os Melhores Tempos*, de John Dos Passos, esta certidão de origem. A partir dela surgir-nos-á o grande gigante da Literatura que abriu ao romance contemporâneo as mais largas perspectivas. Os homens do *nouveau-roman* raramente o citam (Faulkner é o monopolizador oficial...), os literatos da Pop Art não pensaram nele (excepção feita a Eliot Lowell que o considera «iniciador do romance-colagem») e toda a sua projecção revolucionadora assenta numa época histórica limitada à «literatura até aos anos 50». (Algumas obras da fase inicial do neo-realismo português atestam essa influência). Se foi extraordinária a sua acção renovadora na novelística desse tempo, não é menos importante o papel precursor que ela representa numa altura em que as estruturas do romance se sacodem violentamente e em que algumas das obras contemporâneas de vanguarda utilizam a montagem e o sincopado que, noutras bases, foram lançados pela primeira vez na trilogia *U. S. A.* Mas esse capítulo não consta de *Os Melhores Tempos*, não há logicamente lugar para ele numa autobiografia de que deliberadamente foi excluída a especulação intelectual e em que tudo é condensado em acção e documento objectivo.

Para o leitor comum uma narrativa assim, dinâmica, tem aliciações de vantagem. Para o leitor português, em particular, a história deste grande do século, descendente de madeirenses, contém algumas passagens que o atraem sobremaneira. O episódio de uma escala romântica pelos Açores, por exemplo, o encontro com os republicanos portugueses ainda na vigência da Monarquia e a segunda visita ao nosso País (na companhia de E. E. Cummings) são ilustrações pitorescas da peregrinação americana no velho mundo.

«Não o conseguiu interessar Cummings por Lisboa», conta Dos Passos. «Nativo de New England até ao âmago do seu ser, sentia repulsa pela exuberância do estilo manuelino.



Il. Bernardo Marques para a edição Livros do Brasil

O velho Hemingway e o mar

Várias versões foram postas a circular sobre as origens reais de *O Velho e o Mar* e atribuiu-se até que correspondesse a uma aventura contada por um antigo pescador de Havana, John Dos Passos, em *Os Melhores Tempos* revela um curioso episódio vivido na companhia de

Hemingway, extraordinariamente esclarecedor da experiência que serviu de argumento ao romance. Neste excerto sublinha-se o designativo familiar de Old Master (com que Dos Passos tratava Hemingway) pelo nome próprio do escritor.

ERA ao fim da tarde quando Kathy e eu chegámos ao local da batalha. Ao anoitecer o atum começou a enfraquecer. Hemingway estava a recolher a linha. Toda a gente se mantinha atenta, mas o atum estava ainda preso ao anzol. Sentimo-nos muito excitados por assistirmos ao fim do combate. Havia um círculo de espectadores em barcos a toda a volta, incluindo Leeds com a sua pistola-metralhadora a bordo do *Moana*.

Escurcia. O vento amainara, mas uma borrasca de aspecto desagradável amontoava-se no horizonte. A luz do fim do crepúsculo Hemingway puxava pelo peixe, centímetro a centímetro. Ainda ninguém o tinha visto. Um homem estava de atalaia, com o gancho em riste. Nós, os restantes, acorados no topo da cabina do *Pilar*, espreitávamos para dentro de água com as nossas lanternas eléctricas.

Vimo-lo de repente, escuro, prateado e imenso. Quatrocentos quilos, quatrocentos e cinquenta quilos, quinhentos quilos, palpitavam os presentes, murmurando. Só se sabia que era um peixe enorme. Movia-se lentamente. Parecia derretado. O homem do gancho precipitou-se e faliu. O brilho prateado desapareceu. O carroto guinchou quando o peixe mergulhou.

As pragas que Hemingway soltou foram sibilantes e lançadas em voz baixa.

O peixe levou metade do carroto; então Hemingway recomeçou a recolher a linha outra vez. Não parecia que aquilo estivesse bem. Houve mesmo quem sugerisse que o peixe devia estar morto. Bill Leeds tinha mantido os tubarões à distância com a pistola-metralhadora mas deixou de fazer fogo com receio de que um ricochete acertasse em alguém. Hemingway recolhia a linha sem parar.

Nuvens de tempestade cobriam um terço do céu estrelado. Na orla das nuvens tremeluziam relâmpagos. A maior parte dos barcos pequenos regressara a terra.

Por fim, num grande movimento de água prateada e de espuma, o atum veio à superfície a dez ou a quinze metros da popa do barco. Os tubarões não lhe tinham tocado. Víamos todo o enorme comprimento do peixe, muito liso. Hemingway recolhia a linha rapidamente. Então, de repente, surgiram eles. A luz das nossas lanternas víamos os tubarões a avançar na água escura. Como torpedos. Como lanchas velozes. O primeiro atacou. Outro logo. Outro. A água estava escura de sangue. Quando o atum foi içado para dentro do barco, não restava mais nada senão a cabeça, a espinha e a cauda.

(...)

Mais tarde Bill Leeds concordou que o que todos tínhamos presenciado naquela noite fora a autêntica antestreia de *O Velho e o Mar*.

SUPLEMENTO Diário de Lisboa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

O «Eu dividido» em Mário Dionísio, por Alexandre Pinheiro Torres

LETRAS ESTRANGEIRAS

Estará doente a literatura?, por João Gaspar Simões
«Os Melhores Tempos», de John Dos Passos, por Sheppard de Moraes

CRÍTICA

Um leitor desocupado, por Mário Sacramento

TEATRO

Sobre Teatro de ar livre, por Luiz Francisco Rebello

CINEMA E LITERATURA

Mais forte que a ficção, por José Vaz Pereira
Godard por ele próprio

ARTES PLÁSTICAS

Almada e Vieira da Silva na sala de estar, por D. L.

ARQUITECTURA E URBANISMO

As casas que se constroem, por Luz Valente Pereira

Quando tentei esfregar-lhe o nariz nos grandes painéis do São Vicente de Nuno Gonçalves disse que preferia Rembrandt. Em Coimbra veio-lhe uma fobia ancestral contra o misticismo. Os estudantes pareciam-lhe todos jesuítas à paisana. No Porto em vez de investigarmos os vinhos passámos o tempo à procura de um dentista de confiança. Cummings aparecera com um dente estragado, o que desfez os meus planos de levar a pé pela Estremadura.»

«LA VIE LITTERAIRE»

De São Francisco ao Teerão, de Marrocos à Rússia Asiática, *Os Melhores Tempos* de John Dos Passos decorrem em etapas assinaladas por encontros literários. Ring Lardner aparece-lhe pela primeira vez, de pé, contra a chaminé de um salão, empunhando um copo de whisky e envolto numa névoa de bebedeira. Dorothy Parker surge como uma gralha, «dizendo as suas piadas habituais com os olhos cheios de lágrimas». Eisenstein e Pudovkin seriam «as pessoas mais interessantes e vivas que conheci em Leninegrado e Moscovo (...) homens de vastas leituras e tão diferentes dos cineastas americanos que causavam espanto.»

Aventura atrás de aventura. Encontro atrás de encontro. E os perfis literários saltam-lhe da pena com uma exactidão admirável:

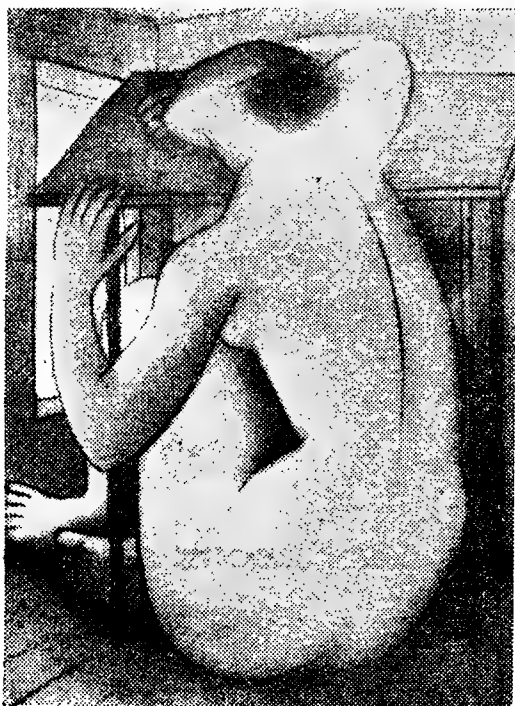
«António Machado era um ser alto e desajeitado que trazia um fato cheio de rugas, lúcido nos joelhos. Usava um chapéu alto sempre cheio de pó. Dava a impressão de ter menos iniciativa do que uma criança para as tarefas diárias da vida, um homem demasiado ingénuo, demasiado desastrado para sobreviver.»

«Don Miguel Unamuno, com a sua pele pergaminhada e a testa estreita e arredondada, parecia-se cada vez mais com Don Quijote à medida que os anos passavam (...) Começou a censurar-me pela minha ignorância da literatura portuguesa que muito admirava. O seu universo mental tinha sido alimentado tanto com Camões, e em especial o dos sonetos, como com Cervantes.»

INTERROGAÇÃO SOBRE O TEMPO

Os melhores tempos serão os da juventude, como apregoam os lugares-comuns da velhice? Onde num homem público começa e termina a juventude? O livro de John Dos Passos não se define no título que contém e essa é a única (e importante) objecção a uma obra tão rica e tão importante do ponto de vista literário como esta.

O capítulo final do livro (*A Baratinha*) fecha com a imagem de um pequeno automóvel abandonado no pátio da *Gobernación* de Madrid. É um símbolo da ineficácia e da desorientação administrativa dos republicanos, correspondendo a um episódio datado — aos primeiros dias de um regime que Dos Passos recorda hoje com apreensão e com melancólico desinteresse. Mas outros tempos se seguiram, piores e melhores para a história. Outros dias numa permanente oscilação de valores conduziram o homem, apesar de tudo, a melhores tempos do que os dos bulhçosos anos vinte.



Almada



Vieira da Silva

Almada e Vieira da Silva na sala de estar

Ter quadros em casa pode ser um empate de capital. Ou um acto de vaidade, uma ostensão de posse. Ou ainda — situação frequente de alguns coleccionadores, portugueses ou não — um acidente mais ou menos comandado ao longo de vários anos de intimidade com artistas criadores. D. Martins, que privou com Almada e Mário Eloy, está nesta última categoria.

Fomos encontrá-lo na sua quinta perto do Estoril. Mais que o facto de haver juntado uma pequena e excepcional galeria de obras portuguesas

(tem também um ou outro quadro de autor estrangeiro, e peças de estatuetária asteca), surpreendeu-nos a sua lucidez intelectual, a sua informação absolutamente invulgar sobre vários problemas. Nos anos vinte teria sido chamado um «clerc». Hoje, porém, vive retirado, e escusa-se a relatar como e a que ponto conheceu este pintor de nomeada, aquele poeta antologado.

É amigo de Almada. Desde quando? «Desde os tempos de rapaz». E não se alarga em mais considerandos. Serão precisas algumas horas para mos-

trar-nos o volume encadernado da revista «SW», administrada por ele e publicada sob a direcção do autor da «Cena do Ódio».

De Almada vêem-se várias obras espalhadas pela casa. Lá está (surpresa!) o original do desenho de Fernando Pessoa feito na tarde do enterro do poeta. E um nu reproduzido no volume «Almada» da Artis (Coleção de Arte Contemporânea). E cartões de figurinos para bailado. E outros espécimes, entre eles um segundo nu que pudemos fotografar; a mulher espreguiçou-se de encontro a uma mesa, iluminada pela claridade subtil que vem da janela à sua esquerda.

D. Martins, ou alguém presente na sala, exclama:

— Este, sim, é um dos grandes desenhos de Almada. Não tem a frieza habitual no artista.

Quanto às relações Almada-D. Martins, a história interrompe-se aqui. Impossível arrancar o quer que seja.

SOUZA CARDOSO:

PRENDA DE UM AMIGO

Na sala de estar, em boa vizinhança com centenas de livros, está um Souza-Cardoso. Como foi parar o quadro a casa de D. Martins?

Informação lacónica:

— Prenda de um amigo.

A galeria de D. Martins apresenta também obras de Abel Manta (e João Abel Manta), Eduardo Viana, Julio, Manuel Ribeiro de Pavia (várias, três das quais numa curva das escadas, três outras num quarto de dormir), António Dacosta, Sarah Afonso. Desta pintora fotografámos uma cena de campo, onde há a notar certo paralelismo com a distorção ingénua da figura humana operada por Chagall.

Um dos artistas estrangeiros representados na colecção de D. Martins é o suíço Hans Erni, radicado em Berlim nos anos trinta, onde se ligou de amizade com Kandinsky e o grupo deste.

Entretanto, o facto de D. Martins estar casado com uma senhora alemã parece autorizar-nos a imaginar relações entre o português e o suíço datadas de Berlim e dessa precisa época. Mas o coleccionador do Estoril nada adianta.

Fotografar? Podemos fotografar à vontade. O resto será conhecido um dia. Não interessa por agora, diz-nos D. Martins. Tem também guardados «papéis»: cartas, postais, documentos de vária ordem. Mais tarde se verá.

VIEIRA DA SILVA E ARPAD SZENES

Localizámos em casa de D. Martins obras de um par famoso: Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes. O conhecimento vem de longe. «Ao D. e à M. com muita ternura da Vieira da Silva».

«A mon ami D. Arpad Szenes».

O coleccionador limita-se a esboçar um sorriso quando insistimos com perguntas.

E mostra-nos então um postal que lhe foi enviado por Joan Miró, depois da passagem pela cidade de Lisboa.

Prefere falar de um «pintor de domingo», António Varela,

contemporâneo de Eduardo Viana e participante na I Exposição dos Independentes. Tem algumas obras de pequeno formato guardadas na sua colecção.



Mário Eloy

ELOY ANTES DA LOUCURA

Outro artista que D. Martins conheceu de perto, e de quem possui várias obras, é o malogrado Mário Eloy, o berlinense de adopção (também ele casado com uma alemã), tragicamente desaparecido em seguida à manifestação de uma doença mental irreversível.

A amizade de Mário Eloy, ao que apurámos por uma ou outra palavra menos lacónica, cimentou-se em Lisboa. D. Martins era visita do seu «atelier» e assistiu a várias crises. Como aquela em que o pintor, desesperado pela atitude de uma actriz com quem se ligara, rasgou todas as obras que a representavam.

De D. Martins ouvimos dizer que ajudou monetariamente alguns pintores. «Este é o problema básico, sem ele estar resolvido nunca haverá arte em Portugal. Comer pinéis faz mal ao estômago, e o unitex e a pedra são duros de roer» (José-Augusto França).

O coleccionador faz um gesto discordante: a explicação não é bem essa...

Não obteremos mais nada. A colecção em si, a matéria visual, não o movimento de coleccionar e as razões da colecção, podemos apresentá-las. O visitante sente-se frustrado, apesar de saber que tem diante de si um dos melhores (e praticamente ignorados) conjuntos particulares de pintura e desenho português deste século.

D. L.



Souza-Cardoso

OS SEGREDOS DA VIDA E DA MORTE DE UM GRANDE ESCRITOR

PAPÁ HEMINGWAY

por A. E. Hotchner

Em Paris ou em Cuba, no desespero ou na euforia que antecederam a corrida que levou à autodestruição — que se teria passado na verdade? O livro de Hotchner revela a estranha personalidade de Hemingway. Para além das anedotas — sempre saborosas — e das recordações — sempre reveladoras — a ferida secreta que nos restitui esta velha face enrugada mas fraternal e viva

COLECÇÃO FIGURAS DE TODOS OS TEMPOS

Volume ilustrado de 412 páginas: 80\$00

LIVRARIA BERTRAND

As casas que se constroem

por Luz Valente Pereira

AS ACTIVIDADES QUE SE REALIZAM EM CASA

Numerosos estudos, sobretudo estrangeiros, têm analisado as actividades que se realizam no fogo, verificando como se processam e de que condições necessitam para a sua efectivação. Passaremos a referir algumas observações e conclusões de trabalhos realizados no Laboratório Nacional de Engenharia Civil trabalhos nos quais, através de inquéritos a população nacional cliente da habitação social, de estudos relacionando as actividades em casa e as disponibilidades em espaço e ainda de análises da organização e satisfação proporcionada por diferentes tipos de fogos, se procura conhecer as actividades no fogo e como este deve estar equipado, organizado e dimensionado para as receber em boas condições.

AS ACTIVIDADES QUE SE REALIZAM OU EM CASA OU NO EQUIPAMENTO URBANO

Quase todas as actividades ligadas a casa, com maior ou menor frequência segundo os grupos socio-económicos e a disponibilidade e acessibilidade do equipamento urbano, repartem-se entre a casa e o exterior. A preparação das refeições simplificou-se, há uma maior utilização de alimentos que se compram preparados ou semi-preparados e a utilização do restaurante, do «snack» é mais frequente e generalizada, quer

transformação das matérias usadas na confecção, o aparecimento das fibras sintéticas, mais fáceis de manipular e do papel, trazem alterações profundas à função de tratamento de roupas que desaparece ou, pelo menos se modifica substancialmente.

As funções *estar, receber, recreio* de crianças e adultos e *estudo* dos jovens, repartem-se entre a casa e o exterior. Intensificou-se o convívio no trabalho, em cafés, clubes, associações; utiliza-se mais as escolas, creches, jardins de infância para os mais pequenos, criaram-se nas escolas reuniões de convívio e actividades extra-escolares de estudo e recreio que solicitam o estudante fora das horas de aula; multiplicaram-se as distrações urbanas — cinemas, teatros, espectáculos desportivos, etc. — que conjugados com a maior disponibilidade de tempo livre levam as pessoas a sair mais frequentemente de casa. No entanto, o aparecimento e rápida generalização da televisão refez, embora com outras características, o «serão familiar», o convívio de domingo; a variedade dos «hobbys», o aumento da necessidade de leitura e de formação extra-escolar, a consciencialização da necessidade de vida familiar para as crianças e jovens, trouxe uma renovação da vida familiar no quadro da habitação.

Processa-se, ao nível da casa, uma certa procura de *privacidade*, de selecção de convívio, que funciona como defe-

Prosseguimos hoje, com o artigo «As casas que se constroem», da arquitecta Luz Valente Pereira, a publicação da série de trabalhos sobre Arquitectura e Urbanismo organizada pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, de colaboração com o «Diário de Lisboa».

Já publicados:

«As cidades em que vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral («Suplemento DL» 25-7-68).

«A evolução da cidade», pelo arquitecto Carlos S. Duarte («Suplemento DL» 1-8-68).

deremos supor que o abandono da casa foi em parte forçado e devido a carências desta e não totalmente mudança de atitude. Seria do maior interesse, para programar correctamente a habitação e a cidade conhecer o mecanismo que leva à utilização desta ou daquela nos aspectos a que nos temos referido.

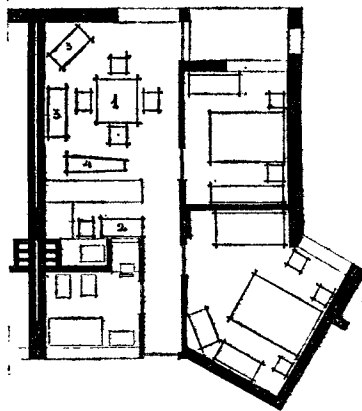
A ORGANIZAÇÃO DA CASA E A MANEIRA COMO É UTILIZADA

A preparação das refeições — que várias soluções de fogo prevêem em espaço reduzido à banca e fogão e mais ou menos integrado na sala para não isolar a dona da casa e facilitar-lhe as tarefas para as quais já não dispõem do auxílio da criada nem de tempo, na medida em que trabalha fora — necessita de espaço que permita a colocação de máquinas auxiliares, de frigorífico e o trabalho simultâneo de duas ou mais pessoas na medida em que a dona de casa é muitas vezes auxiliada por pessoa de família ou mulher a dias.

Muitas donas de casa desejariam que as refeições correntes se tomassem na cozinha. Em inquérito feito em 1963 pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil em zonas populares dos bairros de Alvalade, Olivais, Pontinha e Alcantara, verificou-se que 30 % do total das refeições de todos os membros do agregado familiar eram tomadas na cozinha e, considerando apenas os almoços, 34 % passavam-se na cozinha, 36 % no exterior, havendo uma nitida preferência pela utilização da cozinha quando o chefe de família se encontrava ausente (75 % dos almoços sem o pai são na cozinha). Isto passa-se em cozinhas exiguas, onde pareceria impossível colocar uma mesa para refeições (variavam entre os 2,5 e os 6,7 m² de área útil, com larguras livres de 1 a 2 m). Muitas donas de casa que servem as refeições na sala declararam que gostariam de o fazer na cozinha mas não é possível por absoluta falta de espaço.

Manifestou-se a lém disso uma nitida preferência por ter uma sala que se possa isolar, manter arranjada e limpa, independente de circulações, das brincadeiras incontroladas das crianças, dos afazeres domésticos que «sujam e desarrumam». Apesar de as famílias disporem de escasso número de divisões encontraram-se nos fogos inquiridos saletas com ou sem divã, numa das divisões previstas como quarto de cama, o que manifesta essa necessidade de sala isolável com carácter mais íntimo.

A necessidade contraditória de separação e contacto que exigem as zonas comuns da casa, seria resolvida criando espaços ambíguos quanto à sua função, que se agrupariam ou separariam conforme as preferências de cada família, espacia-



Casa em OLIVAIIS onde residem dois casais e um filho de 4 anos. A cozinha é local de todas as refeições (mesa 2). A sala está mobiliada como se fosse casa-de-jantar com mesa ao centro (1) e duas cristaleiras (3). A sala é utilizada para visitas e reunião da família. A presença da tábua de engomar (4) e as declarações da família inquirida indicam que é na sala que se executam os trabalhos domésticos.

ços que permitissem adopções livres de arranjo e utilização. A divisão chamada *sala comum* encontra-se sobrecarregada, é o único local onde se dispõe de um espaço não especializado — o quarto foi realizado para conter a cama, a cozinha para a banca e fogão, a casa de banho para o equipamento sanitário — todas as outras actividades caseiras, que são muitas, atropelam-se na sala, agravando ainda o facto de no agregado familiar existirem grupos de idades com exigências diferentes e necessidades individuais específicas que pedem «sitios de sala» diferenciados.

Parte das actividades que sobrecarregam a sala poderiam ser transferidas para o quarto, se este pudesse comportar uma zona para estudo, receber amigos, isto para não falar na necessidade quase nunca satisfeita mas já largamente evidenciada de dispor de número de quartos suficiente para separar filhos e filhas e permitir a existência de camas individuais.

No inquérito citado, grande número de críticas refere-se à inexistência de local apropriado para o *tratamento de roupas* que se limita à existência de um tanque na cozinha ou na casa de banho, o que provoca os maiores transtornos no funcionamento dos trabalhos domésticos — molha tudo à volta, não existe espaço para colocar a roupa lavada, impede o acesso simultâneo à banca da cozinha e ao tanque, etc. O *estendal* também não satisfaz por estar muitas vezes em local sem sol, por ser pequeno, incomodar os vizinhos e não estar relacionado com o local do tanque. Vinte e seis das sessenta e três donas de casa inquiridas disseram ambicionar uma «marquise», embora a pergunta não tivesse sido formulada.

Muitas outras observações se poderiam apontar. As indicações têm apenas a finalidade de mostrar como é necessário conhecer o que realmente se passa no fogo e a eficácia de certas propostas e ainda que as áreas geralmente praticadas são exiguas e não permitem uma utilização satisfatória das casas. Acrescente-se que certo tipo de soluções correntemente praticado é ineficaz mesmo em relação aos objectivos que se propõem alcançar. A casa feita para uma utilização totalmente condicionada não leva os utentes à adopção dessa maneira de habitar, mas a uma sobreposi-

AS CASAS QUE SE CONSTROEM SATISFAZEM OS SEUS MORADORES? QUE CASAS SE DEVEM CONSTRUIR?

para refeições correntes, quer para refeições comemorativas e de convívio social. A multiplicação das cantinas em locais de trabalho e estudo veio aumentar também, o efectivo das refeições fora de casa.

O *tratamento de roupas* mantém-se em casa embora simplificado: a preparação e confecção faz-se na costureira ou utiliza-se o «pronto a vestir»; a lavagem e passagem a ferro mantêm-se para as peças de roupa pequenas, mas para as grandes começa a generalizar-se o uso da lavandaria. O aparecimento da máquina de lavar traz, para os que a adquirirem, um retorno desta actividade para casa; a

sa individual oposta às inúmeras solicitações e convívios obrigatórios fora de casa. A família e através dela a casa, meio onde ela se reúne, tem a função cada vez mais necessária de segurança afectiva que o anonimato e mobilidade da vida urbana não asseguram. No entanto, só uma habitação que permita uma certa independência dos membros do agregado familiar, pode proporcionar bem-estar na coabitação, privacidade na vida em comum. Foi, pelo menos em parte, a falta de espaço em casa, a impossibilidade de separar dentro dela pessoas e funções, que levou utilização dos equipamentos colectivos. Po-

Godard por ele próprio

JEAN-LUC GODARD, sem dúvida o mais citado, imitado, contestado, apupado e endeusado cineasta contemporâneo, foi o escolhido (óbviamente) para iniciar a colecção «Cahiers du Cinéma» das Éditions Pierre Belfond.

Com introdução e notas de Jean Narboni (um dos críticos dos celeberrimos Cahiers), o volume agora chegado aos escaparates dos nossos livreiros é totalmente preenchido com textos e entrevistas do incómodo realizador (de 1950 a 1967), acrescidos de uma filmografia que termina em Week-End, a última das três obras realizadas por Godard no ano transacto. Na introdução do livro, e após

ter inventariado os objectivos da colecção (dar a palavra aos próprios cineastas, reunindo textos críticos, ensaios teóricos e entrevistas, de modo a poder confrontar-se directamente o autor e a obra, o crítico e o cineasta coincidentes na mesma pessoa), Jean Narboni explica o porquê da escolha inicial de Jean-Luc Godard:

«Escolher para começar Jean-Luc Godard significa, para nós, apresentar um conjunto de textos pelos quais o princípio desta colecção não seria apenas justificado ou ilustrado, mas verdadeiramente proclamado. Quem se reportar a determinadas declarações do autor contidas neste volume verificará re-



petidamente afirmadas a sua crença na ausência duma real descontinuidade entre as actividades críticas e criativa e o desejo de as prosseguir sempre e cada vez mais estreitamente ligadas. Segundo o seu próprio testemunho, a passagem à realização não implicou qualquer ruptura radical de actividade, mas uma simples mudança de situação das duas práticas, uma inversão do modo de integração recíproca. Se, num primeiro tempo — o de reflexão crítica, unicamente — esta, alimentada dos filmes de outros cineastas, desenhava no vazio e designava o lugar onde devia situar-se a obra futura, vimo-la em seguida situada numa espécie de zona

O «Eu» em Mário Dionísio

por Alexandre Pinheiro Torres

ção de utilizações e ao abandono da casa assim que as circunstâncias económicas o permitem.

Confirma-se portanto através dos inquéritos a insatisfação que existe em relação à casa, que esta não serve mesmo as populações de poucos recursos, equipamento reduzido e poucas exigências. Uma melhoria geral das condições económicas e a promoção social tornarão mais aguda a noção das deficiências.

Os programadores da habitação encontram-se perante um problema delicado — procurar conhecer as necessidades habitacionais actuais e previsíveis e definir programas que satisfazendo-as tenham em conta os condicionalismos

sitos, nasceu a necessidade de definir EXIGÊNCIAS MÍNIMAS e de concretizá-las em PROGRAMAS MÍNIMOS. Mas que noção de MÍNIMO adoptar? Que bitola nos vai permitir estabelecer uma escala de valores e prioridades?

O Arq. Nuno Portas propôs um critério ligado à própria perspectiva de desenvolvimento — «pode entender-se a noção actual de MÍNIMO como o conjunto de condições abaixo das quais o *habitat* possa concorrer para restringir o próprio desenvolvimento da vida individual e de grupo que a sociedade permitiria numa dada fase da evolução...»

A noção de MÍNIMO corresponderá a uma maneira de encarar a habitação. É uma es-

Será um lugar-comum afirmar que toda a grande poesia põe o problema de um *eu dividido*? E será injustiça afirmar que uma das razões invocadas pelos detractores dos poetas do *Novo Cancioneiro* se estribava na circunstância de esses poetas, ao *eu* complexo da poesia do Primeiro e Segundo Modernismo, oporem um *eu* monolítico, rigorosamente extrospectivo, eliminando o diálogo dos múltiplos e contraditórios aspectos do *eu* em que, afinal de contas, todo o verdadeiro poeta se desmultiplica? Ainda hoje alguma crítica repete, nas suas análises, essa herança polémica, quando, parece óbvio, chegou a hora de rever tudo e, para além das atitudes polémicas — por férteis que elas possam ser no momento devido —, limitarem-se os analistas da poesia de um passado ainda tão presente a uma exegese rigorosa dos textos, não especulando na área de tópicos, que, na verdade, são transcendentais. Pode ver-se que na poesia de Dionísio a Cidade é assumida (na antinomia Cidade-Campo) como termo ideal da residência do Homem.

Vamos pensar, porém, que o tipo de Homem que surge nesta poesia é já o de um «Mundo Compartilhado» que superou o pessoalismo mais ou menos umbilical que havia caracterizado, em larga medida, a poesia anterior à do *Novo Cancioneiro*? Se pensarmos que na poesia de Dionísio se passa do «homem de um mundo privado» ao homem de um mundo compartilhado» por uma simples operação de ocultamento dos dramas que ao nível da pessoa humana se processam, pensaríamos certamente muitíssimo mais. É que tal passagem nunca é simples. Ela chegará a ter as complexas nuances que caracterizaram a poesia de José Gomes Ferreira, onde tal transformação — se é que ela alguma vez completamente se processa — se regista nos termos de um diálogo infundável entre aquilo a que eu já chamei de *eu individual* e de *eu social* do poeta. Penso que a existência deste diálogo — por ele andar com evidência de pedra à superfície de tudo — jamais foi posto em dúvida por quem quer que seja. Mas penso também que, por esses diálogos serem menos transparentes noutros poetas que lhe são afins, há ainda a tendência para se afirmar que a posição exclusiva dos poetas do *Novo Cancioneiro* é aquela em que ao homem introspectivo da poesia anterior se opõe um homem de acção, imune à peste do drama egocêntrico.

No caso de Mário Dionísio, o problema do *eu dividido* começa logo a pôr-se em *As Solicitações e Emboscadas*. Parece ter-lhe sido fácil eliminar em *Poemas* (36-38) um dos termos do binário introspecção-extrospecção, quando ele estatua a necessidade (podemos dizê-lo assim) de o homem assumir um mundo muito mais amplo do que estava contido entre os muros do seu Jardim de Delícias. Mas, desde logo, em *As Solicitações e Emboscadas*, o Poeta põe a legitimidade de se poder usar, com propriedade, o termo Cidade como símbolo monolítico de um mundo compartilhado sem soluções de continuidade. Se essa Cidade está a «tantos ausente», também estará «a tantos ausente», dirá ele na poesia *Cidade* (pág. 67 de *Poesia Incompleta*). Aqui o homem do «chagado inútil dra-

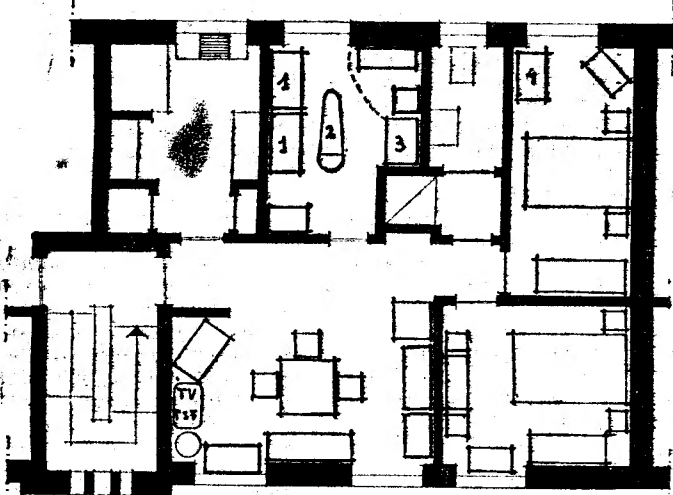
ma» pessoal, quer dar-se a essa Cidade, símbolo da participação.

Mas esta dívida esbarra numa «máscara aberta», de «coação ausente». O homem do «chagado inútil drama» não encontra na Cidade, na aparência fútil ou superficial dela, o calor de um sentimento comunitário que se lhe apresente como refúgio ou compensação. O próprio Poeta o incita a ir para além das aparências, da «máscara aberta» e «do coação ausente», com o que se denuncia o carácter impessoal a frio da Cidade, a sua face convencional e até hostil. Diz-lhe: «vai lá ao fundo e verás lá bem no fundo/e bem escondido onde a vida se acalenta/ o sentido da hora e o amor do mundo».

Esta posição exige a admissão de que a passagem do «homem do mundo privado» para o «homem do mundo compartilhado» não se realiza por uma decisão voluntária, a tal nível que o primeiro seja completamente esquecido e reduzido à cota zero que a crítica mais acerba dos poetas da geração de 40 lhe atribuiu. Em *As Solicitações e Emboscadas* assiste-se, pelo contrário, ao aparecimento do diálogo entre estes dois tipos de homem, à sua convivência, e à impossibilidade, em última análise, do primeiro deles ser superado, porque sempre a sua presença subsiste teimosamente, e o

O Poeta possui consciência perfeita dessa divisão. «Consciência» (pág. 77) diz: «Cada minuto uma questão/ mil fronteiras que venço ou que não venço / mas nenhuma de mais dura e duradoura combustão: / ser o que penso». É perfeitamente evidente que há aqui a admissão de dois planos diferentes entre os quais se debate: o plano do real, do ser; e o plano mental, o plano onde reside o homem que ele, Poeta, deseja ou *sonha* ser. Mais tarde em «Introspecção» (pág. 105) ele fala da «saúde dum outro», e pergunta: *Será a mim que lembro?* Claro que este *mim* está carregado do sentido muito pessoal do eu alheio a um mundo compartilhado ou compartilhável.

Neste diálogo que o Poeta regista não há dúvida, porém, que ele, do lado de fora, toma um partido. Já o sabíamos de *Poemas* (36-38). E é precisamente o partido do «homem do mundo compartilhado», ou do «eu social» que caracteriza o registo vocal do *Novo Cancioneiro*, e nunca a negação da existência de um *eu* muito pessoal como é, desde logo o caso de um Carlos de Oliveira, de um João José Cochofel ou de um Polibio Gomes dos Santos, etc. etc. Que Mário Dionísio toma esse partido podemos vê-lo, com toda a clareza, pelo próprio título que dá ao poema da pág. 101, «Os caminhos do eu megalómano». E penso que



Casa em ALVALADE. Residem dois casais, uma sobrinha de 5 anos e um filho de 12. Seria portanto necessária utilizar todos os quartos de dormir. A falta de previsão de local para as actividades em casa levou esta família a ocupar um dos quartos com as máquinas de costura (1), tábua de engomar (2), recanto para o filho brincar (a pontado) e um divã fechado (3) que serve de cama para o filho. De notar a falta de espaço para a colocação do berço (4)

económicos impostos pela política de investimentos:—qual a casa que proporciona aos moradores o modo de vida desejado e que corresponde às suas necessidades actuais e futuras — qual a casa economicamente ajustada ao grau de desenvolvimento e às possibilidades de investimento do país no sector da habitação dada a extensão das carencias num dado momento.

A NECESSIDADE DE DEFINIR PROGRAMAS MÍNIMOS SATISFATORIOS

Da conjugação dos condicionamentos económicos e da noção de que a casa tem de satisfazer determinados reque-

colha guiada pelo conhecimento do que representa e exige uma casa para as populações que as irão habitar imediatamente e durante TODO O TEMPO DE DURAÇÃO DO EDIFÍCIO. Esta escolha irá condicionar durante um cento de anos a vida das famílias que nela habitarem. Se pensarmos que este condicionamento é decidido para milhares de fogos e pelo período de um século, se pensarmos nas transformações que este período forçosamente comportará e que se irão repercutir na vida em casa, facilmente nos apercebemos da responsabilidade da definição de programas mi-

(Continua na 6.ª página)

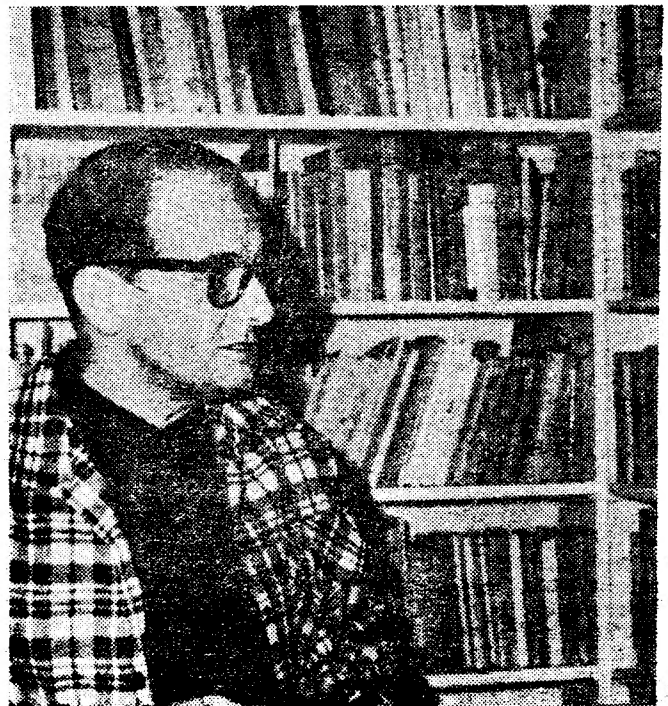
marginal, à beira dos filmes, e depois integrada mais profundamente na sua própria substância até articular, por fim, a profunda conjugação dos seus elementos.

Não é este o lugar, na presente introdução, para assinalar as qualidades de escrita dos textos que recolhemos. Note-se apenas que, nunca se esgotando na simples relação com o objecto, que os suscitou ou na transmissão duma opinião, eles tomam as formas mais variadas (ensaio, epigrama, poema breve, panfleto, colagem, conto, novela, carta, telegrama), testemunhando a liberdade plena, a diversidade de inspiração e a desordem organizada que caracteri-

zam os próprios filmes de Godard.

A polémica gerada à volta da actividade cívica, crítica e criativa de Jean-Luc Godard encontrará no volume referenciado razões suficientes para se estremar. Porque a paradoxal personalidade daquele que é, indiscutivelmente, o mais potente motor da vanguarda cinematográfica está ainda por medir no seu alcance exacto e no seu completo significado. Na circunstância, o livro editado por Pierre Belfond constitui uma achega importante e quicá indispensável.

Fanáticos (pró e contra), exprimam-se!



Mário Dionísio: tomada de partido pelo homem do mundo compartilhado

Poeta não só não pega a sua existência, como o *escuta*, como reproduz a sua fala, como admite o jogo complicado dos avanços e recuos de um e de outro, no mesmo tipo de tela que caracteriza a poesia de José Gomes Ferreira. Num movimento elar de introspecção (como se pode ver em *A Seiva Oculta*, pág. 71), confessa que ele às vezes também se vê a si próprio como *fim*, e que também canta a morte, o mistério e os requintes eternos. Certo que estes *motivos* são os típicos de uma espécie de homem que, polémicamente, o Poeta já estatuiu havia que superar. Mas aqui está também presente a confissão de que o estádio de superação tem ligações profundas com o Passado, o mesmo Passado a que simultaneamente se quer, e em definitivo, voltar as costas.

não interpreto mal se disser que as «solicitações» e as «emboscadas» são precisamente constituídas pelos mecanismos que tornam possível a emergência desse *eu*. O Poeta denuncia-os e regista-os, e chega a fazer para esse efeito, profissões tal vez declamatórias, mas que exercem a acção de uma autoterapêutica que o próprio Poeta não disfarça como tal. Podemos vê-lo em «A carne é forte» (pág. 121). Forte perante quê? Pois bem: as tais *solicitações*, as tais *emboscadas*: os mecanismos que tornam possível a emergência de um *eu* privado, como se para tal bastasse afirmar a fortaleza da carne. O próprio Poeta não está seguro disso. E alguém está?

ALEXANDRE P. TORRES
University of Cardiff
Março de 1968



As casas que se constroem

(Continuação da 5.ª página)

nimos e da necessidade de serem encarados numa perspectiva a LONGO PRAZO e não, como geralmente acontece, para satisfação de aparentes necessidades imediatas que se tornam rapidamente ultrapassadas, comprometendo social e economicamente os empreendimentos, condicionando e travando a evolução natural.

COMO PROGRAMAR A HABITAÇÃO?

O programador encontra-se perante um problema complexo que exige conhecimentos que abarquem:

a) — a definição da função residir no complexo urbano;

b) — o conhecimento sob diversos aspectos da população interessada;

c) — o conhecimento das actividades que se realizam no fogo, motivação, modo e condições necessárias à sua plena realização.

Qualquer destes aspectos tem de ser examinado numa perspectiva de evolução e conter as variações que caracterizam os diferentes grupos de população.

A CASA TEM DE ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE VIDA E DA FAMÍLIA

A evolução sócio-cultural e técnico-económica

Tem de encarar-se a evolução geral, prever as alterações dos hábitos, necessidades, equipamentos e actividades em casa, em relação com as modificações que tendem a verificar-se nas condições gerais do modo de vida, na medida em que os primeiros estão intimamente relacionados com elas, adaptam-se às suas exigências, são alterados sob a pressão que exercem as contingências exteriores.

Na verdade, se analisarmos as alterações mais significativas que se vão fazendo sentir na forma de habitar, verificamos que as suas origens estão em transformações de carácter geral, estranhas ao desenrolar da vida privada mas que sobre ela se vêm a repercutir — trabalho da mulher fora de casa; relações pessoais e de grupo de um tipo novo; dispersão e diferenciação das actividades dos vários membros do agregado familiar; desaparecimento progressivo das empregadas domésticas, devido a promoção profissional generalizada e alterações nos conceitos de prestígio social; alterações nos horários de trabalho e estudo; aumento dos tempos de deslocação devido à expansão e dispersão dos serviços e, por outro lado, aumento dos tempos livres, etc.

Parece, portanto, que, antes de programar a habitação, se deve conhecer como e onde se processa a vida urbana, se deve definir programas e política urbanos, de forma a inserir a residência no seu enquadramento próprio e a ter a noção tanto quanto possível exacta do que é a casa, onde deve estar e que actividades comporta.

A evolução da própria família

Outro aspecto a encarar é o da evolução da própria família:

— sua constituição e nascimento de filhos;

- aumento progressivo do seu número;
- transformação das necessidades destes ao longo do seu crescimento;
- independência e abandono da casa dos pais.

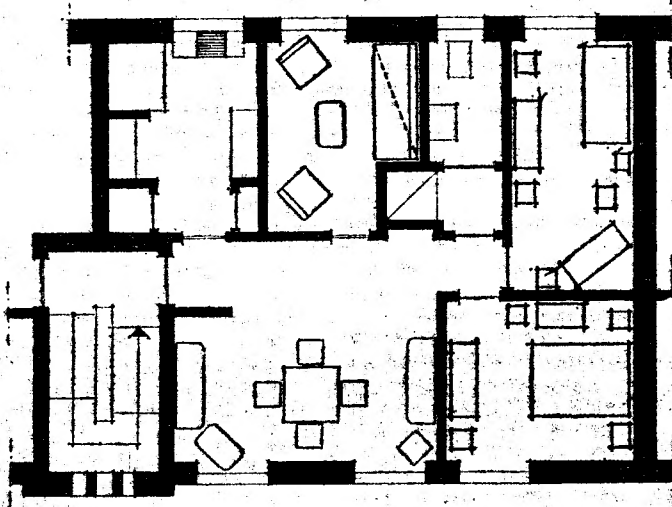
Estas alterações, a darem-se no mesmo fogo implicam uma sub-ocupação inicial e final ou uma sobre-ocupação intermédia que, a não ser pensada de antemão, pode trazer desequilíbrios graves não só ao fogo mas também ao bairro, se o critério de atribuição das casas for o que correntemente se utiliza de facilitar as casas apenas aos casais novos com maior número de filhos, o que é ainda agravado com o acesso à propriedade que impede a mobilidade dos moradores.

Veremos assim bairros que eram inicialmente plenamente habitados tornaram-se ao fim de quinze, vinte anos superlotados e, passados mais alguns anos, apresentam uma densidade muito abaixo da prevista. Além do problema da densidade, a uniformidade da

plica conhecer estatística e demograficamente as famílias, no momento do estudo e projectivamente, em números globais e parciais relacionados com as áreas geográficas determinadas pelo planeamento. Tem-se assim uma ideia do número de casas necessário, hipóteses para a sua distribuição no território e indicações da quantidade e variedade de dimensões de casas ou tipos a realizar.

COMO PODE A CASA ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO E ADAPTAR-SE AOS DIFERENTES NÍVEIS DE EXIGÊNCIAS?

Podemos concluir que variando o programa e o equipamento doméstico segundo a evolução técnico-económica e sócio-cultural, a composição demográfica e as características da família e verificando-se esta evolução não só de família para família, mas dentro de cada família por evolução natural, importa definir o grau de mobilidade das famílias e



Casa em ALVALADE. Residem um casal com um filho de 15 anos e a avó que só reside meio ano. Puderam organizar um dos quartos em saleta. A sala comum é casa-de-jantar, a saleta é local de reunião da família e é no quarto do filho que se realizam os trabalhos domésticos e onde este estuda. A sala comum tem, pois uma utilização restrita, passando-se toda a vida de casa no que estava previsto como quartos

composição por idades traz consequências graves como a superlotação de determinados equipamentos — escolas, equipamentos desportivos e outros — seguida do seu quase abandono alguns anos depois. Verificam-se ainda os inconvenientes da não convivência de jovens e pessoas de mais idade com importância na vida individual e social dos bairros.

PARA QUEM SE CONSTROEM AS CASAS?

As diferenças de nível sócio-económico e cultural entre as famílias

Verificando-se variações no comportamento sócio-económico das famílias, que se reflectem na forma de utilizar a casa e no grau e tipo de exigências em relação a ela, têm de definir-se «standards» de habitação que respeitem estas diferenças. Torna-se pois necessário conhecer as características sócio-económicas e culturais dos agregados familiares e saber a que correspondem, sob o aspecto da maneira de viver em casa, essas categorias e ainda que esse conhecimento permita projectar no futuro a evolução das exigências.

A diversidade de composição e estrutura demográfica das famílias

Programar habitações para o conjunto da população im-

elasticidade dos fogos mais conveniente para suportar estas modificações.

A mobilidade das famílias

Entenda-se por mobilidade a maior ou menor facilidade de mudança de alojamento dos agregados familiares, de forma a haver sempre uma ocupação plena mas não excessiva e adaptada às características do fogo. Aceitar esta mobilidade implica a possibilidade de realizar maior gama de fogos, com programas menos flexíveis, uma vez que a casa não teria de se adaptar à evolução da família mas seria esta que se transferiria para um fogo que correspondesse às suas necessidades em cada período. No entanto, só uma política habitacional que criasse condições extremamente favoráveis à transferência e assegurasse uma permanente disponibilidade de fogos, se poderia basear na mobilidade dos agregados. Esta na realidade está longe de ficar automaticamente assegurada dados os encargos que representa, no caso de famílias em expansão, a mudança para uma casa mais ampla e, por outro lado, os hábitos criados em relação à casa e ao bairro onde ela se localiza, a beneficiação de renda antiga, a existência de mobiliário já adquirido leva as famílias em redução numérica a serem hostis à troca da casa

que têm por outra, embora esta fosse mais adaptada às suas necessidades.

A mobilidade é pois um factor com o qual não é de contar, salvo se se estabelecer uma política habitacional que seja francamente orientada nesse sentido.

A elasticidade dos fogos

A elasticidade dos fogos está relacionada com o grau de mobilidade, necessitando aqueles de serem tanto mais adaptáveis quanto menor for a mobilidade das famílias. A escolha, sob este aspecto, refere-se à casa condicionante, ajustada a um determinado tipo de agregado, ou à casa flexível, suficientemente incaracterística sob o aspecto funcional e que dê aos utentes a liberdade de utilizarem diferentemente o espaço, de o adaptarem às suas conveniências, de o transformarem à medida que estas se vão modificando ou ainda, encerrar sistemas que permitam juntar ou subtrair células ou parte de casa, o que exigiria toda uma concepção diferente da organização urbana, da habitação e o emprego de processos construtivos e de montagem não tradicionais.

Não quero terminar sem uma nota que considero importante. O que foi dito enquadra-se num esquema de evolução contínua, sem mudanças bruscas de atitudes, sem inovações radicais das estruturas de base, sem mudanças fundamentais na orientação do planeamento, embora numa posição de intervir e conduzir a evolução. Outra atitude há de encarar os mesmos problemas e que le-

va a conclusões e resultados diferentes. Consiste ela em basearmos-nos numa utopia, num sistema fechado que se controla e se propõe em incidências inteiramente repensadas, eliminando todas as forças de hábito, de reacção, de inércia que pesam em toda a evolução: imaginar um salto brusco para uma sociedade ideal, embora baseada nas possibilidades «teóricas» da sociedade existente, e pensar a organização e as infra-estruturas que permitiriam a sua concretização.

Não me parece que, no plano teórico, as duas posições se oponham. A primeira é mais realista pois diariamente se tem de actuar e essa acção pode favorecer ou comprometer o futuro: as pessoas não mudam radicalmente e só uma acção educativa generalizada lhes permite uma adesão e a real participação na mudança. A segunda é a única com verdadeiro sentido criador, indispensável para definir a etapa-objectivo a longo prazo e é através dela que se vão definindo as orientações principais e as intervenções mais actantes nas estruturas reais.

Parece-nos necessário que os responsáveis pela programação estejam atentos a estes dois aspectos. É indispensável conhecer a realidade existente; mas todos os resultados dos estudos projectam-se no futuro que o programador tem de imaginar, de propor de uma dada maneira. O presente organiza-se, constrói-se, numa perspectiva de progresso que é necessário definir.

Lisboa, Abril de 1967.

Imprescindíveis na biblioteca do homem culto, as obras do mestre do Saudosismo, uma das mais altas figuras da nossa literatura

OBRAS COMPLETAS DE

TEIXEIRA DE PASCOAES

sob a direcção do

Prof. JACINTO DO PRADO COELHO

Acaba de sair o IV volume contendo:

Introdução de Leonardo Coimbra

REGRESSO AO PARAISO ELEGIAS

O DOIDO E A MORTE

45\$00

Volumes publicados

1.º volume: 45\$00

Introdução • Tábua Cronológica

BELO • A MINHA ALMA • SEMPRE • TERRA PROIBIDA

2.º volume: 40\$00

A VENTURA • JESUS E PA • PARA A LUZ • VIDA ETÉREA

3.º volume: 45\$00

SOMBRAS • SENHORA DA NOITE • MARANUS

LIVRARIA BERTRAND

MAGNÍFICOS ANDARES

EM MIRAFLORES (ALGÉS)

C/ 4 e 5 assoalhadas. Bem servidos por transportes colectivos. Visite o nosso andar mobilado, em exposição das 14 às 22 horas (sábados e domingos) e das 14 às 20 horas (dias úteis).

Temos uma solução para cada cliente. Lotes 90, 130 e 131.

Avenida Principal de Miraflores (junto à Praça de Touros de Algés) Telef.: 213102-212288.

S. P. O. C. — Soc. Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

Sobre Teatro de ar livre

(Continuação da 1.ª página)

Caldas, na procissão do Corpus-Christi, no ano de 1504.

Ao ar livre, por ocasião de festas religiosas ou profanas, apresentavam os jograis o seu repertório, variamente inspirado nas vidas de santos, nas novelas de cavalaria, nas cantigas de amigo ou de escárnio e maldizer. É certo que, por vezes, o cenário dos seus entremezes era, não já o largo da feira ou o terreiro em frente da igreja, mas sim a sala de algum castelo feudal, ou



PAULO QUINTELA: TEATRO PARA O AR LIVRE

mesmo dos paços reais. E embora estes últimos fossem a sede natural dos «momos», não é menos certo que, nos festejos de maior ressonância, o carácter eminentemente aristocrático destas representações não excluía uma larga comparticipação popular: tanto os «momos» comemorativos das núpcias da Infanta D. Leonor com o Imperador Frederico III da Alemanha (Lisboa, 1451), como os que se destinaram a celebrar as bodas do Infante D. Afonso com a princesa D. Isabel de Castela (Évora, 1490), longe de se confinarem aos salões da corte, extravasaram para as ruas da cidade, onde, conforme regista Rui de Pina, acerca dos últimos, na *Crónica de D. João II*, «muitos e bem naturais entremezes houve na praça e em outras partes pelas ruas».

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS
ACESSÍVEIS



///
Avenida Padre
Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

DINHEIRO

PROPRIEDADES
URBANAS
E RUSTICAS
Juros da lei
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R CONDE REDONDO, 14-20
TELEFNS. 52248-556580

Com a Renascença, o teatro reclinou-se no recinto fechado das cenas ditas «à italiana». Todavia, em Portugal, o domínio castelhano subsequente ao colapso de 1580 trouxe consigo uma fórmula intermédia, representada pelos «pátios de comédias» (dos quais o primeiro, o Pátio do Borratém, existia já em 1588), que eram recintos murados mas a céu descoberto. A partir do século XVIII e durante todo o século XIX o teatro abandonou o ar livre; e só em 1911 se assiste a uma tentativa — curiosa, mas de efémera duração — de criar, em Lisboa, um «Teatro da Natureza», por iniciativa do actor Alexandre Azevedo e do cenógrafo Augusto Pina. Escolheu-se para esse efeito o Jardim da Estrela que «se prestava com a sua sombra escura de árvores, sua penumbra discreta nos longes do cenário e um tom de velada que faz sonhar e sentir» (para citar palavras de um comentário de A. Forjaz de Sampaio); e durante o mês de Junho ali foram apresentados três espectáculos em que tomaram parte, entre outros, os actores Adelina e Aura Abranchedes, Bárbara Wolckart, Luz Veloso, Azevedo, Teodoro Santos: uma versão livre da *Oréstia* de Esquilo por Coelho de Carvalho; a *Cavalleria Rusticana* de Verga; e um programa composto por três peças em um acto de Coelho de Carvalho, Pedroso Rodrigues e Cacilda de Castro.

O longo intervalo que a esta experiência se seguiu só em 1934 foi interrompido por Amélia Rey-Colaço, que nesse ano montou com a sua companhia, no adro da Sé de Lisboa, uma adaptação moderna do *Auto de Santo António* de Afonso Alvares — primeiro elo de uma cadeia de espectáculos de ar livre cujos expoentes mais altos foram, em 1935, a representação da *Castro*, de António Ferreira no mosteiro de Alcobaca, e em 1941 do *Sonho de uma noite de Verão*, de Shakespeare no parque de Palhavã. O que acerca de um e outro destes espectáculos escreveram, respectivamente, Eduardo Scarlatti (*Em Casa de O Diabo*, 2.º volume) e Luís Forjaz Trigueiros (*Pátio das Comédias*), permite-nos considerá-los como acontecimentos que fizeram data na história do nosso teatro.

Em 1952 o autor deste artigo publicava, no jornal «Ler», um apelo a favor da realização entre nós de espectáculos ao ar livre: esse apelo foi escutado, e pouco tempo depois o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, sob a direcção esclarecida do professor Paulo Quintela, apresentava-se no auditório da Tapada da Ajuda com o auto sacramental de Calderón *O Grande Teatro do Mundo*. Não era, aliás, a primeira vez que este agrupamento universitário se exhibia em espectáculos dessa natureza; em 1851 o castelo de Montemor-o-Velho servira-lhe de cenário a um festival vicentino (como, dez anos depois, lhe serviria a representação da *Antígona* de Sófocles). Em 1958 de novo o Teatro dos Estudantes voltou ao auditório da Tapada da Ajuda para apresentar a *Medeia* de Eurípides.

Tais espectáculos, porém, e outros afins, como os que, sob a direcção de Francisco Ribeiro, o Teatro do Povo realizou por todo o País em 1955 e 56, com obras de Gil Vicente, António Ferreira, Molière, Shakespeare e Marivaux) são excepcionais na actual conjuntura do nosso teatro; e só há motivo para lamentar que o cenário natural fornecido por tantos parques, castelos e monumentos do nosso país não sejam mais vezes aproveitados para a realização de festivais de arte dramática. Possa este anunciado espectáculo do «Pirakon Theatron» servir de incentivo e de exemplo...

LUIZ FRANCISCO REBELLO

Estará doente a literatura?

(Continuação da 1.ª página)

toda a literatura. O *Journal des «Faux-Monnayeurs»*, por exemplo, de Gide, ou *Die Entstehung des Doktor Faustus*, isto é, *O Diário do «Doutor Fausto»*, de Mann, na tradução francesa *O romance de um romance*, eis de algum modo já sintomas da doença que lavra nas letras europeias. Em todo o caso, tanto no primeiro como no segundo exemplos, mas muito particularmente no segundo, o *Diário* não precede nem sequer acompanha a criação em si. Thomas Mann, pelo menos, só escreveu o seu *Diário do «Doutor Fausto»* anos depois de concluída a obra-prima que é o romance desse nome. Talvez por isso mesmo *O Doutor Fausto* seja considerada uma das maiores obras de ficção do nosso século enquanto que *Os Moedeiros Falsos*, romance obra de André Gide, e ficção obra de Audie Gide, e ficção precursora no âmbito de uma literatura que se tornou médica de si própria, não passa de uma curiosidade literária.

É sobretudo depois da epidemia do «nouveau roman» que a situação se agrava e o estado do doente se torna crónico. Hoje já poucos são os escritores que dispensam o diagnóstico do seu estado ou pelo menos que confiem esse diagnóstico a médicos que não sejam eles próprios. Médico e doente tornaram-se solidários, são uma e a mesma pessoa. E se ainda há romancistas que se rebelam contra o diagnóstico que sobre a sua obra — o seu estado de saúde — preferem os filósofos e os teóricos da literatura — os médicos, portanto — é apenas por não estarem dispostos a deixar os seus erdidos por mãos alheias.

Eles próprios, pseudo criadores, ou seja pseudo vivos, é que querem ter o direito de subreptivamente a sua própria certidão de óbito. As queixas de Nathalie Sarraute contra os filósofos, e os teóricos seriam de atender, se não fossem queixas de um doente que, clinicamente morto, se julga no direito de proclamar-se vivo.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Mais forte que a ficção

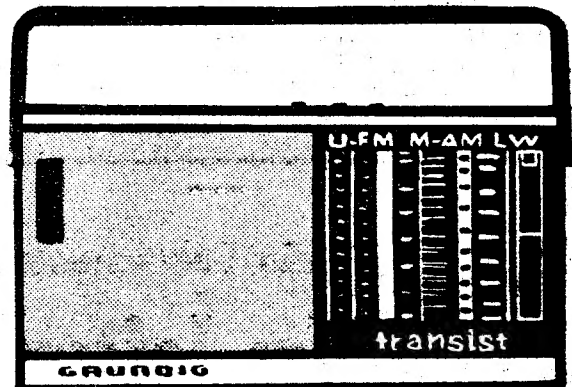
(Continuação da 2.ª página)

na-se uma realidade tão próxima como a moça da tabacaria, o empregado do café que nunca tem troco, o «chauffeur» de táxi que discute com os outros automobilistas, o homem solitário que faz as palavras cruzadas à luz do néon. Hábita um mundo desumanizado, mas plausível. Talvez até que uma perda de terreno, um enfraquecimento da garra habitual nos dois últimos romances de Deighton (*Billion Dollar Brain* e *An Expensive Place to Die*) se possa atribuir a este afastamento do carácter quase quotidiano, anónimo na sua normalidade, da operação de inteligência rotineira.

O romancista trabalha fúriosamente e viaja por todos os locais que retrata nas suas obras. A sua mesa está literalmente coberta por montes de papelada, fichas, duas máquinas de escrever IBM eléctricas, um gravador, cinzeiros, frascos com lápis e esferográficas e reservas de lâmpadas para um candeiro articulado que ilumina o campo de batalha. Deighton possui um Hillman

transist 208 o mais jovem êxito da Grundig

990000
com FM



ONDAS MÉDIAS - ONDAS LONGAS
FREQUÊNCIA MODULADA

GRUNDIG

Distribuidores exclusivos: Norte: Sordas, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L. - PORTO
Sul: NACIONAL RADIO, S.A.R.L. - LISBOA

em 2.ª mão, estuda história militar e é uma autoridade em gastronomia. Foi «art director» na revista *Vogue*, fotógrafo na RAF, publicitário na Madison Avenue, especialista em helicópteros. Encaixa na definição contemporânea de homem cultural e vivencialmente eclético «num tempo interessante». Os seus livros, tanto em *hard cover* como em edição de bolso, venderam-se aos milhões.

E, no entanto, a sua estrela parece declinar e as adaptações cinematográficas não tardaram a ser esquecidas. Ter-se-á cortado radicalmente e cedo demais com a efabulação, com a auréola mítica dos Bonds? Teremos ficado cegos de tanto nos aproximarmos da luz do Sol? Ficando perto do espelho quotidiano, Deighton expôs-se excessivamente à concorrência dos espíões reais.

O Mundo ficou a saber, pela milésima vez, ao abrir um jornal e ler que Kim Philby, o homem de Cambridge e do Serviço Secreto Britânico, o idealista dos anos 30, o rapaz com as mesmas cores na gravata era um agente da KGB, que a realidade era mais forte do que a ficção. E depois de Philby, que poderá a imaginação dos escritores de espionagem encontrar, que irão os realizadores de cinema descobrir de mais profundamente inquietante do que a história dum homem que, servindo-se de toda a emblemática do *Establishment* e da cidadela, iniciou um trabalho frio e deter-

EDUARDO LOURENÇO

Um dos nossos ensaístas mais lúcidos e importantes acaba de publicar

SENTIDO E FORMA DA POESIA NEO-REALISTA

onde se analisa em termos de crítica polémica uma das fases mais discutidas da literatura portuguesa

ensaios originais sobre
CARLOS DE OLIVEIRA
JOAQUIM NAMORADO
JOÃO JOSÉ COCHOFEL

Col. «Poesia e Ensaio» / 40\$00

EDITORA ULISSEIA

minado de destruição duma fortaleza que ele próprio dizia inexpugnável. «Philby — escreveu John Le Carré — é o Felix Krull da guerra psicológica». Acreditamos que a definição se aplica. E que deixa à porta as imitações em papel celulóide — mesmo que sejam talentosas.

JOSÉ VAZ PEREIRA

Os livros de Len Deighton:

Horse under Water, Penguin Books
O Caso Ipcress, Portugal Editora
Funeral in Berlin, Dell Putnam
Funeral em Berlim, Portugal Editora
Billion Dollar Brain, Penguin Books
An Expensive Place to Die, Dell Putnam

Os filmes baseados na obra:

1) *Caso Ipcress*, de Sidney Furie, estreado em 1965
2) *Meu Funeral em Berlim*, de Guy Hamilton, estreado em 1967

Mais forte que a ficção

por José Vaz Pereira

«Brevemente, raparigas grandes e suaves lerão Len Deighton em voz alta nos clubes de jazz» — LIFE magazine

Os anos 60 viram o renascimento, em força, do romance e do filme de espionagem. Desde Eric Ambler e de Fritz Lang que não se conhecia tal erupção. António Pedro reflectiu algures que «a burguesia, incapaz de heróis trágicos, inventou o detective». Precisou também de saber que alguém velava por ela, que levava os seus segredos, que os fechava dentro duma pasta presa ao pulso por um cadeado: à falta de melhor, conferiu ao sr. Smith ou ao sr. Dupont a di-

mensão romântica de espíões, agentes secretos, aventureiros internacionais. A guerra fria perdía-se numa Europa diferente, numa confrontação superpotências doutro tipo? O romance e o filme de espionagem prolongavam-na. Berlim era uma realidade do passado, com os seus lagos, as suas mulheres de capeline, os Vopos de binóculos assestados, os seus velhos carregados de melancolia em esplanadas afluentes, a sua psicologia de ilha? Len Deighton reconstruiu-a, sonam-

bulizava-a, criava o ambiente para o regresso de Kafka. E a ambiguidade, esse rosário de duplos, de homens que trabalhavam do lado de cá e do lado de lá? Que garantia! relatórios diferentes acabam por ser escritos pelas mesmas pessoas.

No entanto, não há dúvida que romancistas como Len Deighton e o cinema que se lhe seguia na peugada procuraram reagir contra a facilidade do super-homem género Bond, uma espécie de hóspede permanente do Hotel Hilton, destruindo, com duas penadas, impérios do crime e ordenan-

do, sem hesitação, pelo telefone interno, primeiros almoços suculentos. Com Deighton depara-se nos outro personagens: atraído por todos, desprovido de «fair-play» utilizado por serviços e burocratas bolorentos, inscrito na folha de pagamentos de tesourarias sovinas. Espíões que tomam Nescafé, a quem os chefes pisam os calos e suficientemente profissionais para saberem que SPECTRE só pode ser o nome dum programa de rádioamadores.

Palmer, tão bem interpretado por Michael Caine em *O Caso Ipcress* e *O Meu Funeral em Berlim*, chega a ser com os seus olhos interrogadores atrás duns óculos de aros grossos, com o seu nariz adunco, as suas casquinadas desconcertantes, um homem real, um sujeito com quem nos cruzamos na rua, o importuno conhecido-desconhecido que emerge subitamente no bar em que estamos com a pequena para nos informar que lhe devemos 100\$00 desde o 7.º ano. Pois é gente como Palmer (que faz os seus primeiros almoços) a quem incumbem o dirty work de prolongar a guerra fria e, de sempre que alguém se esquece duma fronteira, lembrar aos esquecidos a sua existência.

O fracasso dos filmes (mais



Palmer em Berlim

um ser humano, em que os mangas-de-alpaca ruminam baixezas com as raparigas da cafeteria da esquina e em que os espíões têm direito a carro mas são obrigados a prestar contas da gasolina. Furie forneceu algumas situações de tortura puramente pré-psíquicas e um tom geral de mediocridade bocejante cortada por momentos causticos — o inevitável Palmer abatendo, com uma rajada de pistola-metralhadora, um agente americano que «tropeçara» na mesma pista. Um caso de invasão de área, como dizem os vendedores de automóveis.

Guy Hamilton não conseguiu transmitir a atmosfera de Deighton. Se Palmer não estivesse presente, o filme seria apenas uma produção sem sabor e sem história. De qualquer modo, a ambivalência e o cli-



Mário Sacramento:

Um leitor desocupado

CREIO nos valores do silêncio, como na música. Sem as pausas que impugnaram ou questionam, o discurso era algaravia. Enchi o papo de leituras «inuteis», estas semanas. Não sei que fazer delas: ninguém as quer para nada, ao que me dizem. Sou um leitor desocupado, em sentido público, que no privado é o inverso que prezo. Como é tempo de férias, para os que as têm, não me parece mal isso. Ser leitor, de resto, é acumular o que ao crítico possa servir — quantas vezes por caminhos obscuros. E Herberto Helder, José Cardoso Pires e Rogério de Freitas fizeram-me boa companhia, no passeio que demos.

Não fomos ao Algarve porque Mário Ventura já lá tinha ido. E bem. A sua novela-reportagem (1) não viu amendoeiras-novas, mas blocos negros, como ao litoral convém.

(Pausa para reabrir o livro).

Mas blocos negros, dizia. Repasso as páginas e não os vejo, afinal. A Mulher de Luto desapareceu. Vesti as sete saias da Nazaré e tem a opacidade com que escrevo. Vende(-se) ao hóspede de Job; está algures que não é aqui. Para que falei dela, então? Estranha coisa é a leitura da ausência! Ou a escrita do que não é! Estarei eu lucido-e-triste, como o José Álvaro destes Algarves? Certo de que só farei críticas que o não são, inibido que estou para as que o seriam?

(Pausa para puxar uma fumaça).

E seriam? Das duas uma: ou a linguagem é um sistema fechado ou não é. Se é, não precisa de mim para nada: o verme que a galinha descobre, esgaravando, não foi a pata que o pôs lá. Se não é, estou desocupado; já o declarei. O *seriam* não tem nada a ver com isso: é pura hipótese.

Que estás dizendo, então? Ah sim, que os blocos negros não existem. Mas sem eles não há turismo, homem! A paisagem é bela, mas não é única: não basta. Há blocos, portanto. Blocos invisíveis, mas blocos — fora da linguagem. Emigras: eis o que isso quer dizer, feitas as contas. Passas-te para o referente, quando é do significativo que te cumpre tratar. Maldita mania a tua! Não escaramentas, alma do Diabo!

(Pausa para ver se o Morais recolheu o verbo escaramantar. Não o fez. Ai fico eu com um significativo a menos, para maior ajuda!)

Dize, então, como o José Álvaro: «Esgotei todas as hipóteses de viver nesta terra, quero ganhar forças para ter a cobardia de a abandonar...» Vês como só de dizê-lo já ficaste melhor? É tão belo não-ser! E, depois, é tudo uma questão de medula, disse-o o Mailer. Puxa pela medula, homem! (Pausa para desentupir a medula).

BANHOS de multidão: contou-me ontem um amigo que o Caraça definira assim o que faltara a um certo escritor. Mas o Algarve não é para banhos disso, se abstrairmos de que o mar é um grande viveiro. E, depois, os *mass-media* — transistorizados, popartizados, tvallenados — reduziram a literatura a um bem-pouco, que nenhuns banhos tornarão mais significativos. Vai

longe o tempo em que se aguardava, com ansiedade, um folhetim de Dickens, para se saber no que aquilo dera. O circuito significante-significado, como em simitico; a redução da História a descontinuidades, a rupturas: são a consciência de que esta se faz para além do intelectual. Lê-se mais? Lê. Mas o prelo já não tem as correias de transmissão que tinha nos últimos séculos, para a máquina do mundo. A oralidade retomou a sua força de primeiro sinal. E a semiótica comunicativa abrange um leque em que a palavra escrita faz figura de parente pobre.

Para lá dos condicionalismos locais, a problemática do jornalista em crise-de-consciência, que Mário Ventura focou neste livro, tem um alcance próprio. Ele não é já, como homem da pena, um correio sequer. O som e a imagem chegam antes dele. Ou, se não chegam, erguem uma barreira intransponível: «José Álvaro fica muito tempo em frente da folha branca mas não chega a escrever uma palavra daquilo que está a pensar».

(Pausa para reler o que não escrevi).

Não obstante, é disso também que *O Despojo dos Insensatos* se entretece. Ou disso, sobretudo, no que expende o subentende: o



MÁRIO VENTURA

resto é cascalho arenoso em que os pés se ferem. A obsessão do presente é futura que não veio. Nem se prevê. A novela é solilóquio sem multidão para banhos, a despeito da que perpassa. Uma vidraça separa-nos dela. E das próprias personagens que, simples referências mentais, não se diferenciam quando falam. Coexistem-se, standardizadas em cosmorama ou em povo.

Livro claro, não obstante. Tão claro, que só obscuramente o digo.

(Pausa para desocupar).

MÁRIO SACRAMENTO

(1) *O Despojo dos Insensatos* por Mário Ventura (Bertrand).



Len Deighton no Algarve

nitidamente em *O Meu Funeral em Berlim* consistiu em não se atingir a equivalência cinematográfica do azedume, segura, agressividade visceral e não-senso que povoa o universo crepuscular das páginas de Deighton. A obra de Sidney Furie (*O Caso Ipcress*) deixava, contudo, transparecer uma inquietação tentacular, um ambiente de insegurança e de malignidade corrosiva em que Palmer era um peão num jogo mortal disputado por dois abutres que tomavam chá em chávenas Wedgwood azuis e brancas, redigiam memos autoritários e — supremo conforto do Serviço — tinham aquecimento no gabinete. Organizando um mundo trémulo, um universo habitado por ficheiros e por arquivistas sem rosto, registando uma mentalidade em que a «mercadoria» que se disputa e se negocia é

nismo militante da história perdem-se e Hamilton e o produtor Harry Saltzman entram numa análise de códigos de honra e de retórica que nada têm a ver com os ideais que já não há para enterrar em Berlim e antes ficariam bem em *Beau Geste*.

Assim se perdeu a oportunidade do encontro do cinema com os homens comuns da espionagem que tem problemas com o Nescafé e com os parlimentos dos passaportes «por mais bem feita que seja a coisa». Que, ao contrário de Bond, que salta de cama em cama, se deixam enredar em histórias de mulheres que se lhes colam à vida como lapas aos rochedos. E que, sobretudo, só sabem meia verdade acerca da missão que vão desempenhar.

O agente secreto, assim, tor-

(Continua na 7.ª página)